ENCICLOPÉDIA
DO
INTEGRALISMO
IX

ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO

IX

EVERARDO BACKEUSER
Pe. HÉLDER CÂMARA
BELISÁRIO PENNA
MARGARIDA C. ALBUQUERQUE CORBISIER
LEOPOLDO AIRES
CARMEN PINHEIRO DIAS
PLINIO SALGADO

O INTEGRALISMO E A EDUCAÇÃO

LIVRARIA CLÁSSICA BRASILEIRA
Rua 1.º de Março, 147 — 2.º andar
— RIO DE JANEIRO —

ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO

E

O INTEGRALISMO E A EDUCAÇÃO

LIVRARIA CLÁSSICA BRASILEIRA
Rua 1.º de Março, 327 — 2.º andar
RIO DE JANEIRO

PARA SE COMPREENDER ÊSTE LIVRO

Digitalizado pela
Frente Integralista Brasileira
http://www.integralismo.org.br/
Deus - Pátria - Família

AS páginas que se vão lêr neste 9.º volume da "Enciclopédia do Integralismo" não constituem um compêndio de pedagogia, nem mesmo uma ordenação sistemática de temas rigorosamente conexos procurando unidade de expressão e perfeita harmonia de construção. Como deverão ter notado os leitores, nos volumes antecedentes, o critério dos organizadores da "Enciclopédia" tem sido o de conciliar a documentação histórica do maior movimento cultural, social e político do Brasil, em todos os tempos, com a seleção e classificação dos assuntos segundo suas afinidades e co-relações. Numa palavra: o registo do subsídio histórico subordinado à natureza dos temas.

Nos jornais e revistas que o Integralismo publicou entre 1932 a 1937, em livros dêsse período e dos anos posteriores, até ao presente, foi exposto o pensamento dos adeptos do Sigma sôbre Educação, quer no tocante aos aspectos gerais do problema, seus fundamentos filosóficos e sua objetivação técnica, assim como no referente a setores particulares ou especialisados das atividades educacionais.

Obedecendo, embora, à mesma orientação filosófica, os autores escreveram segundo interpretações pessoais, produzindo trabalhos esparsos, sem a preocupa-

ção de realizar uma sistemática educacional. No entanto se verifica em todos êsses escritos, um único pensamento: o da educação integral, para o homem integral.

Se a educação visa a formação do Homem, cumpre, antes de tudo, firmar um conceito do Homem. Segundo o critério integralista, o Homem deve ser tomado no conjunto de sua personalidade. E para se ter essa noção de conjunto, temos de considerar o Ser Humano: 1.º) — como êle é; 2.º) — como funciona subjetivamente; 3.º) — como funciona, para atingir a plena realização de si mesmo, no meio social.

Para o Integralismo, o Homem é uma dualidade consubstancial exprimindo-se numa unidade substancial, definição de Boecio que nos faz compreender que o Homem não é apenas corpo, nem apenas espírito, mas as duas coisas intimamente ligadas. Diremos mais claramente: o Homem é um ser racional, criado à imagem e semelhança de Deus, seu criador, com direitos e deveres inerentes e decorrentes da sua racionalidade e da sua finalidade. O objetivo principal do Homem é, portanto, a realização plena da sua personalidade segundo sua natureza e seu destino.

O papel, por conseguinte, da Educação, é dar ao Homem os meios para que essa realização se efetive. Essa primeira consideração quanto ao que o Homem é, leva-nos à segunda, que passa do campo da filosofia para o da especialização psicológica, fisiológica e biológica, para sabermos como o Homem funciona segundo

êle próprio, segundo a sua natureza corporal e espiritual. Sendo tôda obra educativa uma interferência de alguém em alguém, ela pode tornar-se uma coação, no sentido de deturpar, deformar ou transformar a personalidade. Não iremos ao exagêro de Rousseau e dos excessos individualistas, mas não podemos deixar de reconhecer que a melhor das educações é a que não violente a pessoa humana, conformando-a para finalidades outras que não sejam a própria finalidade do Homem, segundo sua natureza e seu destino decorrente dessa mesma natureza.

Fala-se hoje em "educar para a democracia", "educar para a liberdade", "educar para o nacionalismo", "educar para o socialismo", "educar para o desenvolvimento econômico e técnico"; só não se fala em preparar o Homem para si mesmo.

Mas é aqui que transitamos do campo da psicologia, da fisiologia, da biologia, que compreende a educação moral, física e estética, para entrarmos no campo da sociologia, isto é, do funcionamento do Homem no meio social, não só para que êste seja beneficiado pelo esfôrço e cooperação de cada um e de todos, como para que seja cada um beneficiado pela soma e condições de bens comuns que constituem a zona de condomínio de tôdas as pessoas e grupos naturais.

Esta terceira consideração sôbre a finalidade da educação oferece-nos novos dados para uma melhor compreensão da personalidade. Longe de diminuir a potência da afirmação do Ser Humano, o convívio e a parti-

cipação no meio social elevam o índice dessa potencialidade. Em última análise, a personalidade não é apenas o Ser em si, mas o Ser em face de outros Sêres. Personalidade é consciência de diferenciação. A diferenciação é resultante de comparação. E a comparação se efetiva no convívio.

É no convívio que se exprimem as diversidades de vocações, de aptidões, de tipos de inteligência, de temperamento, como se notam as afinidades, as semelhanças, as preferências. Segundo as diversidades os homens trocam benefícios; segundo as afinidades, fortalecem o esfôrço realizador e defendem seus interêsses naquilo que êstes têm de comum. A personalidade individual se fortalece pela sua participação numa família (diferente das outras) onde, por sua vez é um membro diferenciado dos demais; pela participação no grupo profissional (distinto dos outros grupos profissionais); pela participação na associação cultural; pela participação no Município ou na Província, na Sociedade Religiosa, no Grupo Nacional. Além dos caracteres físicos e psicológicos diferenciadores, o convívio social oferece a identificação de família, de profissão, de grau de cultura, de municipalidade, de provincialidade, de religião, de nacionalidade.

A educação, portanto, no sentido de instruir para maior eficiência na cooperação social completa a que visa dar-lhe expansão plena ao seu desenvolvimento físico e espiritual.

Êste, em linhas gerais, o conceito da educação decorrente da filosofia integralista e dos seus critérios interpretativos dos valores humanos, sociais e nacionais.

Ora, no presente volume, os autores integralistas que trataram isoladamente de certos problemas da Educação, não fugiram a êsse conceito e a êsses critérios. Ainda que em campos os mais diversos, encontram-se no mesmo pensamento e inspiração.

*

* *

Os organizadores desta coletânea entenderam de abrir a série de escritos com uma página de Everardo Backeuser, um dos grandes mestres e técnicos da pedagogia, cujo falecimento representou enorme prejuízo ao magistério e às letras nacionais. É extraído do livro "Técnica da Pedagogia Moderna", publicado em 1934, com prefácio do Padre Leonel Franca. Assim foi deliberado, não só porque o escrito de Backeuser está dentro da doutrina do Integralismo, como pelo fato de ter sido o eminente Presidente da Confederação Católica Brasileira de Educação um entusiasta fervoroso da obra cultural da "Ação Integralista Brasileira". Trata êle, exatamente, da Educação Integral.

Segue um discurso do Padre Hélder Câmara, hoje elevado à dignidade episcopal, em cujo contexto se encontra a noção social da pedagogia vinculada a problemas econômicos do regime liberal-burguês-capitalista e necessitando de mais amplos horizontes.

Belisário Pena, o grande higienista da "equipe" de Oswaldo Cruz, camisa-verde dos mais convictos e membro da Câmara dos Quarenta, comparece neste volume com a conferência pronunciada por ocasião de um Congresso Nacional Feminino, sob o título de "A Mulher, a Família, o Lar e a Escola".

Nesse mesmo Congresso, realizado em outubro de 1936, Margarida Corbisier apresentou um trabalho intitulado "Integralismo e Educação Feminina", o qual aparece também neste livro, seguido de um escrito de Leopoldo Aires, datado de 1937, no qual trata de "O sentido da formação pliniana", referindo-se àquele escoteirismo integralista que arregimentava em todo o Brasil cêrca de cem mil crianças.

Da geração mais recente, foi incluído neste volume um artigo de Carmen Pinheiro Dias sôbre "A Mulher e o Integralismo".

Encerrando o documentário sôbre o conceito da Educação Integralista, os organizadores do volume inseriram quatro capítulos do meu livro "Reconstrução do Homem", intitulados "Panorama do Mundo Ocidental", "Preparação para o coletivismo totalitário", "Educação" e "As causas de irresponsabilidade", os quais complementam a série escolhida para dar idéia ao leitor da preocupação do Integralismo pelo problema educacional e ao mesmo tempo as linhas mestras do seu pensamento acêrca da Educação.

Êste livro traz um Apêndice contendo as estruturas e regulamentos de algumas organizações práticas da

"Ação Integralista Brasileira no campo educacional. São os seguintes:

— *Regulamento da Secretaria Nacional de Cultura Artística*
— *Preparação das elites integralistas*
— *Estatutos do Núcleo Integralista da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro.*
— *Regulamento da Secretaria de Arregimentação Feminina e dos Plinianos*
— *Criação da Escola Brasileira de Jornalismo*
— *Estatuto da Escola Brasileira de Jornalismo*
— *Um programa de Economia Política*

*
* *

O simples enunciado da matéria contida neste volume evidencia, desde logo, o seu caráter documentário e não de obra visando compendiar uma doutrina educacional partindo metòdicamente de seu conceito filosófico, sua decorrente criteriologia, a aplicação técnica dos princípios, a concatenação lógica dos assuntos.

A "Enciclopédia do Integralismo" é, acima de tudo, uma documentação histórica. Por isso mesmo, no esfôrço inicial, esta primeira edição, deve estar incompleta E incompleta por ser resultado de um esfôrço de pesquiza. O Integralismo publicava, entre 1932 e 1937, 8 jornais diários, 5 revistas e 90 semanários, em todo o País. A maior parte das coleções foi destruída pela po-

lícia da Ditadura. Os organizadores desta "Enciclopédia" respigam, nas coleções e exemplares avulsos existentes o material com que erigir êste monumento escrito comemorativo do maior esfôrço cultural e educacional que o Brasil conheceu. Serão naturais as deficiências, as omissões, as falhas.

Estou certo, entretanto, de que, em futuro próximo, os próprios leitores desta obra colaborarão no esfôrço de juntar materiais, a fim de que tenhamos uma segunda edição mais enriquecida.

O que não se pode negar é que êste volume revela e exprime um dos aspectos da obra cultural, sem precedentes, que foi, tem sido e continua a ser o Integralismo no Brasil.

Agora mesmo, nos "Centros Culturais da Juventude" prossegue triunfante o Pensamento Integralista. O material, absolutamente novo, que êsses Centros oferecem, deverá constituir um dos volumes finais desta série que ficará marcando, para sempre, o Grande Bandeirismo Cultural e Moral do século XX em nossa Pátria, como continuação da epopéia ciclópica dos conquistadores e integradores do patrimônio territorial da Nação.

PLÍNIO SALGADO

Rio, 19-10-59

INTEGRALISMO DA EDUCAÇÃO

(Extraído do livro "Técnica da Pedagogia Moderna", de Everardo Backeuser)

A ESCOLA E O LAR

DURANTE o predomínio da escola antiga, a organização social permitia que o lar e a escola vivessem isoladamente, cada qual com sua função; a escola ensinando e o lar educando. Hoje em dia, porém, a luta pela existência leva ao trabalho homens e mulheres de quase tôdas as classes sociais. O lar fica assim deserto de prolongados carinhos para os filhos. O lar antigo, típico e formoso, desmorona-se com a vitória da democracia voraz e àvida de lucros, geradora de ambições, de dinheiro e de mando. As mães, forçadas ao trabalho externo, vão perdendo a preponderância e, às vêzes, até o contrôle na formação moral e cultural dos filhos, e se vêem obrigadas, por vontade ou sem ela, a deixá-los orfãos dos melhores carinhos. Os pais, êstes, há muito tempo já haviam a bem dizer perdido êsse gênero de contato com a próle.

Aí temos um dos motivos pelos quais a escola assumiu tão grande papel na vida social moderna. A Família e a Igreja devem continuar com os mesmos deveres educativos, mas a escola acresceu aos seus encargos tradicionalmente de fisiona-

mia instrutiva, uns tantos outros mais caracteristicamente educacionais.

Mas não é só esta a razão pela qual devem as crianças serem encaminhadas à escola. Não é só por precisarem, por não terem tempo ou competência que os pais devem mandar os filhos a estabelecimentos de ensino. Mesmo que tivessem recursos e lazeres, é discutível que devessem, êles próprios, dar-lhes o ensino durante o período infantil. Nem mesmo confiá-los a preceptores capazes. E não o deveriam fazer porque é um mal guardar as crianças em isolamento prolongado, sem emulação, longe do convívio social, longe da luta de competições, em uma palavra, longe da vida. Educada em casa, a criança perde a noção de solidariedade humana, elemento indispensável ao seu e ao progresso da humanidade. A pedagogia nova terá de ser, portanto, infensa à educação em isolamento, estando nesta parte, ao menos, em radical antagonismo com os princípios pedagógicos do **Emile. Rousseau** não pode, a êste título, ser indicado como precursor da escola nova.

Se nos Estados aristocráticos havia lugar para a educação caseira, com preceptores e mestres de especialidade, desde a retórica até à dansa, nas democracias a instrução deve se processar em estabelecimentos de convivência social infantil, isto é, nas escolas, nos colégios, nos internatos educacionais.

Na escola se forma, assim, o cidadão! e não apenas o cidadão, mas o cidadão útil, o cidadão prestante, o **brauchbarer Staatburger** a que tão insistentemente alude **Kerschensteiner.**

Isto não quer dizer que lar e escola devam marchar separados e em oposição. Ao contrário. Mais que na antiga pedagogia, solidarisam-se agora em cooperação permanente. Para melhor desempenharem seu papel social, precisam se conhecer com intimidade e interêsse, pois que, tendo funções analogas, ou complementares, entrarão em conflito se muito bem não se entenderem um com o outro. Entendimento inteligente e fraterno do qual resultatará benefício para ambos.

Hoje em dia — e ainda mais daqui por diante — enquanto perdurar o regimen democrático, — a escola será, além do local onde a criança recebe instrução, o ambiente em que se coordenam e se fortalecem os pendores sociais dos indivíduos sem perder de vista a formação da personalidade. A escola já evoluiu e continuará a marcha no sentido de mostrar (1) que o homem é sempre membro de uma comunidade social, comunidade esta que começa fundamentalmente na família e se alarga ao pequeno grupo de pessoas com os mesmos interêsses de classe ou de clan, até à Pátria, isto é, ao Estado (2), grande comunidade que abraça tôdas as demais que nela se agitam, até à Humanidade, da qual cada

ser humano é uma partícula e, no sentido espiritual, até à Igreja a que cada qual está filiado.

INDIVÍDUO E SOCIEDADE

Isto significa dizer que o homem não deve ser educado para servir **exclusivamente** a seus interêsses pessoais. Eis, a nosso vêr, a característica fundamental e intrinseca da pedagogia adotada pela escola nova, a qual se põe assim, em contraste, como bem mostra Moog, não com a pedagogia cultural, mas com a pedagogia individualista ou personalista que teria em Spranger o mais autorizado representante na atualidade e Rousseau e Spencer seus lidimos expoentes no passado. Daí decorre, explìcitamente, a alta função educativa da escola nova, contrabalançando as duas tendências só aparentemente antagônicas: o **indivíduo** e a **sociedade.**

Tôda a vida humana, econômica como social, sofre a ação dessas duas fôrças: o centripetismo egocêntrico, e um tanto egoista, e o centrifugismo associativo até certo ponto altruístico; ou seja o interêsse próprio e o mútuo auxílio: a luta pela vida e a cooperação.

Eis, em essência, as duas grandes fôrças que cabe à educação o papel de disciplinar e orientar. Qual das duas é a mais importante? Qual das duas cumpre desenvolver? Nem uma nem outra preponderantemente. Uma e outra equilibradamente.

Quando se cuida de uma mais do que da outra, aquilo que os alemães chamam **Einseitlichkeit**, a educação fica **einseitliche**, fica unilateral, fica vesga, fica manca.

A escola nova, em sua fórma mais lídima, reclama êsse equilíbrio, exige que não haja **unilateralismo**, para usar da expressão que Van Hôvre vulgarizou entre nós.

Volta assim a escola nova, por caminhos agnósticos, a lapidar fórmula cristã de "amar ao próximo como a si mesmo". Depois das tentativas frustras do **intelectualismo**, retorna a pedagogia ao preceito divino do Galileu.

PRINCÍPIOS CARDIAIS DA ESCOLA NOVA

Do confronto que se vem resumidamente de fazer no capítulo anterior, ficaram conhecidas algumas características da nova pedagogia. Dentre elas umas quantas são essenciais, outras secundárias. Procuremos fixar as primeiras, para o que necessário se torna examinar a questão segundo todos os possíveis prismas:

o pedagógico propriamente dito,
o filosófico,
o psicológico,
o político.

ASPECTO PEDAGÓGICO

Num ponto ao menos há perfeito e completo acôrdo entre todos os adeptos da escola nova: cumpre que a escola dê **educação integral.**

Não é de necessidade, neste caso, transcrever opiniões: todos os tratadistas e pedagogos, sem exceção, pensam do mesmo modo. Podem divergir, e divergem, sôbre o que seja **educação integral,** mas todos lhe proclamam a indeclinável necessidade, e não são dessa educação integral, como do equilibrado desenvolvimento a dar, durante o período primário, cada uma das suas partes constitutivas.

EDUCAÇÃO INTEGRAL

Para a realização dessa **educação integral** procura a escola nova instrumentos, que haviam caído em desuso durante o predomínio da escola tradicional ou acaso nunca haviam tido plena aplicação. São êles:

a) — a iniciativa;

b) — a cooperação;

c) — o preparo para a vida pela vida.

Qualquer educação, portanto, que não seja **integral,** ou que, embora o sendo, não utilize, como meio educativo, **conjuntamente,** os três caminhos acima indicados, não poderá em rigor ser chamada "escola nova". Não basta adotar um; não basta

adotar dois. Cumpre seguir todos três e dar **educação integral.** A leitura dos mais autorizados autores versando a nova pedagogia mostra que sinão todos, a grande maioria reconhece explícita ou implìcitamente, nestes três pontos, os **princípios cardiais da escola nova.**

Tal, para realizar a **educação integral,** dá predomínio a um dos três caminhos; qual, a outro. Nenhum, porém, desconhece a importância de todos. Alguns às vêzes exageram um dos coeficientes, mas, todavia, nunca desprezam ou abandonam os demais. Trilha certa seguirá quem se souber manter a igual distância de cada uma dessas três tendências.

Temos tido hábito, desde a primeira de nossas preleções sôbre êste assunto, de esquematizar a escola nova em um triângulo, de cujos lados partem as fôrças das quais nasce a **educação integral,** escopo central de novos métodos pedagógicos.

Embora no prosseguimento tenhamos como já foi dito, de debater cada um dêstes princípios fundamentais, cumpre desde já fixá-los sucintamente por alguns esclarecimentos.

A **Iniciativa** se opõe à **passividade.** Em vez de receber preguiçosamente e sem esfôrço ensinamentos preparados pelo mestre, cabe à criança como que procurá-los por si mesma. É o processo que tem sido chamado da **autodescoberta.** Embora certo em princípio, êste método exige, como veremos, cuidado

especiais e, si não fôr atenuado no rigor de suas exigências, será impraticável: a aprendizagem de qualquer noção demandaria tempo excessivo.

Se o professor, por dar demasiada atenção ao cultivo da iniciativa do aluno, dela apenas cuidar, não estará fazendo em sua plenitude escola nova mas tão sòmente **escola ativa**, que, como bem se percebe por êste ligeiro esclarecimento, é "uma das modalidades da escola nova" mas não é "escola nova".

Por isto que a iniciativa se traduz em **trabalho espontâneo**, intenso, forte, multiplicado, a **escola de iniciativa da criança**, a **escola ativa**, tem o mesmo sentido dado por Kerschensteiner à **Arbeitsschule**, à **escola do trabalho**, que como fàcilmente se percebe, não é pròpriamente apenas **escola profissional** ou **escola de trabalho manual**.

A COOPERAÇÃO se opõe ao **isolamento**. O ensino não há de ser dado individualmente como de hábito se o fazia na escola tradicional, mas em classe, em comum para certo número de alunos. Daí a modalidade da escola nova que tem recebido o nome de **escola comunidade. (Gemeinschaftsschule)**.

A escola comunidade não seria compreensível se ela não estivesse aliada à atividade do aluno. Cumpre que o aluno trabalhe, tenha iniciativas, mas as tenha na base do mútuo auxílio. **Trabalho em fraternal convívio** — eis, em síntese, o fundamento pedagógico-social da escola nova.

As **Arbeitsgemeinschaftsschulen** alemãs e austríacas são verdadeiramente a escola nova em sua plenitude: a **escola do trabalho em comunidade** é, de fato, a madura frutificação da moderna orientação pedagógica.

A VIDA pressupõe no seu desenvolvimento um **interêsse.** Quem vive, vive para realizar alguma coisa. Viver é lutar, e ninguém luta senão para realisar uma aspiração, um ideal. Vive-se para a alegria, para a riqueza, para a glória ou para Deus, mas vive-se sempre para conseguir alguma coisa que é o objetivo propulsor das energias. A vida do homem se desenrola, portanto, sempre em um cenário de interêsse e não de automatismo.

Do mesmo modo para a criança. De diferente ordem da do adulto, há na vida da criança um interêsse qualquer que ela deseja realisar ou adquirir: um brinquedo, um passeio, uma guloseima. Dentro do quadro de agitação normal da criança, a escola precisa despertar-lhe interêsse. Há de viver na escola a sua própria vida e não a vida futura. Eis porque a escola do interêsse (no bom sentido do vocábulo) é também a escola nova: eis porque não se pode imaginar a prática da escola nova sem ser realizada em torno de certos **centros de interêsse. Claparede,** na sua **Psychologie de l'enfant,** tem magníficos capítulos a respeito da necessidade de despertar e aguçar o interêsse infantil. Aula que não seja dada em torno de um interêsse real e efetivo é aula tra-

dicionalista, é aula passiva, é aula morta, é aula de automatos. O interêsse despertado por uma excursão, por um projeto, por um acontecimento fortuito há de ser explorado pelo professor em benefício da classe. Só assim se fará escola nova.

A EDUCAÇÃO INTEGRAL é a finalidade mesma da escola nova, como já o fôra antes, da pedagogia tomista. Apenas na prática estêve interrompida a realização dessa finalidade enquanto durou o brilho fugaz do cientificismo espenceriano. Dizemo-lo **na prática,** por que mesmo na teoria, ao escreverem sôbre os escopos da educação, jamais deixaram partidários da psicologia científica de considerar a necessidade do **integralismo da educação.**

Hão de, pois, os processos educativos arrimando-se aos três apoios supra citados colimar a **formação completa do homem,** desde o cuidado com a sua constituição física até a formação do seu caráter, sem descurar o aperfeiçoamento de sua inteligência e da capacidade efetiva de "ganhar a vida". Tudo quanto fôr necessário ao homem para a expansão de sua individualidade, para o intercâmbio social, cumpre que a escola lhe ministre por êste ou aquêle método, nesta ou naquela oportunidade.

PEDAGOGIA INTEGRALISTA

Pe. HÉLDER CÂMARA

"ESCOLA de vida, para a vida e pela vida", oh! como êste belo ideal se vilipendia no estado burguês!

Escola de vida — e de fato, em alguns centros raros e felizes, as escolas externa e internamente, se vivificaram. Construiram-se prédios higiênicos e aprazíveis, enquanto que um conhecimento melhor da criança, suas necessidades e seus atrativos, leva o ensino a uma segurança e agrado incomparáveis. Parece que o pequeno ser pela vida se prepara para a vida, que êle enfrentará confiante e risonho!

Surgem, porém, as primeiras dificuldades — que fazer com crianças pobres, paupérrimas que aparecem na escola? E o estado liberal aplica os primeiros paliativos — generosos, sim, cheios de engenho, mas provisórios e ineficazes. "Constituam-se caixas escolares, organizem-se bolsas de estudos que facilitem o estudo dos alunos pobres". Pleno domínio do caritativismo! Ora, senhores! Não é de esmola que precisa o operário são! Esmola é meio anormal, capaz é humilhá-lo necessàriamente, é revoltá-lo! E nem se diga que a esmola na classe será dada de modo tão subtil que ninguém perceberá quem pode ou quem não pode. Admitamos que, na escola, se possa criar a ilusão de igualdade e fraternidade entre os alunos — todos irmãos, rece-

bendo tratamento idêntico. Será isto viver a vida real? Mal transponham as crianças a soleira da escola e as distâncias sociais imensas um instante escondidas pelo artificialismo liberal, de novo se abrirão gritantes e profundas — uns partirão de limousines para lindos **bungalows,** outros irão a pé para míseros casébres.

Os pseudo-renovadores insistem: "mas precisamente na escola nova, ensinamos a harmonia de classes pela colaboração. Ricos e pobres trabalham juntos. Trabalham e assim aprendem a entender e amar os trabalhadores. Acresce que os pobres, pelo espírito de iniciativa e pelas práticas modernas, aprendem a vencer o meio e melhorar de sorte".

Respondamos, por partes, a êstes novos sofismas com que a pedagogia burguêsa compromete a escola renovada.

De que vale a harmonia de classes ensinada pela escola, se, na vida, quando as ganâncias e competições recalcam os liricos altruismos, o govêrno não intervem de modo claro e eficiente? E que ludíbrio a escola de trabalho das pátrias burguesas que não põem limite algum à ineficiência e improdutividade de muitos detentores de bens? Ignominia maior é fazer crer que a simples aprendizagem de técnicas modernas e o desenvolvimento da iniciativa são capazes de romper as pressões do meio e abrir claros para uma vida melhor. Um caso entre

milhares! O comum é o esmagamento da capacidade pelo meio hostil.

Quanta ilusão entre educadores sinceros e devotados! Dir-se-ia que êles se alheiam da vida real. Temendo, talvez, invasões da política no terreno sagrado da educação, não percebem que debalde se tentará a modificação de uma ordem estabelecida pela simples mudança da escola, uma das fôrças, uma só, do meio social trabalhando por influências bem maiores.

É de ver-se o calor com que êles falam em educação integral — educação física, intelectual, estética, social e religiosa.

Mas educação física? Como entendê-la sem alimentação conveniente, sem veste própria e sem habitação? Não serão as míseras fardinhas de caixas escolares ou a merenda escolar que irão suprir as deficiências orgânicas de filhos depauperados pela miséria dos pais, de crianças que na vida comum passam privações e vegetam sem ar e sem luz!

Educação intelectual? Para que se o operário será uma máquina sem direito de ser homem, nem possibilidade de ter idéias e de ilustrar-se? Nem se nos acene para as belezas aparentes de sistemas à Ford ou à Hoover. Pensamos na grande massa abandonada pela economia liberal.

Educação estética! Pensar em embelezar a vida de quem não vive, as casas que não são casas,

a miséria que não tem o necessário e nem pode conceber o supérfluo!

Inútil também a educação social, pois vimos a que se reduz a harmonia de classes que a escola prega e a vida desmente sob o olhar insensível do estado burguês!

Mesmo educação religiosa, como ministrá-la dentro das injustiças do atual regime sem transformar realmente em opio para o povo a religião do Jesus justo e justiçador?

Nós temos que reagir contra a deturpação dos propósitos tão lindos da escola nova. Nós temos que salvar a pedagogia moderna nos seus legítimos anseios! E não há dúvida que é muito mais de entender-se a escola soviética do que a escola ianquizada que os brasileiros vivem a imitar.

A pedagogia da Rússia é diabólica, mas é muito mais decidida e coerente do que a da América do Norte. Os russos não param em paliativos. Assentam, firmemente, um ponto a obter e, para a consecução do seu objetivo, empregam às claras, meios terríveis.

Para êles uma estrutura única é fundamental — a economia. O homem não é pròpriamente o homem que pensa, que descobre belezas, que educa ou reza. Antes de tudo e acima de tudo é o animal que cria sempre meios novos de produzir mais com esfôrço menor. O homem econômico.

Tudo o mais estaria em função desta economicidade reguladora de tudo. Adquirida uma técnica de produção, criar-se-iam como super-estruturas, filosofia, sociologia, pedagogia, arte e religião correspondentes.

No dia em que o homem econômico, em sua marcha insaciável, conseguisse nova técnica, de início um golpe se desferiria entre o meio novo de produzir e a super-estrutura do passado, de vez que a nova super-estrutura só aos poucos se criará. Luta de classes. Domínio da nova ordem. Prosseguimento do homo economicus para novas técnicas. Outros desajustamentos, outros choques, outros regimens, até que pela implantação da técnica do nosso século, após um período decisivo de ditadura do proletariado, se firme a ordem proletária que esta não passará.

Claro que o ponto de partida é falso e pernicioso.

O econômico não é infra-estrutura assim fundamental, nem as demais estruturas são meros epifenômenos, funcionando como florações da camada inferior.

O que destacamos é a decisão dos soviétes diante dos meio-têrmos da pedagogia liberal. Para a implantação da técnica proletária decisiva, êles não vacilam em dar como medula de sua escola a educação politécnica do trabalho.

De outra parte um ódio de morte se instila a cada momento contra a filosofia, a arte, sociologia e sobretudo a religião do regime atual a ultrapassar.

Como entendemos o desprêzo dos Pistrak, dos Pinkevitch, dos Melnikov, dos Lunatcharsky e dos Zinoviev pelos Dewey, Decroly e Keschensteiner!

E, no entanto, coerentes e justos só os educadores integralistas que ultrapassando as vacilações criminosas dos mestres burguêses, não iremos aos excessos dos mestres russos, ou ainda menos, como é o caso comum dos considerados grandes mestres da pedagogia renovada: não seremos socialistas intelectuais e burguêses práticos por conservantismo e timidez.

Dentre em pouco, uma jovem criadora de pedagogia integralista, vossa mestre de ontem e nossa irmã de hoje, a camisa-verde Letícia Ferreira Lima mostrará como nossa doutrina educacional é equilibrada e justa, verdadeira e ampla! Aqui eu ainda lembrarei como, senhores de uma doutrina assim, saberemos realizá-la sem incorrer nas tristes inconseqüências do mestre burguês.

Não intentaremos o reajustamento da sociedade pela escola. Implantaremos um regime novo e só então a nova escola poderá existir e atuar de maneira eficaz.

Substituiremos o regime de injustiças sociais e sobretudo de caritativismo — cúmplice das misé-

rias que esconde — por um regime de justiça social, sem predomínio exclusivista de classe alguma e com possibilidades verdadeiras de tôdas as classes se harmonizarem.

Possibilidade verdadeira, sim, porque não agruparemos as várias profissões. A partida tôda se sindicalizará, para erguer-se após em corporações. Um estado intervencionista e forte não crerá em bondade natural do homem ou de grupos, mas sempre vigiará contra os avanços do egoísmo e da cupidez.

Só quando todos os grupos estiverem organizados, sob tutela de um govêrno firme, podemos crer em harmonia e colaboração. Amizade entre o muito forte e o muito fraco, salvo exceção raríssima, é esmagamento com pretexto de proteção.

Tôdas as classes colocadas em nível de viver, nenhuma precisará de esmolas (a não ser em casos anormais), para proporcionar aos filhos ambiente razoável que permita educação física.

Os proletários não sendo mais reduzidos a animais ou máquinas, poderemos falar em educação intelectual.

Haverá para todos possibilidade de educação estética. Será viável uma educação social e a educação religiosa será segura e forte. Será segura e forte, e não mais o engodo precioso com que os burguêses querem que os sacerdotes acalentem as revoltas justas da massa que sofre, diante das explorações que as cruciam.

Não haveremos de expôr os pais ao ridículo que lhes impõe o estado burguês, lisongeando-lhes a vaidade com a declaração, vasia de sentido, de que lhes compete, fundamentalmente, o direito e o dever de educar. Dever e direito de educar como, se faltam os meios de cumprir esta obrigação honrosa e exercer estas santas atribuições?

Primeiro organizaremos a família, em vez de negá-la na prática como o regime burguês, ou na prática e na teoria, como soviétes lógicos e burguêses inconseqüentes.

Tornaremos realidade a interferência da Igreja, pelo acatamento prestado a seus ministros e pela incorporação do ensino religioso no todo da aprendizagem.

Professorandas camisas-verdes! Não vos seduz o trabalho criador que temos de realizar? Recompensas materiais o Integralismo não tem para vós. Sofrimentos sem conta encontrareis em vosso caminho, bem maiores do que a suspensão inócua que abriu vossa carreira. Não duvido que um dia sejais proibidas de usar o nome de professôras e haja quem pense mesmo em tomar vossos anéis.

Camisas-verdes! O lindo não é viver as horas fáceis. Belas, heróicas são as horas ásperas das escaladas difíceis. Não vos contenteis com a luz banal que as planícies contemplam. Os píncaros que nunca foram escalados, as pontas íngremes, cor-

tantes, devem guardar o segrêdo das auroras inéditas, cheias de esplendor.

Rasgai vossos pés na ascensão gloriosa. Rasgai vossas mãos e surdas aos risos dos incapazes de subir, oh, minhas irmãs camisas-verdes, ides colher fechos de luz imaculada e pura no alto das montanhas, ide contemplar de mais perto o Bom Deus! (1)

(1) **Fragmento de um discurso de paraninfo.**

A MULHER, A FAMÍLIA, O LAR E A ESCOLA

BELISÁRIO PENNA

FOI com viva satisfação que aceitei o honroso convite da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina para dirigir-vos a minha palavra sem brilho porém profundamente sincera e leal.

Desde muito venho lutando para o desvio da mulher da sua sacrossanta função de mãe de família, de senhora do lar, de educadora e modeladora do caráter dos homens, no sentido do altruismo, da bondade e da grandeza da Pátria e bem da humanidade.

Deveis, pois, compreender a minha alegria por falar em um Congresso de blusas-verdes que constituem um bloco homogêneo de resistência e de combate à tendência perniciosa da mulher para o materialismo corruptor, acarretando o descuido dos filhos e do lar, com tremenda repercussão na sociedade.

Nas sociedades primitivas a mulher não passava de um bem móvel, de reprodutora e de escrava do amo. No decurso dos séculos a situação foi se modificando até atingir a mulher os mais elevados postos nos campos das atividades humanas. Modernamente as prerrogativas por ela alcançadas pouco se afastam das dos homens, excedendo-se até certo ponto. Essa transição não se fêz sem grandes sobressaltos e graves perturbações. Disso tem resul-

tado a diminuição progressiva de respeito e consideração que aos homens inspirava a mulher, nivelada hoje a êles pelas licenciosidades que se permitem.

A fé, o pudor e o recato, femininos, que são as armas mais poderosas e os predicados mais preciosos da mulher, dia a dia se enfraquecem. Sem essa armadura ela passa de anjo a demônio, torna-se em ser desprezível, transformada em simples objeto de prazeres ignóbeis.

A fé, o pudor e o recato feminino acrescidos da cultura, hoje tão fácil de adquirir, são a couraça da união conjugal, do amor materno, do apêgo ao lar e do fortalecimento e moralidade da família. Todos êsses fundamentos essenciais de uma sociedade bem constituída se desfazem, uma vez extintos na mulher aquêles predicados.

A moeda, a dança, a pintura, o teatro, o cinema, a imprensa, a literatura, tôdas as diversões modernas, que, bem orientadas, podem ser excelentes meios de instrução e de educação moral e cívica, hoje contribuem para o despudor e degradação da mulher.

A semi-nudez das mulheres nos bailes, teatros e banquetes, a quase nudez nas praias, a representação na tela dos cinemas de atos os mais íntimos, as cenas de amores e beijos, tem requintes de lascívia, assistidos sem vexame por senhoras, moças e meninas, são um atestado do relaxamento moral

da época presente, uma provocação libidinosa, uma afronta ao pudor, o perfume delicado, o talismã com que a mulher consegue impôr-se ao respeito e à estima dos homens.

Urge, a bem da humanidade, um corretivo a loucura da mulher de querer igualar-se ao homem em tudo e por tudo, em contraposição, as leis biológicas quando o que lhe compete é procurar corrigi-los dos seus vícios e desregramentos.

A mulher encontrará a verdadeira esfera de ação, adequada ao sexo e aos seus deveres cristãos, no desempenho das funções do lar e da família, fundamentais para a educação física e moral da prole; da escola, e de tudo quanto tenha relação com êsses alicerces das sociedades moralizadas e sadias, tais a assistência social, sobretudo as que visam amparar as mães e as crianças — maternidade, creches, preventórios, lactários, escolas de mães, orfanatos, institutos de artes domésticas. Nada disso impede, antes exige a cultura e o aprimoramento do espírito.

Por abandonar a mulher as suas elevadas atribuições naturais para debater-se no pantanal de egoísmos e de vícios em que vivem os homens é que o lar e a família atravessam tremenda crise de relaxamento e dissolução. Enquanto ela se manteve adstrita aos deveres naturais de senhora do lar, de zeladora da sua economia, de educadora dos filhos, os homens eram bem melhores do que hoje.

Grande, senão a maior culpa da desorientação mental que vai pelo mundo, do materialismo sórdido e da amoralidade em que se chafurda a humanidade cabe à mulher pelo seu alheiamento do lar, com repercussão nefasta na família, fundamento da solidariedade social.

Mas se enfraquece o lar com o sistema moderno dos apartamentos em grandes edifícios, verdadeiras casas de cômodos de alto estilo, onde não entra a natureza com quintal e jardim, flôres e pequena criação. São apartamentos, onde não há prazer em estar , é um suplício para as crianças.

Os desperdícios, as extravagâncias e desenvolturas das mulheres, sobretudo na Norte América, vão num crescente apavorante, sem que se possa imaginar até onde irão — Abyssus abyssum invocat — o cinema incumbe-se da sua divulgação e imitação em todo o mundo.

Cabe em grande parte a culpa disso ao industrialismo, ao funcionalismo excessivo, ao êxodo das populações rurais para as cidades, ao gôsto pelo luxo, as múltiplas instituições de caráter mais comercial do que social — associações recreativas, clubes, cassinos, cabarés, cinemas, emprêsas de viagens, salões de chás dançantes, institutos de desportes, que brotam como cogumelos em tôda parte e monopolizam o tempo e o pensamento, acarretando o descuido dos filhos e do lar, onde se come

às vêzes e se dorme durante o dia. Nas classes elevadas das grandes cidades, limitado é o número de mulheres que sabem escolher e conciliar as diversões e os sagrados deveres do lar.

Para o seu enfraquecimento e dissolução nas classes médias, contribui bastante a crescente carestia da vida, o aluguel elevado da casa, e a pressão cada dia maior das necessidades criadas pelos novos inventos, dispendiosos, além da preocupação comum a muita gente de aparentar fortuna e acompanhar todos os caprichos da moda, criações de espertalhões da indústria e do comércio, que exploram a frivolidade de mundanas desocupadas e de cocotes favoritas de magnatas viciosos.

Nas classes de trabalho o que mais enfraquece a família é a falta de lar próprio, a mudança freqüente, a alimentação deficiente, a falta de confôrto, de espaço e de higiene da habitação, raramente propriedade do ocupante, quer nas cidades, quer nos campos. É gente errante, de saco sempre às costas, de subúrbio em subúrbio, de casébre em casébre, de cômodo em cômodo das abjetas habitações coletivas, nas cidades; de fazenda, de Município, de Estado em Estado, os trabalhadores rurais.

Das causas apontadas resultam conseqüências calamitosas para a sociedade, desorganização ou deficiência do trabalho, doença multiforme e generalizada, apavorante mortalidade, incremento dos vícios da prostituição, da demência e do crime; pro-

cessos anti-concepcionais e a indústria ignominiosa do aborto provocado, largamente difundida e das mais prósperas para gaudio dos seus asquerosos exploradores e conseqüências mórbidas desastrosas, seguidas freqüentemente de morte precoce das mulheres que recorrem a êsse crime contra a natureza. As mudanças operadas na mulher, desviando-a dos seus atributos naturais perturbaram profundamente o lar e a sociedade. Os divórcios aumentam em proporções alarmantes. Nos Estados Unidos contavam-se em 1920 à razão de 1 por 25 casamentos. Há que combater por tôdas as formas essa tendência à destruição dos fundamentos essenciais da sociedade.

A natalidade míngua, a população debilita-se, estaciona ou decresce, a família desmantela-se, o lar dissolve-se e a sociedade entra em corrupção e ruína.

De que depende o vigor, a operosidade e o progresso material e moral de um povo?

Da fortaleza e vitalidade da célula ou unidade fundamental da sociedade — a Família.

De que depende a fortaleza e vitalidade da Família?

Do lar próprio e higiênico e da ação e vigilância permanente da mulher.

A família bem constituída, fixada em imóvel de sua propriedade, é a base da pirâmide social — lar, trabalho e diversões. Nenhuma instituição hu-

mana, tem, pela quantidade e pela sua finalidade, a significação do lar. O Brasil, por exemplo, com 40 milhões de habitantes deve contar cêrca de sete milhões de lares. Diante dessa cifra, torna-se ridículo o número de escolas, colégios, edifícios públicos, casas de diversões, fábricas, etc.

No entanto, faz-se erradamente juizo do progresso de uma cidade pelo aparato dos seus edifícios públicos e particulares, casas de diversões, avenidas, praças, sem levar em conta as condições de vida e a salubridade dos lares das classes desfavorecidas da fortuna.

A sua função primordial é a criação e educação da infância. Essa responsabilidade, por si só, faz do lar um dos fundamentos da sociedade.

Num Estado constituído sôbre o fortalecimento da família, pela propriedade do lar salubre; sôbre a educação intelectual, moral e profissional; sôbre o estímulo e o amparo ao trabalho, sob tôdas as suas modalidades, num Estado assim organizado, não se propagam as doenças, não proliferam vícios e maus exemplos, não frutificam maus hábitos.

Nêle reinarão a paz, a saúde, a prosperidade e a alegria, em virtude das condições de vitalidade das células do organismo social.

Exemplos dessa felicidade verificam-se nos países scandinavos.

Aqui mesmo, no Brasil, observa-se fato idêntico nas regiões agrícolas de pequenas propriedades do

Rio Grande do Sul, de Sta. Catarina, do Paraná e do Espírito Santo.

Para o progresso social é indispensável o saneamento da família pela educação, pela assistência e pela propriedade do lar e da terra, de onde possa cada uma, pelo trabalho inteligente, fecundo e moralizador, suprir-se da alimentação variada e sadia, e adquirir proventos para as demais necessidades da vida, de modo a garantir a saúde, elemento primordial do trabalho, por sua vez o fator da produção e do caráter.

O lar urbano ou rural instituído em teto alheio, por aluguel ou arrendamento é, de regra, descuidado. O ocupante, salvo raras excepções, não se interessa pela sua conservação, muito menos por melhoramentos, adquirindo hábitos de relaxamento. O proprietário, por sua vez, não atende, ou o faz parcimoniosamente às reclamações. Dessa forma cresce o relaxamento e a má vontade do inquilino tudo isso em prejuizo da educação, da disciplina da saúde e coesão da família, cujos membros se dispersam, as crianças para a rua ou para o campo, os homens para os botequins, bodegas e espeluncas, porque é apenas lugar onde comem e dormem sem prazer.

Não assim, geralmente, quando o imóvel é de propriedade da família, que tem todo o interêsse em conservá-lo e melhorá-lo porque valoriza o que é

seu, para gôzo e proveito próprio, sem receio de aumento de aluguel e de despejo.

Constitui-se assim um lar salubre, atraente, educativo, operoso e moralizado, fator de bem estar e concórdia, da cooperação e altruismo, de paz e alegria, com benéfica e incalculável repercussão social.

O apêgo ao lar é condição precípua da eficiência higida e moral da família, e a propriedade do imóvel fator indispensável dessa eficiência.

A aspiração mais legítima de todo chefe de família é possuir um teto e um pedaço de terra. Os que não conseguem realizá-la (êsses constituem a imensa maioria no Brasil) tornam-se negligentes, viciosos, a caminho da doença e da miséria, arrastando a família na sua desgraça, numa vida errante, enchendo os cemitérios com a hecatombe das proles até sucumbir na prisão ou num catre de hospital de misericórdia.

Êsse o negro fadário de milhões de famílias brasileiras. Escolas, edifícios suntuosos, avenidas, mostruários deslumbrantes, tudo isso pouco significa como fator de prosperidade coletiva, se os lares dos proletários e das classes médias, que são a grande maioria da população e constituem os órgãos de nutrição e de reprodução da sociedade, forem insalubres, descuidados, antros de desconfôrto e discórdias, de doenças, vícios e degeneração.

As crianças são as vítimas preferidas da miséria e das más condições dos lares. A mortalidade, infantil atinge nêles cifras aterradoras. As infecções entéricas, as verminoses, a tuberbulose, a sífilis e os males venéreos produzem grandes devastações; a prostituição colhe as suas vítimas desde antes da puberdade; o alcoolismo, a demência e o crime encontram nêles o seu valhacouto.

Mais de 70% das famílias brasileiras não possuem casa própria, um lar permanente que as fixe ao solo. A não ser no Rio Grande do Sul, em Sta. Catarina, Paraná e Espírito Santo, onde a monarquia fixou famílias de origem estrangeiras em pequenas propriedades, em todo o Brasil o elemento genuìnamente nacional vegeta em ranchos de taipa e sapê nos latifúndios, ou aviltado nos morros, nos mangues e nos subúrbios das cidades, em cafuás, mocambos e casas de cômodos, assim denominadas as pocilgas humanas que lhes servem de abrigo, exploradas pela ganância dos burguêses apatacados.

Não será essa uma das principais causas da corrupção política, da anarquia mental, da fragilidade econômica e da bancarrota financeira e moral do Brasil?

Em quase meio século de poder, nunca a democracia liberal cogitou dêsse magno problema nacional, nunca se preocupou com a habitação e as condições de vida das classes trabalhadoras.

Encalacrou o país com vultosos e numerosos empréstimos externos, destinados sobretudo à distribuição de polpudas comissões aos intermediários e associados da politicalha, o restante às obras de utilidade, algumas, e muitas de simples fachada, de custo decuplo do seu valor real.

Empréstimos e repetidas emissões enriqueceram da noite para o dia, magnatas das finanças e da politicalha, que afrontam com palácios e automóveis de luxo a penúria geral de funcionários e proletários.

E ousam apregoar ser êsse o regime do povo, para o povo, e pelo povo!

Na cegueira de egoísmo, da amoralidade e dos prazeres materiais, não podem estas castas expoliadoras da nação compreender o progresso e a segurança do Estado e a delas próprias, firmam-se muitíssimo mais na abundância e fixidez, pela propriedade, de lares operosos e sadios de que nos exércitos e nas indústrias, que milhões de lares independentes contribuem muito mais para o progresso humano do que centenas de poderosas instituições.

Ao contrário, irritam-se até o desespêro, com a marcha vitoriosa do Integralismo, cuja doutrina faz da família um dos vértices do triângulo Deus, Pátria e Família.

Não há, portanto, que estranhar a fúria com que alguns comunistas, camuflados demo-liberais, investem contra as falanges do Sigma.

Estão na sua função odiosa de destruidora da fé, do nacionalismo e da família; de transformadores das mulheres em vacas leiteiras para fornecimento de leite aos filhos do Estado ou de ninguém.

Razão poderosa para prosseguirmos sem esmorecimento na nossa patriótica cruzada, certos, como repete constantemente o companheiro Ernani de Morais, de que "nossa hora chegará" para o bem do Brasil e castigo dos réprobos.

Cabe às escolas integralistas o dever dominante de entreter nos alunos o sentimento vivo da responsabilidade da família e do lar no conceito social, à igreja o de incultar entre os fiéis o conhecimento exato da poderosa repercussão do lar no progresso e moralização da humanidade.

A escola deve ser um prolongamento ou uma expressão da vida familiar, pelas atividades comuns à uma e outra, tais as formas de cooperação, a autoridade, a disciplina, a obediência, o trabalho, a recreação e o respeito mútuo, princípios indispensáveis à paz e prosperidade coletivas.

Êsses princípios devem ser implantados não só para eficiência da escola, como por sua benéfica influência sôbre os educandos, em cujos cérebros receptíveis se gravarão, para despertar em todo tempo e serem práticados nos respectivos futuros lares.

É indispensável habituar as crianças à prática das virtudes higiênicas, asseio do corpo, das vestes e do espírito, sobriedade, laboriosidade, recreio

e exercício físico adequados, assegurar-lhes oportunidades para agricultura, horticultura, jardinagem, dietética e cozinha; que todo o menino e menina pratique artes domésticas e aprenda puericultura; que a atmosfera da escola esteja sempre saturada dos sentimentos de cooperação, de altruismo, alegia e dever, e dela sejam banidos o temor e o egoísmo.

Para o bem da sociedade e da Pátria, haverá depois do lar e da família, função de maiores responsabilidades e mais dignificante do que a do educador ?

E a quem cabe essa função, senão à mãe de família no lar, e à educadora na escola?

Blusas verdes! Bem sei que essa é a vossa mística — Praticando-a nos ditames da moral cristã, do amor à Pátria, influireis decisivamente na moralização da política, da administração pública, da administração da política, dos costumes públicos e particulares, dos colégios, das academias, da imprensa, da literatura, das fábricas, e na volta aos seus deveres naturais, de criaturas desviadas pela infiltração de ideologias matérialistas.

Fazendo minhas as palavras de vossa Chefe, companheira Irene de Freitas Henriques, digo; "Considero como crime de lesa-pátria a atitude indiferente dos brasileiros, em geral e em particular da mulher brasileira em face de uma doutrina, como soe ser a Integralista, que se apresenta com tais cre-

denciais, que jamais alguém poderá duvidar da sua capacidade de revolucionar integralmente a Sociedade Brasileira.

E essa transformação, tendo que ser a resultante de uma transformação completa da Alma Brasileira no sentido do rigoroso cumprimento de todos os deveres para com a Família, para com a Pátria, e para com Deus, nada melhor talhado, dados os seus predicados, com que houve por bem Deus doar sempre as coisas dêste território do que a "alma da mulher".

E para encerrar com fecho de ouro esta fastidiosa palestra, inclui nela o vibrante artigo — A Grande Missão — da autoria da reputada escritora Iveta Ribeiro, publicado no suplemento da "A Ofensiva" de 11 do corrente.

Quero que as blusas verdes e as pessoas presentes que o não leram, vibrem como eu, ouvindo essa peça notável, que é, em grande parte, síntese, em estilo lapidar, da minha palestra.

— "Grande Missão Redemptora deveria ser o título dêsse apêlo ansioso às mulheres desviadas dos seus atributos naturais, para que se penitenciem dos êrros, das loucuras e dos crimes que vêm praticando contra o sexo e a humanidade — Ei-lo:

"Numa época de verdadeira anarquia moral: quando os povos se debatem arrastados, perturbados, muitos enlouquecidos pelos choques tremendos de correntes subversivas mascaradas, quase

sempre, com rótulo dourado de "correntes evolucionistas", quando Deus, para milhares de indivíduos, deixou de existir e quando seus grandes apóstolos são ridicularizados nas suas doutrinas espirituais, insultados nas suas crenças e espezinhados nos seus símbolos mais sagrados; quando o negro espírito da guerra assenhoreia-se de responsabilidades pelos destinos políticos dos povos; quando a "barbarie" rediviva, saindo desenfreada dos escombros da história do mundo para zombar das realizações maravilhosas da civilização, arma as mãos dos homens de agora para destruir as obras magníficas dos homens do passado; quando o livro é trocado pelo "boletim" subversivo, que incita as carnificinas, as mais assombrosas selvagerias e as mais ferozes atrocidades capazes de envergonhar os selvagens dos invios rincões africanos; quando tudo quanto era apanágio da evolução mental da humanidade se transforma em crimes à luz rubra que procura ofuscar a luz branca e pura da Razão, o clarão do Direito e a claridade da Crença; quando se tenta destruir a instituição sagrada da família para sôbre suas ruínas erguer a organização amoral, animalizada do amor livre; quando o lar já quase não representa nada porque os lupanares dourados atraem tanto a mocidade como a velhice, tanto alucinante dos prazeres materiais; quando nada mais se pode esperar de um momento universal a refletir-se, triste e perigosamente, no nosso "momento

nacional", é chegado o instante de reagir, chamando à luta pela salvação geral, a fôrça mais eficiente da humanidade — A Mulher!

É chegado o momento sagrado de tocar a reunir o remanescente impoluto dêsse grande todo construtivo, porque, agora dêle, dêsse elemento básico das sociedades humanas, dependerá a salvação do mundo.

Quando faliram todos os processos políticos; quando as chancelarias já não dispõe de elementos capazes de resolverem as questões da política internacional e que as próprias religiões já não demonstram possuir fôrças morais para deter na queda para o materialismo mais bruto milhões de criaturas perdidas num cáos de loucuras medonhas, chegou a vez da mulher mostrar que compreende bem o seu alto papel em face do mundo, que sabe cumprir com segurança seus deveres recebidos, impostos pelo próprio Deus!

Não será de certo, por meio dêsse falso feminismo que devasta tantas almas, que tem levado e está levando a sociedade e as nações a regressos lamentáveis, que ela conseguirá desempenhar-se de sua missão natural e sublime, nem cumprir seus deveres múltiplos, básicos, indispensáveis para o bem estar da humanidade.

Não será esquecendo os costumes familiares e seculares, de suas Pátrias, velhas nações, grandes e fortes, ou pátrias jovens, pletóricas de fôrças vivas,

puras e criadoras, não será estabelecendo como padrão universal de mulher moderna as figuras despersonalizadas, espectaculares, impúdicas que imperam nas telas do cinema, nem copiando as idéias nefandas de algumas "agitadoras" criadas pela política maldita dos armamentistas, que a mulher poderá retomar seu lugar de verdadeiro alicerce moral da civilização!

Não! não será por nenhum dêsses modos que ela reconquistará o respeito que lhe é devido, nem a sagrada soberania sôbre os destinos da humanidade evoluida, esclarecida pela inteligência, desenvolvida pela ciência e pela sabedoria!

Será reunindo tôdas as magníficas fôrças naturais que moram na sua aparente fragilidade; será retomando, voluntária e conscientemente, seu posto de honra no lar — fonte das nacionalidades, berço das individualidades que formam os governantes e os defensores da Pátria, forja onde se amoldam os caracteres das gerações que devem suceder-se em ascenção moral e mental para a glória crescente do ser humano; será readquirindo por vontade própria seu justo lugar ao lado do homem, como sua igual pelo cérebro e pela ação, mas diferente dêle nos sentimentos; com os seus direitos políticos e sociais mas com deveres diferentes por exigência de ordem biológica; será assumindo, gloriosamente, o govêrno moral da família, como formadora natural de mentalidades irradiantes, de corpos que nasceram

da "carne da sua carne e do sangue de seu sangue" será cingindo à fronte, orgulhosamente a coroa de martir e de santa, que a maternidade consciente, e divinizadora lhe oferece pela mão sábia da natureza; será revestindo o hábito branco da honestidade mais completa, quer do corpo, quer da alma; será instruindo-se para dar à Pátria e aos filhos as luzes de seu saber construtivo, colaborando na elaboração das leis humanas para torná-las mais seguras e mais lúcidas; será, enfim, regressando de perigosas digressões por sendas e paragens materialistas, às luminosidades espirituais de uma fé absoluta na Omnipotência e na Omnisciência de Deus, criador dos mundos e dos sêres, que a mulher terá fôrças para reerguer-se, vitoriosamente, sôbre as derrocadas de agora, trazendo nas mãos sagradas, erguidas para o alto, a dignidade dos povos, feita de justiça perfeita, de paz perene, sabedoria completa e de crença salvadora.

Acorda Mulher! Cumpre o teu dever, enquanto é tempo... Pelo menos aqui neste rincão da América que Deus abençôa e que se chama Brasil.

Dá o exemplo — BRASILEIRA!

E vós, Blusas Verdes de todo o imenso território pátrio, que conservais as tradições de fé, de moralidade, de pudor e candura de mulher brasileira, muito antes do apêlo angustioso de Iveta Ribeiro, já vos haveis disposto a todos os sacrifícios para impedir a propagação do virus materialista corrup-

tor, inscrevendo-vos nas falanges femininas do Sigma.

Êste Congresso Nacional Feminino é uma prova viva e brilhante do vosso ardor pela causa santa da Mulher, da Família, do Lar e da Escola.

Para a frente, sem tibiezas, sem esmorecimentos, e a vossa ação será coroada com a vitória da trilogia redentora — DEUS PÁTRIA FAMÍLIA.

"INTEGRALISMO E EDUCAÇÃO FEMININA"

("A OFENSIVA - 11-4-1937")
Trabalho apresentado ao primeiro Congresso Nacional Feminino da Ação Integralista Brasileira, de outubro de 1936, Margarida Cavalcanti de Albuquerque Corbisier, da Província de São Paulo

A "Acção Integralista Brasileira" visa a reestruturação da sociedade brasileira sôbre o alicerce dos princípios imortais do Cristianismo.

Para atingir tal objetivo age como partido político e como sociedade civil.

Como partido político de âmbito nacional, congrega eficiências eleitorais em todo o país num sentido de pacífica, lenta e progressiva unificação das atividades governamentais.

Como sociedade civil, também de âmbito nacional, educa, pela pregação incessante, a razão brasileira, habituando-a a um método de pensar que é a própria reabilitação do senso comum; difunde uma doutrina social-política, que decorre dêsse mesmo senso comum e da Doutrina Cristã, aplicando-se às condições especiais da Nação Brasileira.

Enquanto prossegue a tarefa de educação da consciência nacional, vai a Acção Integralista Brasileira executando todo um plano de realizações imediatas, tais como: alfabetização geral do povo brasileiro, assistência material às populações desamparadas do interior e das cidades, educação física e esportiva da mocidade, incentivo à cultura artística, à instrução em geral, etc.

Organização de tamanha amplitude e finalidade tão remota envolve ou, quando menos, toca

no desdobramento de suas atividades, problemas muito complexos da vida humana os quais, já para serem "colocados" devidamente, pedem muita reflexão e hábito de discernir.

Assim, desde os primeiros dias de sua articulação por todo o território da Pátria, a "Acção Integralista Brasileira" incorpora em seus quadros homens, mulheres, velhos, crinças. Objetivando construir uma Nação, pede para a tarefa comum o concurso de todos. Surgem, então, questões delicadas de distribuição e aproveitamento de serviços.

Para solucionar êsses conflitos, é preciso ter bem acesa na inteligência a idéia central em torno da qual gravita todo o pensamento integralista e que informa e metodiza tôda a atividade integralista.

Essa idéia Central, pedra angular sôbre a qual repousa um dos maiores Movimentos da História, toma corpo simbòlicamente na letra grega que é a sua expressão viva. O emblema do Sigma sintetisa uma atitude do espírito, uma direção de pensamento. Nessa forma de nitidez helênica encarna-se puro e vigoroso o Conceito de Finalismo e de Ordem. Êle se ergue, neste princípio de século, como afirmação da integridade humana, reatando a linha racional e cristã de crescimento histórico que foi quebrada, desde o século XVI, pela Reforma Protestante e pela Renascença Pagã. Investe contra um ciclo histórico que se abriu com o grito da revolta lute-

rana e se arrematou pelo niilismo comunista. Brota da pulverização moderna como índice da Intangibilidade do Livre-Arbítrio do Homem. Hoje como ontem e sempre o Espírito escolhe, opta, interfere.

Segundo êsse conceito de finalismo e de Ordem, alicerçado na razão reta e na tradição cristã, Deus é a primeira e Suprema Realidade, o Ser por Excelência, origem e fim último de tôdas as coisas. O homem, criatura de Deus, é um ser complexo, a um tempo material e espiritual, destinado a uma finalidade sobrenatural e terna que para ser atingida implica a realização de uma tarefa terrena. Essa tarefa terrena é uma obra que os homens têem de realizar "em conjunto", sendo cada um dotado para ela de modo que cada um depende para completar-se das atidões particulares dos outros homens. A vida completa e integral de cada um depende, pois, da obra tôda e essa obra tôda só pode ser construída pela cooperação de todos. Logo, a identidade do fim último. E a necessidade de que depende o fim último de cada um determina a vida do homem "em sociedade".

A sociedade, pois, segundo o conceito finalista da Doutrina do Sigma, existe em razão de uma finalidade **temporal** que por sua vez é determinada moralmente por uma finalidade sobrenatural e eterna. A organização da sociedade, da vida social, está sujeita a imperativos moraes categóricos, dita-

dos pela própria natureza e finalidade do ser humano. Assim, há certas comunidades cuja função é absolutamente necessária à realização do destino do homem. Tais são a Família e a Pátria. Sua missão é essencial à vida porque decorre das razões fundamentais da sociedade.

Êsses princípios imortais do Cristianismo, cheios de bom senso, de realismo, de profundo equilíbrio, reveladores da grande harmonia evangélica, constituem a base doutrinária sôbre que repousa o Movimento Integralista. Nêles se inspira o sentido de plenitude e de ordem, de unidade na variedade, simbolizado no Sigma.

Êsse sentido fundamental preside a tôdas as determinações e atividades da Acção Integralista Brasileira. Organismo preparatório, elaborador da grande pátria cristã, desde já adquire um cunho de expansão e integridade, abraçando funções as mais diversas, cobrindo todo o território nacional e arregimentando homens assim como mulheres, moços assim como velhos, analfabetos assim como doutores. A sua própria amplitude, porém, como foi assinalada acima, dá origem a problemas cuja solução depende da fôrça da idéia central, do conceito de harmonia de finalidade que anima todo o Movimento.

Uma das questões que precisam ser elucidadas é a do aproveitamento das energias femininas na

tarefa presente, tendo em vista a sua atuação na Pátria organizada.

É o problema da educação feminina que está em jôgo, problema extremamente complexo e de uma importância vital para os superiores destinos humanos. Vamos aqui tentar esclarecê-lo, em suas linhas gerais, á luz dos princípios integralistas.

Educar é guiar alguém para o seu fim próprio. Ora, de início, afirmamos a absoluta igualdade do homem e da mulher como sêres humanos, dotados de personalidades e destinados a um fim sobrenatural. Afirmamos também, a sua comum natureza social, dependente do convívio humano, material, intelectual e moralmente. Reconhecemos entre o homem e a mulher um complexo de espírito e corpo em unidade substancial, entre ambos uma profunda diversidade psicológica. Essa diversidade se reflete no terreno social indicando-lhes atribuições diferentes. Notamos que as duas naturezas são capazes de colaboração e de enriquecimento mútuo pela união. Dessa colaboração harmoniosa, em diversidade de atribuições e unidade de fins, depende a plenitude da vida social.

Dados êstes princípios compreendemos tôda a falsidade e o abuso das teorias "masculinistas", que esquecem o valor da mulher como "pessoa moral" e a isolam do convívio social; e a igual falsidade e abuso dos conceitos "feministas" que negam a diferença entre a "função social" da mulher e do ho-

mem. A ambos os êrros opõe-se a verdade justa e equilibrada do "humanismo integral". Entre os dois abusos acima apontados, oscilam habitualmente as normas de educação feminina.

Partindo dos princípios claros do "humanismo integral", essa educação deverá processar-se em um sentido de análise cuidadosa de tôda a realidade feminina, psicológica: e de canalização fecunda de tôdas as particularidades encontradas, em vista do fim temporal a que se destinam e de suas repercussões eternas. Deverá ser obra de ciência e obra de arte.

Alguns moralistas, sociólogos e também alguns romancistas já se têm dedicado à observação da natureza feminina, chegando à conclusão seguinte: o traço característico do temperamento feminino reside no seu "alterocentrismo", na sua "capacidade de dedicação a sêres vivos" ou "senso maternal". A vocação maternal, educativa, eminentemente social, define a fisionomia própria da mulher. Particulariza-lhe a inteligência, dando-lhe uma capacidade especial para a apreensão do concreto, do inteiro, para a visão rápida e intuitiva. Afina-lhe a sensibilidade, dotando-a para as melhores realizações artísticas, criadoras. Condicionando-lhe a vida moral, predispondo-a à mística, ao amor absoluto, aos sacrifícios e renúncias totais. Tais atributos mostram-nos claramente o que representa a participação feminina no completo das relações huma-

nas. Uma sociedade, quer de ordem familiar, quer de ordem civil, que fôsse edificada exclusivamente sôbre o egocentrismo masculino, tornar-se-ia em pouco tempo uma sociedade mutilada e viciada, condenada inexoràvelmente à esterilidade do raciocínio frio, à inanição da análise dispersiva e fracionadora, aos abismos vasios da abstração, ressequidas em suas profundidades, privada de entranhas e reduzida a um mecanicismo absorvente e destruidor. A colaboração dos sexos, ao contrário, assegura-lhe a correção das unilateralidades, o equilíbrio vital composto da vida que se sente alimentada e completada pela vida que vê e age, a plenitude una e variada.

Colocado o problema da educação feminina em seus devidos têrmos, segundo o conceito da vida integralista e cristã, cabe à ACÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA utilizar ordenadamente a cooperação das inúmeras môças e senhoras inscritas em suas fileiras, dirigindo-as sempre, de preferência, para os seus setores educacionais.

A essa atitude corresponderá certamente um acréscimo da vitalidade do movimento. E, ao menos os quadros da "ACÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA" estarão contribuindo como centros poderosos de cultura humana e feminina, como verdadeiras forjas de caracteres morais para o futuro cristão do BRASIL-INTEGRAL.

O SENTIDO DA FORMAÇÃO PLINIANA

LEOPOLDO AIRES

(REVISTA ANAUÊ — Julho 1937)

SE o homem é o que a criança foi — é preciso na criança preparar o homem. O sentido dessa preparação está subordinada, não a valores relativos e transitórios, mas a um ideal absoluto. Podem e devem variar as formas de aquisição intelectual. A psico-pedagogia é a ciência da variedade metodológica, em função da mobilidade do processo psiquico. A inteligência requer adaptação psiquica ao tempo. Só assim podemos admitir que haja educação para uma civilização em mudança. Outro significado que se pretenda emprestar a êsse conceito — como o de que é necessário substituir os antigos valores, absolutos, pelos relativos e modernos — é tendencioso e gerador de uma agitação malsã. É compreensível o sentido de mudança de civilização, se se trata da transformação, da evolução dos valores relativos, os únicos que, com efeito, podem variar.

Muito bem sei que com isto não concordam aquêles que em certo setor do pedagogismo norte-americano abriram a sua trincheira irredutível. Mas, a êles não é que me dirijo.

Entendo-me agora com êsses abnegados espíritos, que tomaram sôbre si o encargo nobilíssimo de instruir e formar os plinianos e cuja pedagogia lhes

é sugerida pela compreensão do Ideal e temperada pelas ardências do coração. Para êsses têm sentido as minhas palavras.

O liberalismo jamais cuidou da formação da criança. Finge dar-lhe uma educação que apregôa se destinar à democracia, mas o que lhe dá é uma educação perigosa, pois, sendo ela de finalidade neutra acarreta resultados destrutivos.

Ver na criança o plasmador do futuro, nesse sentido, educa-la; objetivar nessa educação, não só o seu aspecto somático, o aspecto cívico, o aspecto intelectual, mas, antes de tudo o seu aspecto moral, a isso é que aspira o Integralismo, cujo nome justifica a sua posição diante do conjunto dêsses problemas. A formação pliniana colima êsse fim: educar a criança absolutamente integrada na plenitude dos ideais do Sigma, para que seja um brasileiro consciente de suas energias vitais, energias que êle desde muito cedo alimentou e orientou para o sentido de construir uma Pátria consciente, também, dos seus destinos magníficos. Essa formação não implica — como pensam adversários dela — uma adaptação forçada a ideais pré-estabelecidos, que produziria assim uma obediência tôda passiva. Em verdade, não há educação sem ideal. Em educação, pretender não ter nenhum, já é ter um, e, dentre todos, êsse é dos mais funestos. O verdadeiro ideal educativo é o que se propõe educar o homem

todo. E o homem todo é o conjunto do homem físico, do homem intelectual, do homem cívico e do homem espiritual.

A cada uma destas faces o integralismo dá sua importância merecida. Ao homem espiritual ensina os deveres para com Deus, para consigo e para com o próximo; ao homem cívico os deveres com a Pátria; ao homem intelectual dá-lhe- escolas e cultura; ao homem físico oferece-lhe meios adequados ao cuidado da saúde, à conservação da robustez, à higienização, à valorização nacional da fôrça muscular; afinal o integralismo propícia ao homem integral tudo aquilo com que êle possa eficientemente contribuir para a glória de Deus, para a honra da Pátria e para a necessidade dos seus filhos.

De tal ensino e de tal prática jamais poderá sair um escravo. A educação integral consegue, positivamente, o contrário. Liberta o homem, pela disciplina espiritual e física, da tirania dos instintos. O apostolado inicial e fundamental da educação integralista é a reforma do indivíduo, porque sem essa reforma é inútil, é contraproducente qualquer ensaio de reforma social. Tôdas essas gerações que a seu tempo se emanciparam do que chamam preconceitos de educação, todos amoleceram as fibras da varonilidade e depressa envelheceram, na escravidão vergonhosa aos instintos deseducados. A educação integral dá ao homem aquilo de que êle imprescinde para o êxito na vida.

E quando digo êxito na vida não quero que se entenda a expressão, no sentido que se foi buscar à filosofia pragmática do cinema norte-americano, sentido de bem estar, dinheiro, prazeres e predomínio da fôrça física.

Êxito na vida só tem aquêle que se educou para os revezes e para as vicissitudes. Triunfa na vida aquêle que sabe arrastar uma desilusão. E é um derrotado aquêle que sonha sempre melhores quinhões. O primeiro consolida a paz no coração, pela serenidade forte. O segundo acalenta a angústia no espírito, pela ambição insofrida. A não extensão é o número dos ineptos à resistência da adversidade, dos que sucumbem à míngua de energias morais — vemo-lo, todos os dias, na publicidade de imprensa.

A escola de formação pliniana é um fóco, em que se caldeiam as energias do brasileiro futuro que nêle adquire a inquebrantabilidade necessária para o legítimo êxito na vida. Essa é uma escola de orientação e de disciplina. Orientar e disciplinar a liberdade, eis a substância da formação pliniana.

Eu vejo nesses pequeninos soldados do Sigma a grande Legião invensível de amanhã. Êles serão os dominadores e os triunfadores, não com as armas de bruteza, porque já não precisa dela quem argamassou com sacrifícios o seu prestígio moral, mas com as da individualidade que vem da educação, de uma educação integra, perfeita.

E vós, generosos corações, que vos destes a essa missão grandiosa de formar o espítrito de bronze dos homens de amanhã, vós estais, com vossas mãos dedicadas, a cooperar para o Brasil que vem madrugando na fronte iluminada dessas crianças. Camisas verdes e blusas verdes, que vos entregastes a êste trabalho abençoado, sois os operários humildes e obscuros, a quem a Pátria vai devendo para sempre, essa obra que é a realidade mais fulgurante nas efemérides gloriosas do Sigma: a educação das novas gerações para o grande Ideal que cada vez mais se avizinha da geração presente, num ritmo acelerado de vitórias, que põe ansiedade em nossos corações...

A MULHER E O INTEGRALISMO

CARMEN PINHEIRO DIAS

INFELIZMENTE, dados os acontecimentos que se sucederam desde 1937, quando o Integralismo alcançava o auge de seu esplendor, atuando na vida nacional de forma quiçá definitiva, hoje só podemos pensar de modo ideal no que seria o Brasil de nossos dias, na vigência do Estado Integralista.

Entretanto, não nos propomos ficar em elocubrações sôbre o que **poderia ter sido** ou **devera ser**. Interessa-nos, sobretudo, estudar, à luz do documento básico do Integralismo e das observações a que somos obrigados — seja em função da leitura de autores cujo pensamento se harmoniza com o nosso, seja pela formação recebida num lar integralista e que nos preparou para a vida —, a posição da mulher em face do Integralismo.

Se fôramos usar tão sòmente de nossas próprias concepções e inclinações, diríamos que, de forma geral, pelo só fato de opôr-se à desagregação que campeia em nossos dias e vem desde os anos anteriores a 32, já o Integralismo seria a doutrina ideal para a solução dos problemas nacionais, no que se refere à mulher.

É fora de dúvida — e esta, quando existe, é fruto de inteligências mal informadas ou mentalidades desavisadas — que a família é o centro por excelência para atuação da mulher. O amor filial,

conjugal, maternal, fraternal, atua como complemento indispensável na intercomunicação entre os membros da família, criando aquêle ambiente onde se formam e informam as consciências e as mentalidades, se preparam os cidadãos e se delineia o futuro das nações.

Portanto, ao falar da mulher, impossível deixar de falar na família.

Em seu documento básico, verdadeira carta de princípios em que se fundam tôdas as diretrizes desde então expedidas, diz o Integralismo: "Tirai a família ao homem e fica o animal". "No instante supremo, não bastam a ciência, a vida pública, a vida social, a vida coletiva, o egoismo individualista; é preciso que o coração entre na vida do homem e fale essa linguagem que não é a da compaixão de um estranho, nem a da filantropia formalista, nem a do amparo oficial, nem a de uma absurda socialização de afetos: — mas a linguagem profunda das afinidades longamente estimuladas e alimentadas".

Aqui está situada a família na vida humana. E situado o valor da mulher.

Pois não é ela a principal responsável pela paz e concórdia, pela formação dessa ambiência em que o homem mais se humaniza, distanciando-se das sociedades animais, elevando-se realmente como rei da criação? Não é ela o complemento total do sujeito **homem**, que modifica e aperfeiçoa, dentro da

estrita destinação de sua altíssima condição de **companheira?**

Deus, em Sua infinita sabedoria, na diferenciação das funções, dos sentimentos, das capacidades, das inclinações, predestine a homem e mulher, a um só fim: a Eternidade.

A caminho dela seguem homem e mulher, um ao outro corrigindo imperfeições, provendo necessidades, amparando fraquezas.

Nem inferior nem superior ao homem, a mulher é dêle **diferente**. Essa diferença é o equilíbrio do mundo, a estabilidade da vida humana.
Sem querer negar que também a mulher é passível de egoísmo, afirmamos que sua própria destinação a talhou com uma disposição tôda especial para a dedicação e o sacrifício. Não fôra ela criada para espôsa e mãe...

Gina Lombroso, em seu admirável "A Alma da Mulher", afirma: — "Além das diferenças psíquicas e funcionais dos sexos, de todos conhecidas, existe uma diferença moral que domina (claramente) as outras e da qual tôdas as outras derivam. E é que a mulher é altruista, ou mais exatamente **"altero-centrista"**, no sentido de que situa o centro de seu prazer e de sua ambição não nela mesma, senão nas pessoas que ama, e por quem deseja ser amada: espôso, filho, pai, amigo..." Assim sendo, em meio algum além da família poderá melhor expandir êsse "alterocentrismo", êsse anseio de **dar-se**, de sa-

crificar-se. Ali onde se sente indispensável a pequenos e grandes, que dela dependem para as mínimas coisas relacionadas com o bem pessoal de cada um. Esta a razão misteriosa das mulheres incansáveis, que, havendo criado os próprios filhos, afadigam-se na vigilância dos netos, ao mesmo passo que os pais de seus bisnetos são sempre, para elas, "os meninos".

Quando Gertrud Von Le Fort diz que "os povos e os Estados, para que desabrochem, precisam de verdadeiras mães" e que "esta idéia não corresponde sòmente à verdade biológica imediata, corresponde também a outra verdade mais profunda, a de que o próprio mundo espiritual não se contenta com homens de vistas retas, exige também a mãe", está afirmando, uma vez mais, através estudos profundos e observações constantes, a imprescindibilidade dessa figura exponencial da vida humana.

E, poder-se-ão esperar verdadeiras mães — dessas que formam e consolidam, com a educação dos filhos, a permanência de uma Nação — nas sociedades onde a instabilidade do casamento cria uma situação de incerteza e receio, se não de cético cinismo? Nas sociedades onde a família se desintegra ao sabor das xenofilias exacerbadas, das fraquezas dos governos, das lideranças de fancaria, das deturpações das artes e das ciências, das influências nefastas dos meios de comunicação?

"A felicidade do homem consiste nessas pequeninas coisas tão simples; o afago de uma mãe, a palavra de um pai, a ternura de uma espôsa, o carinho de um amigo". Eis porque o Integralismo, desejando organizar a comunidade brasileira para maior bem de todos nós, dá à família a mesma e grande importância que empresta às Classes Produtoras e Trabalhadoras.

Não será probo nem digno o homem que não experimentar, na infância, a benéfica influência da palavra sensata e bem avisada dos pais. Perdido no emaranhado dos desmandos e das corridas desenfreadas empós da satisfação de interêsses pessoais — e freqüentemente mesquinhos —, aquêle que não tem a vida embasada na reta consciência dos deveres e direitos de cada um, forçosamente se deixará levar pela corrente e naufragará no abismo das falcatruas e das ambições desmedidas. E essa reta consciência de deveres e direitos só se adquire dentro do lar, no seio da família, onde se plasmam os caracteres.

Hoje, quando percebemos o afrouxamento da vigilância paterna, por descuido, incompetência ou impossibilidade, sôbre as mocinhas na idade perigosa da curiosidade e da malícia; quando constatamos a multiplicação da perda do pudor e delicadeza femininos; quando lamentamos a proliferação das mães solteiras e dos filhos sem nome; quando presenciamos a queda vertiginosa do nível cultu-

ral de um povo que se amesquinha e se deslustra — sabemos que tudo isto se deve ao fato de se ter perdido aquêle espírito familiar que levava parentes e amigos a longas e produtivas conversas acêrca dos problemas dos jovens na puberdade, dos amores juvenis, das dificuldades nos estudos. Porque hoje as casas são cassinos em miniatura. A sala que outrora servia à reunião íntima dos parentes, adaptou-se a anfiteatro de televisão.

E é triste constatar que, embora permaneçam as casas onde um homem e uma mulher vivem juntos e onde crescem os filhos — a família pouco a pouco se desfaz, se desintegra, porque não há mais inteligência entre grandes e pequenos, não há mais compreensão e amor, carinho e ternura. Falta tempo para essas coisas tão simples e tão boas...

O trabalho feminino fora do lar; a transposição, para o recesso da casa, de costumes dantes restritos a ambientes especiais; as vaidades sempre crescentes; a busca desvairada da satisfação dos desejos materiais, estão solapando a estrutura da família. Com ela, desmoronará a Pátria.

Estamos certos: a dignificação da pessoa humana, a defesa da família, a valorização do município (centro das famílias), o salário familiar, o direito à propriedade, o princípio da autoridade, o nacionalismo sadio, a organização partidária e do govêrno em bases de respeito e solidariedade, a defesa das classes produtoras e trabalhadoras, a gra-

dação real dos valôres, a possibilidde de realização total das vocações, das tendências sãs, da justa ambição de progresso, o ensino secundário gratuito, a organização das classes para assistência e defesa do trabalhador — e, sobretudo, a afirmação de Deus e dos superiores destinos do homem — tudo, enfim, que o Integralismo prega e preconiza, constitui a segurança total e definitiva da mulher: mãe, espôsa, filha, irmã. E, no vasto panorama das atividades de cada momento, mais feliz será ela, quando os ideais maiores desta doutrina se realizarem.

Sem retroceder a situações hoje impossíveis, após as conquistas sem dúvida interessantes feitas pela mulher, na sociedade e na vida cultural — eis que poderíamos realizar aquêle ideal típica e essencialmente feminino de ser senhora de nosso lar, espôsa de nosso marido, mãe de nossos filhos, numa palavra, anjo tutelar do futuro. Tendência congênita, porque, se o "homem representa um momento da história, a mulher representa a sucessão das gerações"; se "o homem encarna o valor eterno do tempo, a mulher encarna o infinito da raça".

Educada e guiada para a vivência e desempenho de sua alta missão, valorizada e dignificada pela compreensão exata de seu valor espiritual e humano, a mulher daria de si a mais sublime das imagens, impondo-se ao respeito e veneração dos homens, ao contrário do que hoje sucede — talvez por culpa da própria mulher.

Esta afirmação não é temerária: o movimento feminista — iniciado possìvelmente com a só intenção de valorizar a mulher como pessoa, dando-lhe oportunidade de aprimorar-se, projetar-se na vida intelectual, cultural e social para a qual está perfeitamente apta — mal compreendido e mal dirigido, transformou-se num movimento de reivindicações esdruxulas e em nada dignificantes. E isto, criando mentalidades que se acreditam avançadas, mas que apenas retrogradaram a um primitivismo ingênuo (Mulher apenas instrumento de prazer, fêmea em busca de prazer), sem afirmação dos reais valores do espírito (o reino da mulher é mais espiritual que temporal, haja visto que ela se projeta, a mais das vêzes, não pròpriamente por si mesma, porém através dos filhos que cria e forma para a vida), faz com que o homem, resistindo às investidas femininas, por despeito, revolta ou ciúme, a encare apenas sob um prisma: a busca da igualdade entre os sexos. Foi a completa reversão das verdadeiras intenções de um movimento quase de legítima defesa. Hoje, a mulher dá de si uma lamentabilíssima idéia, fazendo crer que apenas está voltada para os interêsses da carne. E não seria esta, por certo, a intenção inicial do Feminismo.

Uma de nossos mais estudiosas feministas, a Senhora Mariana Coelho, de quem discordamos em muitas de suas afirmações, mas em quem reconhecemos o valor de um estudo conscienciosо do assun-

to, diz, na introdução de seu livro "Evolução do Feminismo": "... as feministas, nas suas aspirações, não pensam, absolutamente, no absurdo de suplantar o sexo masculino; elas querem, pelo contrário, a igualdade sexual para melhor provarem as qualidades de uma mais condigna companheira nos grandes surtos morais e sociais que devem transformar o mundo. Conseqüentemente, o salutar programa das feministas, através de cujo prisma elas encaram com dedicação e coragem a reconstrução moral da sociedade, é, realmente, a moderna ciência da Eugenia, posta em ação para conseguir a sublime cura de tôdas as chagas que atingem a alma humana".

A propósito, seria interessante ler "A Mulher", de Severo Catalina, onde o autor analisa, um a um, os diversos campos de atividade feminina, destacando aquêles para os quais ela está naturalmente destinada, em sua missão de companheira do homem e as diversas situações em que se pode encontrar, nos vários estágios da vida. Livro escrito no fim da primeira metade do século passado, antes da eclosão do movimento feminista, não deixa de ser interessante, pelo que nos mostra da posição inferior a que foi relegada a mulher e que é um dos responsáveis pela reação que assistimos. Entretanto, por mal de nossos pecados, na desvinculação resultante dos erros e exagêros, eis que a mulher perdeu o sentido de sua destinação infinita. No egois-

mo que a tudo assoberbou, desviou-se a certeza de que "não é o destino individual da mulher que conta, é a parte que cada uma toma no destino da mulher". Êsse destino é trazer a salvação ao mundo, pela maternidade física ou espiritual, esta desenvolvendo-se na ação da mestra, da amiga, da conselheira, da irmã de caridade, de enfermeira, da artista. Hora virá em que de novo ela encontrará o reto caminho de sua vida. Esta será a hora da redenção. "Não é partindo do social que se pode pôr em ordem o social e sim partindo do espírito". Esta verdade encontrada em Gertrud Von Le Fort, tão logo restabelecida, reconduzirá a mulher ao seu verdadeiro lugar no mundo.

Está claro: os erros do passado, o plano inferior em que sempre foi colocado o sexo feminino, são responsáveis pela realidade de nossos dias: a mulher que se encantou com o feminismo não estava, sequer, preparada para entender o que pretendiam os idealizadores do movimento. E, como a liberdade ortorgada a criaturas insuficientemente preparadas para ela transforma-se em libertinagem, assim a mulher de nosso tempo se perdeu no remoínho de idéias que nem bem compreendia, mas sentia ser algo desde muito esperado: a reivindicação de uma situação mais consentânea com seus direitos de criatura humana, igual à outra parte da humanidade.

Abriram-se à mulher os horizontes da instrução, mas não se lhe deu educação. O sentido mais alto da vida, a concepção espiritualista do universo, a fundamentação da moralidade com seus princípios eternos e imutáveis, perderam-se, para a mulher **evoluida** de nossos dias, no confuso tropel da conquista de uma justiça aparente. E porque, "para ela, a verdade é uma só", entendeu, desde que lhe pareceu ter conquistado um lugar ao sol dos direitos humanos, que era preciso igualar-se interior e exteriormente aos homens e perdeu sua coroa mais bela: a feminilidade — misto de fraqueza e fôrça que se exterioriza em doçura, ternura, suavidade, modéstia, convicção, exemplo e, sobretudo, na vivência espiritual de todos os momentos e de tôdas as situações. Essa coisa extraordinária que possuem as veneráveis figuras femininas cuja influência levou ao caminho de Deus ou elevou à dignidade dos altares tantos e tantos homens cuja vida se prenunciava perdida no torvelinho das paixões, das ambições, das balbúrdias espirituais. Essa luminosidade que foi o rastro estrelar em que seguiram os santos e os heróis.

Bem conforme diz Plínio Salgado, "na mulher, a função física que a distingue do homem manifesta-se na maternidade". Essa função prolonga-se, ainda de acôrdo com o mestre, psicològicamente, em sua missão precípua de educar, completando o ciclo do fenômeno da procriação.

"A maternidade não é apenas uma função física, porque é, principalmente, uma função moral". Eis por que tôdas as relações da mulher com a sociedade devem revestir-se de um sentido maternal. Sabido como é que a mãe jamais deseja mal a um filho e que para êle escolhe os ambientes e as situações, no afã de vê-lo crescer e subir em graça diante de Deus e dos Homens, quando tôdas as mulheres tiverem, pela educação, compreendido a sublimidade dessa missão maternal, por certo a humanidde será melhor e mais feliz. Porque a mulher maternal, ouvindo, compreendendo, ensinando, dirigindo, convencendo, corrigindo, escreverá as diretrizes que deverá seguir a humanidade, para alcançar o estágio mais alto de sua condição de criatura suprema.

A mocinha que estuda, a jovem que trabalha, a professôra, a artista, a doutrora, tôdas podem, em seu setor e em sua especialidade, exercer com sucesso a função maternal.

"Deus dirige os destinos dos povos" e a mulher é sua mais próxima auxiliar, ao fazer os santos e os heróis. Mas, como se distancia d'Êle, quando modela os demônios e os covardes, com a influência deletéria de seus instintos mais baixos!

Dentro desta ordem de idéias, educando a mulher desde o berço para o são entendimento de sua missão na terra, o Estado Integralista teria preparado, nesses anos que decorreram desde o seu apa-

recimento, a geração de mães capazes de arvorar-se em colunas mestras da Grande Nação Brasileira.

Válido e digno, portanto, todo e qualquer esfôrço em prol dêste ideal, contra todos os sofrimentos e amarguras advindos da incompreensão e da malícia comuns à humanidade.

BIBLIOGRAFIA

"Manifesto de Outubro" — Plínio Salgado.
"A Mulher Eterna" — Gertrud Von Le Fort.
"El Alma de La Mujer" — Gina Lombroso (Edição argentina).
"A Mulher no Século XX" — Plínio Salgado.
"A Mulher" (Anotações para um livro) — Severo Catalina — Trad. de Euclides Cassanha. Of. Gráficas "Ave-Maria" — S. Paulo — 1933.
"Evolução do Feminismo" — Mariana Coelho — Imprensa Moderna — Rio — 1933.

4 CAPÍTULOS
DE PLÍNIO SALGADO (*)

(*) — Extraídos do livro "Reconstrução do Homem".

PANORAMA DO MUNDO OCIDENTAL

OUVIMOS freqüentemente repetir, em face do que nos revela todos os dias o noticiário dos jornais, a frase tornada em tôdas as bôcas: está em perigo a civilização ocidental".

Dizer "civilização ocidental" é empregar a expressão exata, uma vez que impróprio seria usarmos a formula, por tantos ainda preferida, mas já de todo inadequada, que nos fala de uma "civilização cristã".

É verdade que perduram, mais por hábito do que por convicção, no conjunto da vida social do ocidente, certos princípios morais cujas raízes se embebem no sólo fértil do Cristianismo; mas êsses princípios, não raro sujeitos às mais variadas interpretações quando se trata de os traduzir em normas práticas de costumes ou nos lineamentos do direito positivo, que passam daquilo que em arquitetura se convencionou chamar os "simples", ou seja a armação de madeira a sustentar abóbadas em construção. Essa louvada e cantada "civilização ocidental", nem se acha ainda construída ao gôsto dos seus arquitetos e já oferece mostras de insubsistência, prenunciando fatal desabamento.

*
* *

Recorrem os construtores a tôda a sorte de expedientes, contrapondo ao arcabouço do edifício os arcobotantes que o flanqueiam no esfôrço de o sustentar de pé; mais tais anteparos, que firmam seus alicerces na Economia, ou na Diplomacia, ou no Armamentismo, êsses mesmos não encontram terreno consolidado e capaz de os manter.

São planos econômico-financeiros de restauração da vitalidade, de estímulo à produtividade, de reerguimento do padrão de existência nos países em crise, onde o desespêro das turmas serve de instrumento aos agentes corrosivos das estruturas sociais; e são, também, medidas preventivas, de ordem política, tentando opôr, na ordem interna das nacionalidades, um dique à preamar das agitações extremistas; e são, ainda, no convício internacional, os pactos, ou convênios, as alianças, todo o angustioso esfôrço dos governos e dos seus porta-vozes, no afan de conjurar iminentes conflitos, na tristíssima esperança de pelo menos, adiar enquanto fôr possível, a derrocada de um sistema constantemente ameaçado.

*
* *

Periclita a civilização ocidental. E periclita justamente porque sôbre a areia tem sido edificada. É uma civilização puramente técnica e baseada no individualismo, que exclui tôda a consideração do homem integral, ou simplesmente do Homem (pois esta palavra tem perdido de tal forma o seu sentido que necessita ser adjetivada...)

Sendo uma civilização essencialmente técnica, adstringe-se, no que toca, ao Homem, ao critério das especializações profissionais, que consulta apenas uma das faces da personalidade, excluindo todos os elementos culturais não concernentes ao objeto da preparação especialisada; dessa forma, fabrica, em série, médicos, engenheiros, advogados, farmaceuticos, agrônomos, mecânicos e elétro-técnicos, economistas, arquitetos, músicos, pintores e escultores, mas não constrói homens.

A sociedade está enfêrma, desorganiza-se e agonisa, porque os homens, que são os seus elementos constitutivos básicos, desaparecem da superfície da terra... No lugar dos homens aparecem os profissionais. E o profissional desconhece tudo o que diz respeito ao Homem. Nada sabe do Homem, da sua origem, da sua natureza, do seu destino, das suas justas aspirações materiais, intelectuais e morais, dos seus deveres e dos seus direitos.

Sendo uma civilização individualista, prepara o mundo para o coletivismo, isto é, para a anulação total da personalidade humana. O coletivismo

só é possível quando tem, para utilizar, a sua matéria prima. E a matéria prima do coletivismo é a massa, e não o povo. Pois a massa é um conjunto informe de indivíduos, enquanto o povo é um conjunto de pessoas, independentes e harmoniosamente dispostas, executando suas atividades próprias, tôdas tendentes àquele objetivo do Bem Comum que a cada componente da associação humana particularmente favorece, no sentido de alcançar o seu próprio objetivo.

*
* *

Já comparei (e não encontro outra imagem mais expressiva) a sociedade humana às espigas de um trigal. Cada grão se integra na espiga a que pertence, como cada homem nos seus grupos naturais. O conjunto das espigas forma a touceira, como o conjunto dos grupos naturais forma a sociedade local. Multiplicam-se as touceiras e formam o trigal, do mesmo modo como a multiplicidade dos grupos naturais forma a Nação, ou a comunidade humana diferenciada de outras comunidades E o conjunto de tôdas essas comunidades humanas nacionais constitui a sociedade internacional, ou a Humanidade. Cada grão de trigo traz consigo a fonte vital de um outro pé de trigo; germinando produzirá uma touceira, que poderá ser origem indefinida de imensos trigais; assim, cada homem, conquanto unido a outros, se conserva a

sua personalidade, a sua integralidade, é maravilhoso instrumento de criação divina e, êle próprio, nos limites que lhe são assinalados, é sujeito do verbo criar, êsse verbo que êle conjuga segundo os tempos e modos que podemos denominr: inteligência, sensibilidade, temperamento, vocação.

Integro, isto é, "pessoa" e não "indivíduo", Homem (e não parte de Homem) ao mesmo tempo que continua autônomo, independente, capaz de viver por si mesmo, e, como o grão de trigo, capaz de germinar e renascer, também percebe, de modo claro, o sentido de vida social, baseado no conhecimento dos outros homens, em cada qual êle vê aquilo mesmo que sente em si próprio. "O homem se sente pessoa" — escreve Gonella — "quando, transcendendo o eu empírico, isto é, individualidade, tem consciência do seu sêr substancial e sente em si o outro. A vida dos outros é vida sua, porque é vida do Homem. As coisas, ao contrário, têm uma vida petrificada: vivem na solitude".

O individualismo, portanto, da chamada "civilização ocidental", deixando de tomar o Homem na sua integridade, prepara a matéria prima com que o coletivismo contrói o seu ídolo: a massa. Pois do mesmo modo como não se pode produzir a massa sem a destruição dos grãos que, pulverizados, já não podem germinar, nem compôr a espiga que forma a touceira, a qual, por sua vez, junto a outras, constitui o trigal, também o coletivismo não consegue exi-

gir o seu Estado despótico, sem substituir o povo pela massa-popular, pulverizando as personalidades humanas na mó do individualismo.

*
* *

Ora, tôda a obra de formação cultural da juventude, desde as reformas universitárias do século XVIII, das quais sentimos os efeitos na História Brasileira, após a transformação da Universidade de Coimbra pela ditadura de Pombal, vem gradativamente cingindo-se ao critério unilateral do preparo de homens incompletos, talvez profissionalmente capazes, mas humanamente atrofiados.

Se, sob o aspecto particular, o ensino tem sido puramente técnico e no sentido da especialização profissional, sob o aspecto geral vem sendo essencialmente individualista e escandalosamente utilitário, tomando-se esta palavra na acepção dos interêsses materiais e egoísticos mais grosseiros. O homem que conquista um título de habilitação chamado superior, fá-lo como quem compra um instrumento de ganhar dinheiro, sem pretender nem julgar preciso dar às suas atividades profissionais um caráter social. A compreensão da necessidade da troca de benefícios entre o Homem e os seus semelhantes, entre o Homem e a Comunidade de que faz parte, entre o Homem e a Nação a que pertence, não é

absolutamente possível nas nacionalidades individualistas, a que não sabem conceber o que seja "pessoa", sujeito de direitos e deveres, cujo conceito transcende da concepção meramente profissional da existência.

O utilitarismo, que constitui a nota predominante da vida econômica, política e social do século XIX e que continua a inspirar o mundo em nosso século, tendo inicialmente uma base empírica e, posteriormente uma base dita científica mas profundamente materialista, degenerou, afinal, em egoísmo feroz de caráter anti-social, que destrói tôdas as resistências de uma civilização edificada sôbre a areia.

Assistimos ao espetáculo doloroso de uma multidão de personagens delirantes: advogados trapaceiros, médicos infanticidas, químicos falsificadores, funcionários desonestos, políticos sem escrúpulos, tôda a casta de profissionais visando lucros imediatos, e todos alheios aos supremos interêsses do Bem Comum, da Pátria e da Humanidade.

A preocupação pelo dinheiro que deve ser ganho o mais depressa possível, a ânsia pelas posições financeiras ou governamentais, o êxito rápido na carreira abraçada, correndo paralelamente à sofreguidão pelos prazeres, pelos confortos, pelo luxo ostentoso, pela sensualidade carnal, pelas sensações do jôgo, e tudo com o mais desdenhoso desprêzo às normas éticas ou aos mínimos escrúpulos de cons-

ciência — êsse é o panorama da vida moderna, dessa civilização que, tendo perdido a fôrça moral para enfrentar os novos Hunos, que apontam no oriente da Europa (dispostos a substituir, por outra mentira, a imprudente falsidade de uma estrutura social iníqua) apela hoje para o pretexto com que se apresenta, dizendo defender, a civilização cristã.

*
* *

O comunismo totalitário, esmagador da liberdade, avança dominadoramente trazendo já atrelados ao seu carro países outrora independentes e ciosos de sua dignidade, como a Polônia, a Alemanha Oriental, a Boêmia, a Slováquia, a Letônia, a Estônia, a Lituânia, a Bulgária, a Rumânia, a Hungria, a Iugoslávia, o Norte da Coréia e a China. Em igual perigo se encontram os pedaços do que resta da Alemanha, a França desorientada pelos excessos de intelectualismo, a Itália confusa e o Japão ocidentalisado pelo agnósticismo científico do século XIX e agora pelo agnosticismo político superveniente da catástrofe. As Américas, sentindo já na sua carne viva arder o virus da desordem, pretendem erguer-se para se salvarem, salvando, se possível, as demais Nações. Mas verificamos que os remédios prescritos pelo Novo Mundo não são, nem podem ser eficazes, uma vez que não passam de medicação meramente sintomática.

Como combater o comunismo, ou outros erros do nosso tempo, se não lhes vamos às causas? De que valem planos econômicos, ou pactos internacionais, medidas legais internas ou vigilância contra a ação imediata da desordem, se o mal do mundo não está no comunismo, nem na anarquia social, mas na mais terrível das ausências, que é a ausência do Homem sôbre a terra?

O Homem desapareceu. As multidões que vemos são de indivíduos, ou apenas partes do Homem, sombras, espectros do Homem. Acima dêsses fantasmas delirantes, domina a Economia sem finalidade ética, a Ciência sem alma, a Arte sem beleza, a Política sem deveres, a Liberdade sem limites, o Prazer sem freios, o Dinheiro sem contraste, a Sociedade sem ordem.

O rei da Criação foi destronado, perdeu cetro e corôa jogados na aventura materialista pelo seu próprio orgulho. E a solução única para o problema humano, que se apresenta hoje com uma gravidade sem precedentes na História, cifra-se nesta operação da qual depende a sorte das Nações: reconstruir o Homem.

*
* *

Reconstruir o Homem é levar o próprio Homem a reconquistar-se. É instruí-lo afim de que se restaure, se refaça, e venha a ocupar o seu trono perdido. Essa é a grande cruzada dos tempos moder-

nos. O grande movimento que terá de partir da verdadeira Universidade. E quando digo verdadeira quero dizer a Universidade que veja no Homem aquela unidade substancial de uma dualidade, aquela síntese de necessidades e aspirações consoantes à natureza física, à sensibilidade estética, ao poder da razão, à fôrça imaginativa, à capacidade volitiva, à índole social, à vocação divina.

O ensino, então, objetivará produzir, não apenas profissionais, mas Homens. Será instrução e educação. Da sua forja não sairão os bonecos de carne dos períodos históricos do desespêro, a edificar automàticamente uma civilização a-finalista, uma civilização que, fazendo de si mesma o seu fim, não passa, bem considerada de um totalitarismo mais feroz do que o próprio totalitarismo político que se exprime no Estado absorvente. Pois tudo aquilo que se ergue na terra sem que tenha por fim servir ao Homem e ao seu destino último que é Deus, será violência contra o Homem, opressão e degradação do Homem.

A civilização dos nossos dias, agnóstica, utilitária e técnicista; essa civilização idolatra, cada dia mais embevecida na adoração dos seus deuses de aço e das potências despertadas nos meandros da matéria; essa civilização, que transforma a "pessoa" em "indivíduo", tomando do Homem apenas os seus fragmentos; essa civilização guarda, inconfessado e tenebroso, o princípio catastrófico de um to-

talitarismo, o qual, à maneira dos icebergs, emerge, aqui, ou ali, as suas pontas reveladoras sob as formas do nazismo, ou do comunismo, do capitalismo ou do liberalismo.

E será inútil todo o esfôrço humano tendente a conjurar tais perigos, se não formos ao âmago da questão, dando um sentido espiritual, uma direção para Deus, a todo o trabalho dos cientistas, dos técnicos, dos artistas, dos estadistas, nas suas atividades criadoras.

Lançar no mundo o Homem Novo dos Tempos Novos. Retornar ao equilíbrio, depois da fantasia delirante do Super-Homem niestzcheano e das visões degradantes dos Sub-Homens marxistas; depois do sêr amorfo, de alma congelada, do agnosticismo liberal, e do monstruoso Frankstein centaurizado à justaposição das máquinas a que adere como peça adequada ao ritmo das propulsões elétricas ou mecânicas.

Reconduzir o Homem àquele esplendor das Harmonias Divinas, em que êle exerce a sua integral soberania, impondo a fôrça dos valores morais onde pretendam imperar as fôrças bárbaras e desconexas dos valores materiais em conflitosa desordem.

Ou fazemos isso, ou o mundo não terá salvação. Porque isso fazer é traduzir em normas sociais, nacionais, familiares e pessoais, tudo quanto nos ensinou Aquêle por cuja Graça logramos alcançar os verdadeiros padrões de vida dígna, de paz fecunda entre os povos, de verdade, de justiça e de beleza.

PREPARAÇÃO PARA O COLETIVISMO TOTALITÁRIO

No caminho em que vamos, serão as futuras gerações constituidas de homens e mulheres automatos, dirigidos despòticamente por uma elite exploradora dos seus instintos. Êsses homens e mulheres formarão a massa amorfa, como coletividades standartizadas, que se moverão, como aparelhos mecânicos, ao arbítrio de alguns indivíduos conhecedores da técnica de formação da opinião pública.

Estamos, presentemente, fabricando homens e mulheres em série, como se fabricam automóveis, relógios e máquinas de cortar salame. Os instrumentos utilizados nessa indústria são o cinema, o rádio e as revistas ilustradas.

O processo é simples. Trata-se de atrofiar as faculdades criadoras da criança e do adulto. Tudo o que representar esfôrço pessoal deve ser evitado no educando. Desde o método de ensinar a lêr, a preocupação dos técnicos deve ser a de habituar o aluno ao mínimo esfôrço. Quem trabalha é o professor, ou a professôra. Acostuma-se, assim, a criança a uma receptividade passiva, que lhe vai anulando

tôda a capacidade de prestar atenção, de observar, comparar, deduzir e concluir. Dá-se-lhe a comida intelectual já mastigada e digerida. O menino ou menina acostuma-se a ser dirigido e perde todo o poder de direção própria, autômata, criadora.

*
* *

Aprendendo a ler, e mal, trata-se de impedir que o adolescente adquira o hábito de leitura. Êsse futuro homem-autômato ou melhor mulher-autômata deve ser o leitor exclusivo dos títulos dos jornais, dos artiguinhos ligeiros que não exigem esfôrço cerebral. Como conseguir isso? Muito fácil: acostumar o paciente a aprender historietas em desenhos.

Verificou-se que, quando alguém lê uma novela, ou um romance, ou um conto, forma uma idéia pessoal dos personagens e dos ambientes. Várias pessoas, lendo o Robinson Crusoé, ou o D. Quixote, ou o Conde de Monte Cristo, ou as obras de Vitor Hugo, ou Manzoni, ou Pierre Lotti, acontece que cada uma idealiza a fisionomia dos personagens, imagina uma casa descrita, uma sala, um jardim dos quais fala o escritor. Quer dizer, a unidade de concepção do objeto descrito é diferenciada pelo poder imaginativo de cada leitor. Isto é, o leitor colabora com o autor, trazendo contingente do seu pró-

prio temperamento, dando caráter pessoal à efabulação, que não perde o que tem de essencial e ganha em universalidade. Significa isto que cada leitor tem a sua personalidade; mas como a preocupação moderna é destruir totalitàriamente a personalidade humana, engendrou-se um processo de transmitir narrativas: é o uso de figurinhas em quadros sucessivos e uma ou outra palavra elucidativa, o que é raro.

Um livro ilustrado com arte é incontestàvelmente sedutor e contribui para desenvolver o gosto da leitura. O leitor, pequeno ou grande, vendo um quadrinho com a legenda (por exemplo) a dizer: "... e João, no tombadilho, sacudia o lenço", sente viva curiosidade de ler tôdas as páginas para achar a cena descrita pormenorizadamente. Mas um livro, ou uma revista, que do começo ao fim só traga figurinhas, corta pela raiz todo o poder criador do menino ou adulto que folheia as suas páginas e, ao mesmo tempo, desabitua-os da leitura, atrofia-lhes a faculdade da atenção, torna-os preguiçosos mentais.

Nada mais nocivo à personalidade. Quem se habitua a acompanhar historietas em quadrinhos tem de pensar com o desenhista, tem de conceber com o desenhista, tem de aceitar o que o outro imaginou. Quer dizer: acostuma-se uma geração a subordinar-se a "idéias feitas". No fim de algum tempo, essa geração não sabe mais imaginar, pensar,

refletir, deduzir, concluir por conta própria; mas entrega-se à imaginação, ao pensamento, à reflexão, à dedução e à conclusão alheias. É um autômato. É um boneco, não é uma criatura humana.

*
* *

Fala-se hoje em totalitarismo de Estado, mas eu não conheço pior totalitarismo do que êsse, que destroe, inteiramente, a personalidade humana. Precisamos dar o brado de alerta contra essa organização internacional dos desenhos animados que a meu ver, constitui a pior das ameaças à democracia, que é o estilo de vida onde mais se exige o poder expressivo do indivíduo, como agente autômato e consciente, insubordinável à opinião fabricada para o uso dos ignaros.

Mas além das historietas pelos quadrinhos, temos o desenho animado no cimena. Até certo ponto, é aceitável e, fôrça é dizer, tem produzido algumas obras primas, como por exemplo a Branca de Neve. Até aí nada de mau. Entretanto, apareceu um filme interpretando os grandes músicos através de representações de desenhos animados. Considerei aquêle filme um atentado contra a sensibilidade e a personalidade de quantos o assistiram. Pois se em literatura o leitor deve colaborar com o autor na maneira pessoal de configurar personagens e ambientes, o que não diremos da músi-

ca? Como forçar a todos, como violentar os temperamentos e as personalidades, oferecendo interpretações visuais impositivas à música de Bach, de Beethoven, de Schubert? A música é a mais indefinível, a mais universal, e a mais sugestiva das artes. Ouvindo-a, ainda que tenhamos conhecimento da interpretação que lhe deu o autor ou os críticos, nós encontramos margem para novas criações interpretativas, de cunho essencialmente pessoal. Como obrigar-nos a ver o que o desenhista viu segundo as suas possibilidades interpretativas?

*
* *

Mas não são apenas os desenhos animados. Temos os próprios filmes cinematográficos. Os tipos de vida, de costumes, de pessoas que ali aparecem são feitos à maneira de fôrmas, onde se devem despejar as disponibilidades humanas fundindo-se os caractéres e tornando todos os **habitués**, todos os vassalos de Hollywood, em indivíduos iguais uns aos outros... A propaganda que se faz dos artigos é ainda mais impositiva na desconformação dos caractéres. Menina ou menino cinemeiro é um sêr que perde cada dia mais a sua personalidade. Não são êles que vivem, são os artistas que vivem nêles.

Cumpre ainda notar o efeito produzido nos cérebros adolescentes pelos espetáculos muito a miúde

assistidos. É sabido que tudo quanto vemos, ou ouvimos, fica durante algum tempo vibrando em nosso cérebro. Chamamos a isso impressão, e a impressão não é mais do que um prolongameno da sensação e principalmente da emoção, exigindo um dispêndio de energia cerebral. Ora, como pode um cérebro, na idade dos estudos primários, ou secundários, gastar mais do que pode, psicológica e fisiològicamente? Sabendo-se que as impressões mais fortes são as dominantes, segue-se que a recordação dos filmes ocupa mais as reservas de energia cerebral do que a preocupação dos estudos. Temos, pois, um cérebro em **déficit**. Essa a razão pela qual um ginasiano de hoje sabe menos do que um aluno de curso primário no tempo em que não havia cinema. Tenho visto estudantes de curso superior incapazes de redigir, já não digo um artigo, mas uma carta. Nada mais natural, pois para alguém escrever, é preciso ler muito, e os quadrinhos das revistas e jornais na infância, o cinema, finalmente os títulos berrantes das manchetes dos jornais, desacostumaram inteiramente êsse môço ou môça de ler. Nada lendo, nada escrevem.

Além do cinema, que deixou de ser uma simples diversão para se tornar um vício, temos hoje um sem números de prazeres — as praias, o futebol, os clubes dansantes, o excursionismo, etc. — que distraem completamente os jovens, afastando-os do estudo e da leitura.

Essa, certamente, constitui uma das razões da decadência intelectual das mais recentes gerações, embora outras existam.

Não podemos deixar de mencionar os ambientes do lar e da própria escola. No lar, os meninos e os mocinhos não encontram atmosfera que os estimule às atividades mentais superiores. Os pais também não lêm, senão as páginas dos crimes sensacionais que a imprensa pública com grandes títulos, ou as revistas elegantes repletas de fotografias e páginas coloridas. As conversações tratam ou de negócios ou de vida social. As mais das vêzes não há conversação nem em família nem quando chegam visitas.

Não havendo o que conversar, joga-se, o que é sinal irretorquível de decadência, como observou Catarina II, imperatriz da Rússia. Essa princeza alemã, que veio a ser um dos maiores estadistas do seu tempo, observou, quando chegou à Capital dos Tzares, que na côrte muito se jogava, para encobrir a incapacidade de conversar, o que exige certa cultura. E foi uma das suas iniciais preocupações substituir o baralho pelo livro e pela arte de bem conversar.

De tempos a esta parte, veio a televisão. Poderia ser o mais decisivo instrumento educacional e cultural. Infelizmente não o é. Após o seu advento, as visitas aos amigos tornaram-se a coisa mais enfadonha do mundo. Os visitantes chegam, a família

está no escuro, diante do aparêlho televisor. Passam desenhos animados, passam anúncios sôbre anúncios, passam comediasinhas pifias, e visitantes e visitados guardam profundo silêncio. Corre assim uma hora, corre outra, não raro mais outra. Finalmente, os visitantes se levantam, despedem-se. Nada se falou.

Em tais ambientes, como podem as crianças e os jovens se interessar por assuntos literários ou científicos? Como podem formar a sua consciência de moral e de civismo?

Civismo? Isso então é o que mais desaprendem os moços, porque o que o rádio e a televisão oferecem relativo à coisa pública são as intrigas políticas, os comentários de cronistas e os discursos e entrevistas de cabos eleitorais.

E o ambiente da escola? Temos duas categorias de professôres: os idealistas, que se desesperam diante da inacessibilidade dos alunos às solicitações superiores, e os comercialisadores do ensino, vendedores de aulas, sem amor à profissão que deveria ser por todos os mestres tomada como um sacerdócio.

Sem amor aos livros, estudando para conseguir um "meio de vida", ou melhor um meio de futuramente arranjar bom emprêgo, os alunos tratam de mastigar os programas sem lhes tomar o gôsto. E os programas? São enormes, tumefatos, espessos, pesados como chumbo. Dada a sua extensão, os pro-

fessôres nunca os terminam no transcurso de um ano letivo. Assim, o aluno não forma uma idéia geral da matéria. Dela tomou um pedaço aqui, outro acolá, sem apreender siquer o espírito da ciência ou da arte que se lhe propôs. No fim do ano é promovido. Não palmilhou a estrada; foi aos pulos. Nada conhece do que ficou para trás e nada conhecerá do que vier adiante.

Três matérias essenciais — a aritmética, a geografia e a língua vernácula — são geralmente ignoradas pelos nossos jovens dos cursos secundários ou superior. Uns estudam trigonometria sem saber redigir uma carta, outros estudam direito sem nada conhecer de lógica ou de história. E êsse quadro geral é o que se nos apresenta em nosso país.

Para onde iremos nesse caminho? Que homens estamos preparando para continuar o Brasil?

*
* *

Muitas considerações poderíamos fazer sôbre êste magno assunto. Limitamo-nos, a erguer uma ponta do véu que desvenda o mistério da incapacidade geral da chamada massa coletiva, a decadência intelectual cada vez mais acentuada em todos os países e a desordem do mundo, onde imperam os agentes espertíssimos, implantadores de uma nova forma de vida social constituida de homens e

mulheres máquinas, verdadeiros Franksteins, bonecos sem vontade, sem imaginação, sem raciocínio.

É o mais terrível dos totalitarismos desta época de degradação do gênero humano.

EDUCAÇÃO

Todos os problemas do Brasil se reduzem, afinal, ao problema da Educação. A instabilidade política, a desordem social, a negligência não só nas atividades administrativas como no processo de trabalho nos diferentes ramos profissionais, tudo tem por única origem a ausência de uma obra sistemática de formação da consciência popular no sentido da compreensão das responsabilidades de cada qual.

A própria instrução pública, desde os graus primário e secundário ou superior e às especializações técnicas, ressente-se do fundamento primordial da Educação. Confundem-se no Brasil essas duas coisas tão diversas: **Instrução e Educação.** Julgamos preenchidas as necessidades desta, pelo fato de possuirmos um Ministério de Educação e, em cada Estado uma Secretaria de Educação, órgãos êsses que comandam universidades, liceus, escolas primárias, museus e pinacotecas.

Tal aparelhamento não passa, entretanto, de meios de Instrução; e Intrução é coisa muito diferente de Educação. Aquela tem por fim enriquecer a inteligência, esta objetiva formar o caráter. A

cultura de um povo mede-se pelo grau de equivalência e de inter-comunicação entre o acervo dos conhecimentos científicos, literários, artísticos e técnicos e o conjunto de idéias baseadas num conceito de vida pessoal e de destinação nacional inspirado em nítida concepção do Universo e do Homem e norteado para o futuro segundo o rítmo da tradição histórica.

*
* *

Um povo pode ser instruído e não ser culto, isto é, não possuir a consciência do que representa, nem de onde veio e para onde vai. Desconhece inteiramente as normas de procedimento que lhe convém. Está sempre à mercê de idéias, muitas vêzes oriundas do estrangeiro e contrárias aos seus interêsses vitais, mas cujo fascínio se exerça pelo poder da propaganda mais poderosa. É êsse um povo sem defesa orgânica, sujeito a infecções letais que o destroem.

Cultura é, pois, Instrução aliada a Educação. Esta forma o caráter nacional, formando, primeiro, o caráter de cada um dos membros da coletividade pátria. A própria Instrução nunca será perfeita, se instrutor e instruendo não se armarem de uma consciência de responsabilidade, guiada por irredutíveis normas de procedimento.

A regra das ações, como acentuou Farias Brito, depende da aceitação preliminar do que assentarmos como verdade.

Ninguém pode dirigir-se, desarmado de princípios que lhe sirvam de equilíbrio interior a refletir-se nos atos exteriores. Quando dizemos de um homem que êle é "bem formado", ou que "tem boa formação", queremos significar que êsse homem possui moral embassada em uma ou algumas idéias de que não abre mão, em hipótese alguma, porque essa ou essas idéias, transformando-se em sentimentos, fazem parte de sua própria personalidade. Nesse homem podemos confiar, sempre que êle aceita qualquer encargo, porque de antemão sabemos que nunca se afastará de atitudes condizentes com as suas convicções. Diante de cada problema, sabemos, sem o consultar, o seu parecer, uma vez que êste deriva de princípios imutáveis.

Quando, porém, uma pessoa não possui um conceito de vida, que tenha por verdadeiro e ao qual seja fiel, ninguém sabe o que ela pensará, ou resolverá, diante de qualquer problema. O seu guia será o interêsse material imediato. Em vez de perguntar: "qual das soluções consulta o pensamento que me norteia na vida", o indivíduo sem convicção pergunta: "qual das soluções me será mais rendosa?".

Temos, assim, um oportunista, um indivíduo que adota a filosofia do êxito material imediato, ou seja da conquista de emprêgos, de dinheiro, de glorias e mandonismo.

*
* *

Um país constituído de pessoas dêsse feitio, de homens e mulheres disponíveis, inteiramente ao sabôr dos acontecimentos e das seduções da fortuna, é um país sem unidade moral, onde todos os planos de realização coletiva são precários e tôdas as organizações sociais ou políticas são instáveis.

No Brasil temos chegado a essa triste condição. Se apreciarmos o panorama político, vemos uma infinidade de homens sem fidelidade partidária, mudando de partido como mudam de camisa, não por haverem chegado a alguma conclusão de ordem filosófica, mas pelo fato de procurarem um êxito mais fácil às suas ambições e desejo de subir pelo caminho mais curto. Vemos homens eleitos por um partido passarem-se a outro sem renunciar as suas cadeiras, sob o pretexto deslavado de que foram eleitos pelo povo. Vemos outros eleitos por dois ou três partidos para o cargo de governador declararem que não têm compromissos com nenhum dêles, porque foram candidatos do povo, o que não passa de cínico sofisma, a burlar não só a lei eleitoral que

estabeleceu legendas, mas o próprio povo perante o qual referido candidato se apresentou como portador de certas idéias consubstanciadas nos programas dos partidos agora renegados. Vemos ainda outros estabelecerem dissidência nos partidos a que pertencem, quando êstes se colocam em oposição e o poderoso do momento acena com propinas ou negociatas aos capazes de transfugir aos compromissos da sua grei. E vemos, ainda, homens que ontem defenderam certas idéias, erguerem-se hoje como acérrimos opositores delas visando com isso proventos indecorosos.

*
* *

O povo, por sua vez, já não pede credenciais de doutrina ou postulados programáticos, porém os bens imediatos, que agradem ao estômago ou à sensualidade, ainda que para benefício do coevos haja de sacrificar-se o futuro dos pósteros. Promessas de emprêgos, distribuição de macarrão ou de feijão, espórtulas e mata-bichos, doações a clubes esportivos e recreativos, convescotes e regabofes, bandas de música e festins de civismo saturninos, eis com que se engordam e tangem massas eleitorais.

Confundiu-se democracia com relaxamento de costumes e falta de civilidade, a tais extremos montantes que os homens de Estado não se pejam de

discursar às massas em mangas de camisa, ou intelectualmente descamisados encarrilham tropos de pura gíria falando, para lisongear o vulgo, em linguagem de arrieiros sem respeito nem pela verdade, nem pela gramática. Dessa forma, em vez de procurar a elevação espiritual do povo êsses políticos o degradam e rebaixam, descendo êles próprios aos níveis mais reduzidos de dignidade oratória.

Em tal ambiente, os partidos não encontram estabilidade. Além de numerosos, partem-se e multipartem-se consoante os interêsses regionais de cada Estado e, no âmbito da cada Estado, subdividem-se em facções que flutuam segundo a maior ou menor aderência governativa de seus comparsas. Além disso, temos de assinalar os casos em que tais partidos elevam à governança algum correligionário. Êste, pilhando-se no alto, assume os ares do cargo e, esquecendo os compromissos, trata de costurar colchas de retalho com a bemquerença dos partidos que lhe foram opositores, método pedagógico êsse que vai desfibrando o caráter dos cristãos novos e arrefecendo o estímulo da guarda-velha, com, insinuação evidente de gerais descompromisos e descaso absoluto por princípios doutrinários.

Não há, portanto, em nosso mundo político, nenhum sentido de responsabilidade. Tudo ali é flutuante, nada tem profundidade e firmeza. Numa palavra: não há caráter político. E não há caráter porque não há Educação. Por conseguinte, a obra

que se nos impõe, se quizermos construir uma Pátria consciente, digna, forte nas suas convicções, é a obra urgente, imperiosíssima, da Educação.

*
* *

Porque se passarmos do panorama político ao do exercício das profissões e dos emprêgos, notamos a mesma irresponsabilidade, a dominar tudo e todos. É olhar e vêr: são comerciantes a roubar no pêso; industriais a contrafazer produtos, chegando a extremos de falsificar até medicamentos; operários a praticar sabotagem; lavradores a descurar suas terras e a descuidar da boa qualidade de seus frutos; advogados a chicanear; escrivães a cosinhar autos em gavetas; juizes a protelar despachos; médicos a jogar com a vida alheia por desatenção ou negligência; arquitetos, com mais ôlho à comissão do que à estabilidade do edifício e à economia do cliente; farmacêuticos omissos nas doses ou no respeito às fórmulas consoante a margem do lucro; dentistas a fazer obras de alfaiates e alfaiates peritos em obras de Santa Engrácia; marceneiros, sapateiros, ferreiros e mais artífices, especializados em entregar seus primores de mau acabamento no dia de São Nunca; estudantes exímios em gazeta e cólas; professores que deitam água benta a alunos asnáticos, para que o colégio ganhe fama de máquina elétrica

aos olhos de pais insensatos, e catedráticos de vista grossa e ouvidos moucos, incapazes de distinguir entre os examinados aquêles que saem pelas portas das Faculdades escondendo as orelhas sob o capelo, e edificando ignaros com ornejos doutorais.

Essa desordem generalizou-se, desde a incompetência dos chamados sábios à inabilidade dos automobilistas que transitam como perigos públicos em velocidades assassinas de arrancar árvores e postes. E, num ambiente como êsse, em vez de se cogitar de centros de cultura moral, estimulam-se os instintos primitivos em torneios coreográficos de senzala e taba, a extroverter a própria desordem que lavra pelas almas.

Todos são irresponsáveis. Ninguém pode confiar em ninguém. Um plano diabólico acelerou nos últimos tempos a dissolução das responsabilidades e da própria consciência das personalidades. A tal ponto que os rapazes se afeminam em exibições plásticas de Ganimedes praianos e as môças se masculinizam na desenvoltura holiudesca de garçonas despreconceitualizadas. Os velhos disfarçam as cans erigindo-se em leões da Avenida e faúnos aposentados com fumaças de validez, associando-se em convívios tiberinos de apartamentos onde se não lêem, nem por sombras, as páginas do Eclesiastes.

Quando se chegou a tal ponto, com proliferação exuberante de negociatas, tranquibérnias, câmbio negro e existencialismo com Sartre na ordem

do dia e a pecha de fascista para tudo o que seja moralidade e moralização, francamente podemos dizer que atingimos o fundo daquele abismo que nos anunciavam os oradores coetâneos de nossos avós.

*
* *

O obra da Educação não é obra burocrática de Ministérios e de Secretarias. É emprêsa em que se devem empenhar todos aquêles que ainda não hipnotizados pelos Simãos Mágicos da hora que passa, ardem de patriotismo no ensejo de redimir a Nação, de apontar-lhe o caminho da honra e de chamar o povo brasileiro à dura realidade do seu deplorável quadro social presente.

E essa é a obra a que devemos meter ombros, a ela dando tudo, porque se não a realizarmos, podemos dizer, com segurança, que tudo por nós foi perdido. Reerguer nossa Pátria pela educação do nosso povo: eis o que exige a tradição do nosso passado e os deveres que nos ocorrem perante o futuro. Isso transcende à política e aos partidos; é cometimento difícil e portanto para homens corajosos; é ideal grandioso e, por conseguinte, ideal digno de grandes homens.

AS CAUSAS DA IRRESPONSABILIDADE

O problema fundamental no Brasil ainda é e continuará a ser o da educação nacional. Tôdas as questões que se apresentam desafiando a solução por parte dos homens públicos tornam-se absolutamente irresolúveis pela ausência de um espírito nacional formado sob a inspiração de idéias claras e nítidas capazes de orientar os intérpretes e os executores das leis e das normas administrativas pré-estabelecidas nos setôres do govêrno ou das mesmas emprêzas de iniciativa privada. Essas idéias inspiradoras não precisam ser muitas, nem necessitam envolver complexidades de alta indagação filosófica. Uma Nação se conduz com três ou quatro conceitos de existência, de direito e de deveres. E é justamente o que falta ao povo brasileiro.

Ou seja pela influência das variadíssimas correntes imigratórias, trazendo cada qual o tom da nacionalidade própria e a soma dos prejuízos inerentes a velhas civilizações, e trazendo, principalmente, o objetivo imediato de "fazer a América", sem nenhum liame histórico a prendê-las ao vigamento principal da tradicionalidade do nosso país; ou seja pela rápida transição de uma economia primitiva para o ritmo acelerado de novas condições

técnicas; ou seja por fôrça da crise econômico-financeira que aperta as suas tenazes comprimindo os orçamentos domésticos agravados, dia a dia, pela transformação do superfluo em elemento de primeira necessidade, — o fato é que o brasileiro de hoje transformou-se num utilitário grosseiro, interpretando tudo e tudo resolvendo de acôrdo com seus interêsses particulares e suas mesquinhas ambições.

No fundo, o nosso patrício é um homem sem fé, que sòmente se agita no sentido de ganhar dinheiro, ou conseguir emprêgos rendosos, ou prestígio político e social; em tudo o mais é um abulico, um fatalista, que se deixa levar pela corrente dos acontecimentos, procurando sempre colocar-se do lado daqueles que lhe podem oferecer maiores vantagens ou, pelo menos, a vantagem de se sustentarem o maior tempo possível nas posições de mando.

*
* *

Principiamos esfriando a nossa crença em Deus, porque não tínhamos tempo de pensar n'Êle, ou de dedicar-lhe alguns minutos de meditação, no meio do tumulto da vida praticável; e, assim, acabamos frigorificados espiritualmente, com a consciência endurecida como o gêlo, o que, de certa forma representava uma vantagem no mundo dos negócios, onde sempre é bom adotar-se o conceito nitzcheano, ou wildeano, de uma atitude acima do Bem e do Mal...

Depois, o enrigecimento glacial atingiu as zonas do sentimento patriótico, e ninguém mais pensou na Pátria senão como uma figura de retórica para os comícios eleitorais ou para os arrazoados das iniciativas indústriais ou financeiras onde se prova sempre por "a" mais "b" que o negócio proposto é de primeiríssima ordem para os interêsses nacionais...

Finalmente, petrificaram-se os corações pela pressão congelante do egoismo, abrangendo essa hibernal atmosfera a consciência dos deveres para com a Família; e, então, os lares se tornaram instáveis, o destino dos filhos um assunto subalterno, o decoro conjugal um réles preconceito do passado, a própria honra individual uma ficção sem a menor importância.

*
* *

A essa altura, já lavrava, em todos os setores das atividades humanas em nosso país, a mais desbragada irresponsabilidade, desde a dos homens na alta finança, mancomunados em grupos e a exercitar manobras subtilíssimas de ganhos astronômicos, até ao negociante que mistura ao leite e ao vinho a água das torneiras, por sua vez infecta como tudo o que se oferece ao consumo público. A inexação dominou os funcionários das repartições governamentais, sedentos de gorgetas e de propinas, cujas

personalidades se modelaram ao espêlho de seus chefes, de quem a prestidigitação aplicada à arte de desviar dinheiro do erário para o próprio bolso já se havia tornado popularmente conhecida.

Por outro lado, a indecorosa manobra dos partidos políticos, transformados em máquinas de fabricar posições, emprêgos e negociatas, correu parelha com o despudor da compra e venda eleitoral, nessa bolsa dos desvalores das urnas democráticas, onde palhaços e chantagistas logram fazer impudente cartaz e colher resultados espetaculares.

Nesse panorama de irresponsabilidade geral, não poderia ficar isento da infecção contagiante o próprio trabalho dos que ainda se tinham em conta de honestos; e dessa forma, a olhar para o exemplo dos grandes, os pequenos perderam todo o estímulo da dignidade, clamando por maiores estipêndios, mas esquivando-se ao esfôrço produtivo. Conseqüentemente, com o encarecimento da vida, tivemos a onda de mau estar em tôdas as classes dos degraus médio, sub-médio e proletário, com a agravação do estado de espírito do mais feroz utilitarismo.

De alto a baixo, o Brasil está infeccionado de materialismo e de imediatismo e, ainda mesmo quando nos boquiabrimos diante dos arranha-céus e do estridor das fábricas, das realizações materiais e dos prospectos de radioso futuro, não podemos deixar de inquietar-nos percebendo que, de ano para

ano, somos mais inconscientes, mais fatalistas, mais autômatos, menos capazes de fé em quaisquer princípios dêsses que serviram de base, por exemplo, ao surto econômico e industrial dos Estados Unidos nos meiados do século XIX.

O estágio econômico-financeiro do Brasil, nesta metade do século XX é — guardaads as proporções do moderno aparelhamento industrial e da técnica dos nossos dias — o mesmo da grande Nação setentrional da América naquele tempo; mas no século XIX, os Estados Unidos, mau grado a formação dos grupos financeiros que então lá se esboçavam e do pragmatismo das avançadas no rumo do Far West, conservavam e alimentavam aquelas idéias que haviam servido à formação da sua consciência nacional. Principalmente as idéias da moral puritana, que forteleciam a noção dos deveres perante Deus e perante a Pátria, eram bem vivas e ativas no pensamento e na palavra, na atitude e no exemplo dos estadistas, assim como no íntimo da alma do povo.

O problema, pois, do Brasil de hoje é inegàvelmente educacional. Sem se lançar uma larga campanha nesse sentido, para reativarmos as poucas energias ainda presentes em hora tão desfavorável, iremos ao léu dos acontecimentos internos e externos e não podemos prever se terminaremos uma colônia russa ou americana, ou qualquer coisa informe e indefinida como as Índias ou o mundo árabe.

*
* *

Essa campanha educacional deve penetrar o seio das famílias, deve agir nas escolas, deve alargar-se às massas populares, deve — acima de tudo — injetar nas elites intelectuais a noção dos deveres para que não se estiolem os escritores, os pensadores, os filósofos, os juristas e os economistas, nessa vil submissão de vassalagem aos poderosos, vicejando como cogumelos à sombra de aventureiros políticos ou de indivíduos ôcos guindados a altas posições pelo dinheiro ou pelas circunstâncias fortuitas do jôgo de azar dos partidos; mas para que assumam pela palavra e pelo exemplo a liderança de um povo em franca disponibilidade, tanto para o Bem como para o Mal.

Como sustentarmos o regimen democrático, se a permanência dêste exige íntimas convicções doutrinárias e o conhecimento da técnica mediante a qual êle funciona?

Nada se ensina ao povo; só se desensina. Os jornais cretinizam as massas com grossas manchetes sôbre crimes e futilidades. Os comentários políticos são superficiais e trazem a eiva dos corrilhos partidários. Nas escolas, nada se diz sôbre os deveres dos cidadãos. E o exemplo geral dos responsáveis é o paradigma trágico determinando o mimetismo de uma multidão sem ideal, sem espírito, sem alma.

APÊNDICE

(Documentos do esfôrço educacional do Integralismo)

SECRETARIA NACIONAL DE CULTURA ARTÍSTICA

REGULAMENTO

I — DOS FINS

Art. 1.º) — A SNCA é um dos órgãos fundamentais da A.I.B. e tem por finalidade incentivar, difundir, criar e controlar a parte artística e cultural do movimento integralista.

II — DOS ÓRGÃOS

Art. 2.º) — A SNCA compõem-se dos seguintes órgãos hieràrquicamente designados:

a) — Secretaria Nacional de Cultura Artística — SNCA.
b) — Secretaria Provincial de Cultura Artística — SPCA.
c) — Secretaria Municipal de Cultura Artística — SMCA.

Art. 3.º) — A S. N. C. A. compete:

a) — Dirigir o serviço Nacional de C. A. orientando e controlando as atividades das secretarias provinciais.
b) — Obter dos Chefes Provinciais Relatórios mensais.

c) — Promover reuniões de arte, concertos, exposições, conferências, etc.

d) — Solucionar tôdas as questões de sua especialidade.

e) — Apresentar mensalmente ao Chefe Nacional relatório de suas atividades em todo o território nacional.

Art. 4.º) — A S. N. C. A. compor-se-á de um Gabinete, um Conselho Nacional de Belas Artes (C.N.B.A.), e sete departamentos a saber:

Departamento Nacional de Música — DNM.
Departamento Nacional de Belas Letras — DNBL.
Departamento Nacional de Artes Cênicas — DNAC.
Departamento Nacional de Artes Plásticas — DNAP.
Departamento Nacional de Artes Construtivas — DNAC.
Departamento Nacional de Artes Decorativas — DNAD.
Departamento Nacional de Rádio — DNR.

Art. 5.º) — O **Gabinete** constará dos seguintes órgãos:

a) — Diretoria de Expediente.
b) — Diretoria de Estatística.
c) — Comissão de reuniões de arte.
d) — Biblioteca.
e) — Museu de arte (divisão).
f) — Escolas de arte (divisão).

Art. 6.º) — O Gabinete da SNCA será dirigido por um chefe ao qual caberão as atribuições seguintes:

a) — Substituir eventualmente o SNCA.

b) — Estabelecer ligação entre os diferentes órgãos da SN e o Secretário Nacional de Cultura Artística.

c) — Dirigir os serviços de todos os órgãos de que se compõe o Gabinete.

d) — Fornecer ao SN mensalmente, os dados necessários para apresentação, ao Chefe Nacional, dos relatórios mensais.

e) — Transmitir aos chefes de departamentos as ordens do Secretário Nacional.

Art. 7.º) — À Diretoria de Expediente compete: a organização e contrôle do serviço de correspondência, arquivo, protocolo, datilografia, fichário e outros de sua especialidade; constará das seguintes divisões:

a) — Comunicações.
b) — Arquivo.
c) — Correspondência.

§ 1.º — **À Divisão de Comunicações** desdobrar-se-á nas seguintes sessões:

— Boletins
— Relatórios
— Instruções.

À secção de **Boletins** compete:

a) — Organização de boletins mensais de todo o movimento artístico do país.

b) — exigir dos S. P. C. A. os seus boletins.

À secção de **Relatórios** compete:

a) — Organização de relatórios.

b) — Remessa de relatórios mensais à Chefia Nacional.

c) — Exigir das S. P. relatórios mensais.

À secção de **Instruções** compete:

a) — manter com os Secretários provinciais correspondência, permanente no sentido de orientação e instrução para fiel observância dêste Regulamento.

§ 2.º — A **Divisão de Arquivo** desdobrar-se-á nas seguintes secções:

Arquivo Geral.
Material.

À Secção de **Arquivo Geral** compete:

a) — organizar e manter em dia o arquivo de correspondência, fichário, relatórios, atas, etc.
b) — organizar e manter em dia o fichário de tôdas as autoridades integralistas pertencentes à SCA.

À Secção de **Material** compete:

a) — manter rigorosamente em dia a relação de todo o material da SCA.
b) — requisitar da tesouraria os meios para organização de todo o material necessário aos serviços da secretaria.
c) — apresentar mensalmente relatório do material gasto.

§ 3.º — A **Divisão de Correspondência** compreenderá as seguintes secções:

1.º — Expediente e protocolo.
2.º — Datilografia.
3.º — Contabilidade e Tesouraria.

À Secção de **Expediente e Protocolo** compete:

a) — Encaminhar ao Gabinete tôda a correspondência recebida;

b) — Encaminhar aos departamentos todo o Expediente do Gabinete;

c) — Encarregar-se da expedição de correspondência;

d) — Organizar e manter em dia todo o serviço de entrada e saída de correspondência por meio de protocolo de recepção e expedição;

e) — Apresentar mensalmente ao Chefe da Divisão, relatório numérico das atividades da secção.

À Secção de **Datilografia** compete:

a) — Organização do corpo de datilógrafos da Secretaria de maneira a satisfazer as necessidades do serviço;

b) — Datilografar tôda a correspondência da Secretaria de C. A.;

c) — Apresentar mensalmente ao Chefe da Divisão, relatório numérico de suas atividades.

À Secção de **Contabilidade e Tesouraria** compete:

a) — Controlar a despesa e a receita da S.C.A.

b) — Organizar balancetes mensais.

c) — Manter em dia a escrituração de receita e despesa da Secretaria.

d) — Encarregar-se de tôda a renda proveniente de festivais, conferências, etc.

e) — Apresentar relatórios mensais.

Art. 8.º — **À Diretoria de Estatística** compete o estudo, por meio de dados numéricos, organização de gráficos, etc., de maneira a manter em dia a situação do movimento artístico do país, a fim de poder sugerir à

administração superior medidas de interêsse do movimento.

§ 1.º — A Diretoria de Estatística compreenderá as seguintes secções:

a) — Expediente.
b) — Pesquisas.
c) — Técnica (gráficos, etc.).
d) — Estudos e sugestões.

Art. 9.º — A Comissão de Censura será composta de número ímpar de membros aos quais competirá:

a) — Criticar e dar parecer sôbre todos os assuntos, sempre que lhe seja solicitado.
b) — Censurar tôda a produção artística da A.I.B., apresentando ao Secretário Nacional sua opinião por escrito.
c) — Censurar os programas de reuniões artísticas promovidos pela A.I.B. ou onde apareça o seu nome.

Art. 10 — À **Comissão de Reuniões de Arte** compete auxiliar os vários departamentos em suas iniciativas, incumbindo-se especialmente da instalação, decoração, meios de transportes e outros serviços promovidos pela S.C.A.

Parágrafo único — A Comissão acima será de nomeação do Secretário Nacional e se comporá de tantos membros quantos forem necessários podendo desdobrar-se segundo às necessidades.

Art. 11 — **Biblioteca** — A Biblioteca da SNCA terá por principais objetivos difundir entre os integralistas o gôsto pelas Belas Artes através da história antiga e con-

temporânea, mantendo para isso aparelhamento adequado.

Art. 12 — **Museus de Arte** — À D.M.A. compete a organização e orientação dos museus artísticos criados ou mantidos pela A.I.B.

Parágrafo único — Para execução dêste programa será iniciada imediatamente a coletânea dos elementos necessários.

Art. 13 — **Escolas de Arte** — A divisão de escolas de arte terá por finalidade criar, orientar e fiscalizar as escolas de arte fundadas ou mantidas pela A.I.B., enviando-lhes diretivas, programas de ensino, etc.

Art. 14 — O **Departamento Nacional de Música** controlará e orientará a produção musical do movimento integralista dirigindo nesse setor tôdas as atividades.

§ 1.º — Compreende as divisões seguintes:

— Música.
— Canto.
— Dança.

§ 2.º — Às Divisões de música, canto e dança compete:

a) — Orientar e controlar o movimento nessas especialidades em todo o país.
b) — Obter para o Museu artístico da S.N. documentação em suas diferentes modalidades ou sejam: sacra, teatral, sinfônica, de câmera, regional, etc.

Art. 15 — **Departamento Nacional de Belas Letras** controlará e orientará o movimento literário incentivan-

do o gôsto pela literatura em suas diferentes modalidades.

§ 1.º — Compreende as divisões seguintes:

— Prosa.
— Poesia.

§ 2.º — À Divisão de **Prosa** compete: incentivar o gôsto por êsse ramo de literatura, promovendo conferências, concursos, etc.

§ 3.º — À Divisão de **Poesia** compete: incentivar o gôsto pela poesia em suas várias modalidades: clássica, romântica ou moderna.

Art. 16 — **Departamento Nacional de Artes Cênicas** compreende as divisões de Cinema e Teatro e exercerá suas atividades nesses setores procurando dar ao teatro e ao cinema nacionais todo o apoio e incentivo.

§ 1.º — Às Divisões **Cinema e Teatro** compete: a orientação e contrôle dos filmes e peças organizados pela A. I. B. e a interferência nos de outras fontes, sempre que possível, tendo em vista os princípios doutrinários do movimento.

Art. 17 — O **Departamento Nacional de Artes Plásticas** terá por finalidade incentivar o gôsto pela Escultura, pela Pintura e pela Gravura, orientando e controlando as atividades da A.I.B. nesse sentido.

§ 1.º — Compreenderá as seguintes divisões:

— Pintura.
— Escultura.
— Gravura.

§ 2.º — Às divisões de **Pintura, Escultura** e **Gravura,** compete:

a) — orientar o estudo e observação da natureza brasileira, de seus aspectos típicos regionais, flora, fauna, história pátria, costumes de molde a fixar nas várias artes plásticas o grau de cultura da Pátria e seus aspectos através do ambiente histórico, natural e social.

Art. 18 — **Departamento Nacional de Artes Construtivas** — dirigir e orientar o movimento arquitetônico, colhendo dados artísticos e técnicos sôbre arquitetura e urbanismo das suas várias especialidades, esforçando-se para a criação e afirmação do estilo nacional brasileiro.

§ 1.º — Compreenderá as seguintes divisões:

— Arquitetura.
— Urbanismo.
— Arquitetura Paisagista.

§ 2. — À Divisão de **Arquitetura** compete:

a) — O estudo dos elementos necessários para a criação do estilo nacional brasileiro.

b) — Selecionar e obter o museu da S.C.A. elementos históricos arquitetônicos brasileiros.

c) — Orientar e dirigir as atividades da A.I.B. nesse setor.

§ 3.º — À **Divisão de Urbanismo** compete:

a) — Estudar os planos de organização das cidades brasileiras, abrangendo abastecimento dágua, esgotos, etc.

b) — Estudar a legislação do assunto levando em conta nossas possibilidades e em face dos problemas autorais, honorários dos técnicos, concursos, etc.

c) — Promover a organização de planos de urbanização das cidades sempre que os respectivos prefeitos integralistas o solicitarem.

§ 4.º — À **Divisão de Arquitetura Paisagista** compete:

a) — O estudo de planos de embelezamento de nossas vias e praças públicas.

b) — O estudo da legislação adequada.

c) — Organização de intercâmbio artístico através das revistas, jornais, planos, documentos, bibliotecas, etc.

d) — Orientar as províncias nos assuntos dessa especialidade.

Art. 19 — **Departamento Nacional de Artes Decorativas — compete:** a orientação e coletânea de motivos ornamentais brasileiros, para, em cooperação com o Departamento de Arquitetura auxiliar a criação do estilo nacional brasileiro.

§ 1.º — Compreenderá as divisões seguintes:

— Exterior (ar livre).
— Interior (Edifícios).
— Mobiliário.
— Utensílios.

Art. 20 — **Departamento Nacional de Rádio** tem por fim orientar e controlar a propaganda artística da A. I. B., por intermédio das estações existentes ou que venham a ser criadas.

§ 1.º — Compreenderá as seguintes divisões:

— Música.
— Propaganda Artística.
— Propaganda Comercial.

PLÍNIO SALGADO — Chefe Nacional.
Rodolfo Josetti — Sec. Nac. da S.N.C.A.

A PREPARAÇÃO DAS ELITES INTEGRALISTAS

OS CURSOS DADOS EM 1934 PELO DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DO DISTRITO FEDERAL

Direito Corporativo — Professor San Tiago Dantas;

Introdução a Sociologia Geral — Prof. Thiers Martins Moreira.

História Militar Brasileira — Prof. Gustavo Barroso.

História Social e Política do Brasil — Prof. Hélio Viana.

História das Doutrinas Econômicas — Prof. Antônio Gallotti. Ofensiva de 7 de junho de 1934.

O movimento integralista se processa num duplo sentido: o da arregimentação disciplinar das suas legiões e o da formação das suas elites. Para aquêle trabalham as Estados Maiores Nacionais e das Províncias e dos Municípios. E para aumentar as suas fileiras, desenvolve-se, viva, a propaganda por todo o Brasil. Para êste, trabalham, beneditinamente todos os departamentos de Estudo, supervisionados pelo Departamento Nacional de Doutrina. Os Departamentos de Estudos têm não só a função de lecionar, dar cursos, preparar os doutrinadores como também a de precisar, estudar a realidade brasileira, à luz da doutrina Integralista, pondo em equação todos os grandes problemas da Pátria.

O D.P.E. do Distrito Federal, continuando o seu trabalho de estudo e pesquisas e preparação doutrinária, começará ainda êste mês uma série de cursos.

Damos abaixo, o decreto nacional que regulamenta a instrução doutrinária dos integralistas, o regulamento para o curso intensivo do Distrito Federal dêste ano, e, em seguida, os programas e seus professôres.

DECRETO QUE REGULAMENTA A INSTRUÇÃO DOUTRINÁRIA ENTRE OS INTEGRALISTAS

O Chefe Nacional resolve:

Art. 1.º — A Instrução Integralista faz-se entre graus:

a) — Doutrinação.
b) — Estudos integralistas.
c) — Altos estudos integralistas.

Art. 2.º — A doutrinação é feita às massas integralistas ou não com o fim de esclarecer à consciência pública sôbre os grandes problemas sociais e políticos encarados pela A.I.B.

Art. 3.º — Os estudos integralistas são feitos em cursos dados nos D.P.E., e visam a formação de técnicos para êsses departamentos e de doutrinadores para a propaganda nacional da A.I.B.

Art. 4.º — Os altos estudos integralistas são feitos em cursos dados no D.P.E., e visam apenas a cultura superior das elites integralistas ou a habilitação para funções que o Chefe Nacional lhes reservar.

Art. 5.º — Os cursos de estudos integralistas compõem-se das seguintes disciplinas fundamentais:

a) — História Social Brasileira.

b) — Introdução à Sociologia Geral.
c) — Noções de Direito Corporativo.
d) — História das Doutrinas Econômicas.
e) — Noções Gerais de Organizações Políticas.
f) — História Militar Brasileira (obrigatória para as autoridades da Milícia).

Art. 6.º — Os cursos de altos estudos integralistas compõem-se das seguintes disciplinas fundamentais:

a) — Teoria do Estado.
b) — História do Estado.
c) — Organização nacional corporativa.
d) — Filosofia Social.
e) — Filosofia da pedagogia.

Art. 7.º — A admissão aos cursos precedentes será regulada no regimento individual que será baixado pelo Chefe Provincial, Diretor do D. P. E., onde houverem de ser dados.

Art. 8.º — Os integralistas matriculados nos cursos espontâneamente ou por ordem dos Chefes Provinciais, ficam obrigados aos trabalhos escolares regulamentados e ao exame final de licenciamento, que os habilitará à doutrinação de propaganda.

Parágrafo único — O julgamento de exame final não admitirá notas ou gradações; consistirá apenas na concessão da licença para ensinar a doutrina o que será transmitido ao D.E.P. e, por este aos diversos D.P.E. das demais Províncias.

Art. 9.º — A duração regular dos cursos de estudos integralistas é de oito meses, e dos cursos Altos Estudos é de dez meses. O Chefe Nacional poderá, entretanto, ordenar que qualquer dêstes cursos seja intensivo, encurtando assim, a sua duração.

Art. 10 — A doutrinação será tão intensiva nas Províncias quanto o decidir o respectivo chefe. Nelas serão empregados os licenciados pelo D.P.E. e os integralistas que o chefe Provincial julgar capazes, enquanto não houver número suficiente de licenciado.

Parágrafo Único — Independente de qualquer curso, o Chefe Nacional poderá conceder a qualquer integralista a licença a que se refere o artigo 8.º dêste decreto.

Art. 11.º — Os cursos de estudos Integralistas e os Altos Estudos Integralistas serão organizados em qualquer D.P.E.:

1.º) — Por ordem do Chefe Nacional;
2.º) — Por proposta do Chefe Provincial ao Chefe Nacional, feita através o D.P.

Parágrafo 1.º — Em qualquer caso, o secretário do D.P.E. organizará o plano do curso, o seu regulamento didático e escolar e indicará os seus professores, apresentando tudo à aprovação do Chefe Provincial que encaminhará ao D.D. com o seu parecer;

Paráfrago 2.º — Uma vez aprovado pelo Chefe Nacional o curso se inicia sôbre a direção do Secretário do D.P.E. e sob a fiscalização do Chefe Provincial.

Artigo 12.º — Em cada D.P.P. harevá um registro dos Integralistas licenciados para a doutrinação, que será feita à vista dos comunicados do D.D. aos Chefes Provinciais (artigo 8.º, parágrafo Único).

Art. 13.º — Além dos licenciados, cada Chefe Provincial poderá autorizar integralistas a doutrinarem no D.P.P. Essa autorização, porém, só vale na jurisdição dêsse Chefe.

Rio de Janeiro, 25 de maio de 1934.

a) Plínio Salgado.

REGULAMENTO DO PRIMEIRO CURSO INTENSIVO DE ESTUDOS INTEGRALISTAS NA PROVÍNCIA DO DISTRITO FEDERAL

Art. 1.º — A partir de 15 de junho até à conclusão dos programas a que se refere o artigo 6.º, funcionará intensivamente o D.P.E. do Distrito Federal, um curso de estudos integralistas.

Art. 2.º — O curso será dado segundo o seguinte plano:

História Social e Política do Brasil (20 aulas);
História Militar Brasileira (20 aulas);
História das doutrinas econômicas (18 aulas);
Introdução à sociologia geral (20 aulas);
Noções de direito corporativo (20 aulas).

Art. 3.º — Haverá duas categorias de alunos, ambas sujeitas à matricula: ouvintes e curriculados. Êsses últimos sujeitos:

a) — à prova final de licenciamento;
b) — às provas e aos exercícios curriculares;
c) — às freqüências obrigatórias.

Os ouvintes estarão sujeitos:

a) — ao pagamento inicial de uma taxa, que se destina à biblioteca do D.P.E.;
b) — à disciplina integralista nas aulas.

Art. 4.º — Poderão inscrever-se como ouvintes quaisquer pessoas integralistas ou não.

Art. 5.º — O secretário do D.P.E. organizará, com a precisa antecedência, a propaganda dos cursos e providenciará quanto ao horário, sede, professores e programa de estudos.

Art. 6.º — O mesmo secretário de acôrdo com a chefia provincial, regulamentará, no fim dos cursos, o processo de prova de licenciamento.

Art. 7.º — Todos os cursos terminarão, improrrogàvelmente, dentro de sessenta dias, a contar da primeira aula.

CURSO DE NOÇÕES DE DIREITO CORPORATIVO
(Prof. F. C. de San Tiago Dantas)

INTRODUÇÃO

1 — Teoria do Salário. Concepção burgueza; formação da "mais valia".
Teoria marxista e teoria integralista.
2 — Contrato de trabalho; concepção individualista do princípio da liberdade e da obrigatoriedade. A moderna teoria de imprevisão; os fundamentos da teoria dos contratos.
3 — Equidade social no contrato de trabalho; a distinção entre o direito público e privado e a noção integralista do contrato de trabalho.
4 — Histórico da organização corporativa.
5 — Síntese da ordem corporativa.

PRIMEIRA PARTE

1 — Locação de serviço e acôrdo intersindical de trabalho; distinção entre corporação e sindicato. Sistemática.

2 — Evolução e fixação do contrato coletivo do trabalho.
3 — Requisitos substanciais para formação do contrato coletivo.
4 — Técnica do contrato coletivo.
5 — Efeitos jurídicos do contrato coletivo.

SEGUNDA PARTE

6 — Inadimplemento do acôrdo intersindical e conflitos coletivos. Intervenção da justiça.
7 — O juizo privativo e as ações sindicadas.
8 — Teoria do processo sindical; jurisdição nos conflitos individuais e nos conflitos coletivos.
9 — Dever de trabalho. Classificações e conflitos coletivos.
10 — Delito sindical. A criminalidade coletiva nas seleções do trabalho.

TERCEIRA PARTE

11 — Organização corporativa; o ente autárquico.
12 — Funções da corporação na ordem das relações de trabalho.
13 — Funções da corporação na ordem das relações econômicas.

CURSO DE INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA GERAL
(Prof. Thiers Martins Moreira)

1 — Fato social. Várias teorias: Durkheim, Tarde, Giddings, Dewey. Distinção entre fato social e fato histórico.
2 — Objeto da sociologia. O problema da sua delimitação exata. Conceito de sociologia.

3 — Método sociológico. Impirismo em sociologia.
4 — Ainda método sociológico; a importância da estatística. Demografia.
5 — Conceito de grupo social. Tentativa de classificação.
6 — Conceito de cultura. Areas da cultura. O hibridismo cultural.
7 — Casualidade social. Monocasualidade. Inter-dependência causal.
8 — Fôrças sociais. Classificação de Ward.
9 — Sócio-psicologia. Psico-sociologia. O fenômeno inter-psicológico.
10 — Psicologia das multidões. Psicologia dos grupos.
11 — Psicologia diferencial. O conceito psicológico de raça.
12 — Sumula da evolução histórica da sociologia.
13 — Crítica ao sociologismo, atitude de apreciação exclusivamente social das cousas.
14 — Filosofia social. Sociologia. Filosofia da história. Delimitação dos conceitos.
15 — Sociologia integralista; conceito integralista de indivíduo, conceito integralista de grupo, conceito integralista de causa social.

CURSO DE HISTÓRIA MILITAR BRASILEIRA
(Prof. Gustavo Barroso)

1 — Campanha de 1811 a 1812 (Uruguai).
2 — Campanha de 1816 a 1820 (Uruguai).
3 — Campanha da Cisplatina: 1825 a 1828.
4 — Campanha naval do Rio da Prata: 1825 a 1828.
5 — Campanha contra Rosas: 1851 a 1852.
6 — Campanha do Uruguai: 1864 a 1965.
7 — Campanha do Paraguai: 1865 a 1870.
8 — Idem.

9 — Idem.
10 — Idem.
11 — Idem.
12 — Idem.

CURSO DE HISTÓRIA POLÍTICA E SOCIAL DO BRASIL
(Prof. Hélio Viana)

INTRODUÇÃO

As três fases da evolução social e política do Brasil (dilatação colonial, integralisação monárquica e dispersão republicana). Ângulos e triangulos da expansão geográfica brasileira.

PROGRAMA

1 — As preliminares européias. O primeiro século da vida brasileira. Ciclo do assucar.
2 — Conquista do norte. Os holandezes no Brasil.
3 — Ciclo da caça ao índio. Conquista do sul.
4 — As minas. Disposição geográfica e exploração.
5 — O sertão. Ciclo de criação de gado.
6 — A administração colonial e os levantes locais. Formação de fronteira.
7 — Organização real e imperial. O constitucionalismo e os partidos políticos.
8 — As revoluções de 1817, 24, das regências de 1842 e 1848.
9 — Política exterior do Império.
10 — O Segundo reinado. Organização rural. Elite dirigente.

11 — Revolução republicana.
12 — Instabilidade econômica e financeira da república.
13 — A desorganização educativa.
14 — Salvacionismo constitucional republicano.

CURSO DE HISTÓRIA DAS DOUTRINAS ECONÔMICAS
(Prof. Antônio Gallotti)

1 — Economia política e Economia social.
Legislação social. As ciências sociais e a economia política. Leis econômicas, sua natureza. Os diversos métodos no estudo da economia política ou social. Estágios econômicos da humanidade.

2 — Divisão da história e doutrina da economia, segundo o critério de vários autores. As doutrinas econômicas da antiguidade: Oriente, Grécia, Roma.

3 — As doutrinas econômicas da Idade Média. Economia cristã.

4 — Mercantilismo: origem e princípios fundamentais. Feições particularistas do sistema: mercantilismo hespanhol, italiano, francês e auglo-holandês.

5 — As primeiras manifestações do liberalismo econômico. O sistema fisiocrático: agrarismo, liberdade, ordem natural.

6 — O sistema de economia clássica ou liberal. Liberalismo otimista: Adam Smith e a "riqueza das nações"; J.B. Say o industrialismo ;a escola franco-americana: Dunoyer, Bartiat, Carey.

7 — Liberalismo pessimista: Malthus e a teoria da população de Stuart Mill. A reação neo-classista: escola psicologica e matemática.

8 — Socialismo: considerações gerais. Socialismo utópico. O socialismo na França: Fourier, Saint Simon, Louis

Blanc, Proudhon. Na Inglaterra: Owen. Na Alemanha: Rodbretus, Lassalle. Nos Estados Unidos da América do Norte: Henry Jorge. O anarquismo.

9 — "Socialismo científico" ou marxismo. Considerações gerais. Influências filosóficas históricas e econômicas na formação da doutrina. Os erros do liberalismo capitalista e as suas conseqüências. As "verdades" do marxismo.

10 — As grandes teses do "socialismo científico": materialismo histórico e teoria do valor-trabalho. As teses-corolário; lutas de classes, teoria do mais valor, crescente acumulação de capitaes, proletarização sempre mais intensa e catastrofismo revolucionário. Exposição e a crítica;

11 — A marcha da revolução social. O reformismo marxista. O bolchevismo.

12 — Reação aos erros do liberalismo capitalista e do socialismo marxista. O intervencionalismo estatista: Scismond. Dupont White. Escola histórica. Socialismo de cátedra. As escolas solidaristas: Catolicismo social. Protestantismo social. Cooperativismo. Solidarismo de Leon Bourgeau. O nacionalismo: List A reação em nome da família: Le Play. O sindicalismo ou a reação profissional.

13 — Após a guerra: o capitalismo científico — racionalisação. Fordismo. Tecnocracia. A economia dirigida. O distributismo.

14 — Economia Soviética. Fases do seu desenvolvimento — "comunismo de guerra", "nova política econômica", primeiro e segundo "plano qüinqüenal". "O Dumping".

15 — O Fascismo e o Integralismo. A economia nacional corporativa.

SEÇÃO UNIVERSITÁRIA

O Núcleo Integralista da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro — Os Fundadores — Os Estatutos.

"A Ofensiva" — 25-10-1934.

A nossa mocidade, isto é, aquela que quer a Pátria com o verdadeiro e franco progresso, livre, portanto, da politicalha nefasta, da hipócrita liberal-democracia, das unhas aduncas dos banqueiros, insaciáveis, que nos exploram da maneira mais achincalhante e livre, finalmente, do comunismo dissolvente, materialista, que avilta e degrada. que escraviza e brutaliza, a altiva mocidade das escolas — de todos os grãos e de tôdas as classes — dos quartéis, das indústrias, do comércio, das zonas rurais, das repartições públicas, enfim de todos os setores da atividade nacional, está ingressando, resolutamente, prontamente, com ardente patriotismo, na Ação Integralista Brasileira.

Essa mocidade que hoje se movimenta no sentido de obedecer à patriótica voz do chefe nacional, está concorrendo para o inevitável resultado da constituição de uma fôrça sã e forte, para a feitura da verdadeira civilização brasileira.

Essa obediência dos moços à palavra do Chefe Nacional, vem de ser o Integralismo uma doutrina que, clara e realística, estabelece uma forma de Estado e uma organização social, que correspondem, inteiramente, às realidades pátrias.

Agora mesmo, vários acadêmicos da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, acadêmicos que

aceitam Deus e querem a Família dentro dos mais elevados princípios moraes, que querem a grandeza da nossa Pátria, redigiram os estatutos do Núcleo Integralista da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Êsses estatutos, que transcrevemos abaixo, são os seguintes:

ESTATUTOS DO NÚCLEO INTEGRALISTA DA FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO

CAPÍTULO I

DA FUNDAÇÃO

Art. 1.º — Fica fundado no Distrito Federal, o Núcleo Integralista da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, o qual tem, por sede, a Faculdade de Direito da referida Universidade.

Parágrafo Único — Seu tempo de duração é ilimitado.

CAPÍTULO II

DO OBJETIVO

Art. 2.º — O Núcleo Integralista da Faculdade de Direito, tendo por fim único disseminar entre a mocidade acadêmica O INTEGRALISMO, se propõe, para a consecução do seu objetivo:

a) — congregar culturalmente todos os acadêmicos de Direito;

b) — promover conferências sôbre Sociologia, Política, Economia e Filosofia, alvejando sempre a expansão das idéias palpitantes que empolgam e avassalam os povos contemporâneos;

c) — defender, intransigentemente, a unidade nacional, combatendo sem olhar obstáculos tôdas as doutrinas que dividem e esfacelam a Pátria Brasileira;

d) — sustentar o primado do Espírito e da Inteligência;

e) — preconizar as novas reformas sociais, econômicas e culturaes reclamadas pela civilização moderna, que deve ter por base, a aristocracia mental — a única que eleva e dignifica o homem e a sociedade.

CAPÍTULO III

DA SUA CONSTITUIÇÃO E DA ADMISSÃO DOS SEUS MEMBROS

Art. 3.º — O Núcleo Integralista da Faculdade de Direito se comporá de número ilimitado de membros podendo dêle fazer parte todo aquêle que estiver matriculado na mesma Faculdade, e por proposta de qualquer dos seus membros.

Art. 4.º — Aquêle que desejar filiar-se ao Núcleo, deverá dirigir-se à diretoria que lhe fornecerá a competente ficha de inscrição.

Parágrafo Único — Até à organização da primeira diretoria poderão os interessados dirigir-se a qualquer dos signatários dos presentes estatutos.

Art. 5.º — São considerados membros fundadores do Núcleo os signatários dos presentes estatutos.

Art. 6.º — A contribuição será facultativa.

CAPÍTULO IV

DOS DIREITOS E DEVERES DOS MEMBROS

Art. 7.º — São direitos dos membros:

a) — escolher a diretoria;
b) — ocupar cargos;
c) — sugerir qualquer idéia útil à realização dos ideais estabelecidos nos presentes estatutos.

d) — propor e discutir as medidas que forem propostas em sessão;
e) — realizar conferências na sede do Núcleo;

Art. 8.º — São deveres dos membros:

a) — defender, com ardor, em todo e qualquer terreno, A DOUTRINA INTEGRALISTA, concorrendo por todos os meios ao seu alcance, para o desenvolvimento daquela;
b) — comparecer às reuniões do Núcleo;
c) — observar rigorosamente às disposições dos presentes estatutos;
d) — acatar os atos da diretoria;
e) — aceitar os cargos e as comissões para que fôr nomeado e exercê-los com zêlo e dedicação;
f) — ser solidário com os companheiros na defesa das idéias estabelecidas nos presentes estatutos.

CAPÍTULO V

DA ELIMINAÇÃO DOS MEMBROS

Art. 9.º — Serão excluídos do Núcleo aquêles que não cumprirem o seu dever.

CAPÍTULO VI

DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 10.º — A administração do Núcleo será confiada a uma diretoria composta de um chefe, um secretário e um tesoureiro, que permanecerão nos cargos, por tempo indeterminado.

Art. 11.º — É da competência do chefe:

a) — dirigir o Núcleo com plenos poderes para tratar de seus interêsses;

b) — autorizar despezas;

c) — designar os representantes do Núcleo às solenidades para que fôr convidado;

d) — convocar as sessões extraordinárias;

e) — assinar o expediente externo.

Art. 12.º — Compete ao secretário:

a) — fornecer e receber a ficha dos inscritos;

b) — organizar o expediente externo submetendo-o à aprovação e assinatura do chefe;

c) — organizar e assinar o expediente interno;

d) — lavrar as atas das sessões.

Art. 13.º — Compete ao tesoureiro:

a) — receber as contribuições;

b) — pagar as despesas autorizadas pela chefia;

c) — organizar mensalmente um balancete da receita e da despesa do Núcleo.

CAPÍTULO VII

DAS SESSÕES

Art. 14.º — O Núcleo realizará semanalmente uma sessão ordinária para tratar de seus interêsses.

Art. 15.º — Em sessão extraordinária o Nucleo promoverá conferências observando-se o disposto da alínea b do art. 2.º.

Parágrafo Único — As sessões extraordinárias serão convocadas dentro de qualquer prazo conforme o assunto a se tratar.

CAPÍTULO VIII

DO MODO DE SE PROCEDER À ESCOLHA DA DIRETORIA

Art. 16.º — A diretoria será escolhida por maioria de membros do Núcleo.

Parágrafo Único — Ao atingir a vinte (20) o número de inscritos, proceder-se-á à escolha da diretoria.

CAPÍTULO IX

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 17.º — A conclusão do curso acarreta o desligamento do filiado ficando automáticamente vago o cargo que por ventura o mesmo estiver ocupando na diretoria.

Art. 18.º — Reserva-se à diretoria o direito de resolver os casos não previstos nos presentes estatutos.

Art. 19.º — A modificação dêstes estatutos só poderá ser feita em sessão extraordinária com a presença de dois terços do número de filiados pelo menos.

*
* *

Pelo Núcleo Integralista da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 20 — outubro — 1934. — (Ass.) Herberto Dutra; Call Casseb; Virgílio Gaudie Fleury; Marcolino Ezequiel de Menezes; Edgard R. Cunha; João Condé Filho; José da Silva Sá; Delfim Augusto Faria; Jorge Mourão; Ovídio Gouveia da Cunha; Ruy Campos; Sidnei de Moraes e Castro; Edmundo Silva; Sebastião Honorato da Silva; Antônio Soares Gedda; Fernanda Medeiros; Paulo de Almeida Neves; Rubens de Paula e Silva Tavares; João Bosco de Rezende; Adolfo Holanda Cunha Filho; Walkyr Calvet Dias Coelho; Otávio Marques; José Francisco Carvalhal; Raymundo Corrêa Sobrinho; Antônio Coutinho; Alexandre Palmeira; Augusto Honório Ribeiro; Francisco Augusto de La Roque; Manoel Artur Murtinho Pinheiro; Ary Sérgio da Silva; Antônio Sérgio da Silva; Fábio de Castro Neves; Emílio M. Khede; Carmello Barreto de Almeida; Salvino da Fonseca; A. de Paula Santos; Antônio Leal Costa Neves; Oscar Holanda Moreira; Mário César Rodrigues Pereira; Roberto de Araújo Carneiro Campello; Alberto Bitencourt Cotrin Netto; Clovis Bittar; Aben-Attar Netto; Máximo Domingues; Abdul Sayol de Sá Peixoto.

PROPAGANDA COMUNISTA

A propaganda comunista em vários estabelecimentos de ensino superior do país é um fato que não deve passar aos representantes dos poderes públicos com a responsabilidade da defesa da ordem social dos brasileiros.

Ninguém, hoje, desconhece a maneira por que se instila no espírito da nossa juventude o veneno maléfico importado de Moscou. Se o Ministério da Educação, com

o dever de orientar a cultura moral da mocidade se mantém indiferente à obra perversa de certos professores, pagos com o imposto cobrado aos contribuintes burgueses, é porque não quer ouvir nem ver o que já faz, entre nós, sem rebuços, a vanguarda bolchevista.

Essa conspiração diuturna contra a organização tradicional do Brasil não seria tolerada em qualquer nação onde houvesse elementar vigilância sôbre a ação moral desenvolvida por qualquer educador do círculo onde atua. Já teria havido uma reação séria, seguida de expurgo imediato do professorado comunista.

Aqui, não. O govêrno da República permite, criminosamente que docentes comunistas se sirvam da respectiva cátedra para o desvio dos jovens inexperientes, dos seus deveres para com a Pátria e a família.

Não é outro o quadro que nos oferece por exemplo a Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, constituindo-se um núcleo de comunistas que tem como inspirador máximo o professor Castro Rebello. O furor extremista dêsses agentes da economia social de Moscou chegou ao extremo da declaração de guerra sem quartel a dois concorrentes de reconhecido valor à cadeira de Economia Política, só porque os dois eram católicos.

Para impedir a propaganda bolchevista, feita ali, diàriamente e a propósito de tudo, em vários cursos, não consta que se tivesse sequer sugerido uma medida governamental. O povo assiste assim ao triste espetáculo da impassibilidade de um govêrno displicente diante da avançada de um inimigo temível voltado contra a ordem social da nação.

Não há qualificativo que defina bem essa miséria.

(Do **Correio da Manhã**", de 21-10-934.)

SECRETARIA NACIONAL DE ARREGIMENTAÇÃO FEMININA E DOS PLINIANOS

REGULAMENTO

I — DA SECRETARIA

Art. 1.º — A Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos (S. N. A. F. P.) tem por fim orientar, dirigir, controlar e arregimentar todo o trabalho da Mulher e da Juventude Integralista.

Art. 2.º — A Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos será orientada e dirigida por uma Secretaria Nacional de livre nomeação e demissão do Chefe Nacional.

Art. 3.º — A Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina, e dos Plinianos, é responsável perante o Chefe Nacional pela observância dêsse Regulamento, cabendo-lhe elaborar as diretivas de que a Secretaria necessitar.

Art. 4.º — A Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos compreende os seguintes órgãos hierarquicamente enumerados:

a) — Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos;

b) — Secretaria Provincial de Arregimentação Feminina e dos Plinianos;

c) — Secretaria Municipal de Arregimentação Feminina e dos Plinianos;

d) — Secretaria Distrital de Arregimentação Feminina e dos Plinianos;

Art. 5.º — À Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos tendo por âmbito o Território Nacional, compete o seguinte:

a) — Emitir diretivas para a organização dos serviços das Secretarias Provinciais;

b) — dirigir e controlar todo o serviço Nacional pondo-se em contacto com as Províncias e Municípios através de seus chefes.

c) — receber das Secretarias relatórios de suas atividades nas respectivas Províncias.

d) — resolver tôdas as questões de sua competência, que lhe forem encaminhadas.

e) — fornecer relatórios de suas atividades ao Chefe Nacional.

II — DO GABINETE

Art. 6.º — Diretamente ligado à Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos funcionará um Gabinete, que se constituirá de uma Chefe e tantas auxiliares quantas se fizerem necessárias. Compete ao Gabinete:

a) — funcionar com a autoridade imediatamente inferior à Secretaria;

b) — receber e encaminhar à Secretaria as pessoas que com ela desejarem tratar e a correspondência que lhe fôr destinada.

c) — representá-la ou substituí-la quando necessário.

§ 1.º — Para auxiliá-la no desempenho de suas funções o Gabinete disporá de uma Divisão de Expediente, a qual compete realizar o que lhe fôr determinado pela Chefe.

§ 2.º — A Chefe da Divisão de Expediente, obrigatòriamente manterá os serviços de correspondência e arquivo, podendo nomear para ajudá-la tantas auxiliares quantas o serviço exigir.

A Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos compreende dois Departamentos: Feminino e dos Plinianos.

DEPARTAMENTO FEMININO

I — DOS FINS

Art. 1.º — O Departamento Nacional Feminino tem por fim arregimentar, orientar e controlar as atividades femininas no Movimento.

II — DOS ÓRGÃOS

Art. 2.º — O Departamento Nacional Feminino compreende os seguintes órgãos hieràrquicamente designados:

a) — Departamento Nacional Feminino;
b) — Departamento Provincial Feminino;
c) — Departamento Municipal Feminino;
d) — Departamento Distrital Feminino.

III — DA DIREÇÃO

Art. 3.º — A direção de cada um dos departamentos acima descriminados caberá a uma Chefe, nomeada pela Secretaria de Arregimentação Feminina e dos Plinianos, correspondente.

Art. 4.º — A Chefe do Departamento cabe nomear as Chefes de Divisão e demais auxiliares de acôrdo com a Secretaria de Arregimentação Feminina e dos Plinianos.

Art. 5.º — As Chefes dos Departamentos Nacional e Provincial compete designar 10 companheiras com o fim especial de quando convocadas trazerem às respectivas Chefes o conhecimento das aspirações da Mulher.

§ Único — As reuniões das comissões serão presididas pelas Chefes dos Departamentos e sempre que possível com a presença das Secretarias respectivas.

IV — DAS DIVISÕES

Art. 6.º — O Departamento Nacional Feminino compreende as seguintes Divisões:

a) — Expediente;
b) — Cultura Física;
c) — Educação;
d) — Estudos;
e) — Ação social.

DIVISÃO DE EXPEDIENTE

Art. 7.º — Compete a esta Divisão manter e dirigir todo o serviço de Expediente do Departamento. A Divisão do Expediente compreende três secções:

1.º) — Pessoal;
2.º) — Estatística;
3.º) — Correspondência e arquivo.

§ 1.º — A Secção de Pessoal deverá organizar e manter fichário das Integralistas inscritas. Êste fichário deverá ser o mais completo possível servindo outrossim, como prontuário do qual se valerá a Chefe para conhecer a atitude da Mulher Integralista inscrita, em face de suas obrigações.

§ 2.º — A Secção de Estatística se encarregará da estatística de tôdas as atividades da Mulher Integralista. Para isso deverá a secção coligir os respectivos dados em tôdas as Divisões do Departamento.

§ 3.º — A Secção de Correspondência e Arquivo se incumbirá de movimentar a correspondência do Departamento e manter o arquivo.

DIVISÃO DE CULTURA FÍSICA

Art. 8.º — Compete a esta Divisão orientar as Integralistas no que se refere ao desenvolvimento físico mantendo aulas de ginástica e promovendo a prática dos esportes apropriados ao sexo feminino.

§ Único — É expressamente proibido à Mulher Integralista, tomar parte em paradas esportivas que não sejam adequadas para sua compleição.

DIVISÃO DE EDUCAÇÃO

Art. 9.º — É da alçada da Divisão de Educação orientar as atividades femininas nos seguintes setores:

a) — Alfabetisação;
b) — Enfermagem;
c) — Puericultura;
d) — Datilografia;
e) — Culinária;
f) — Corte e Costura;
g) — Boas maneiras;
h) — Contabilidade caseira e Economia Doméstica.

DIVISÃO DE ESTUDOS

Art. 10.º — Esta Divisão compreende dois setores: Cursos e Conferências.

§ 1.º — CURSOS: — se encarregará a secção de promover e orientar cursos especializados de Sociologia, Filosofia e Pedagogia.

§ 2.º — CONFERÊNCIAS: — a Divisão de Estudos promoverá sistemàticamente conferências sôbre economia social, geografia humana, literatura e arte, formação moral e cívica.

DIVISÃO DE AÇÃO SOCIAL

Art. 11.º — A esta Divisão compete aplicar no terreno social as atividades das integralistas, contribuindo assim de maneira eficiente e constante para o melhoramento material e moral das condições de vida da família brasileira. Divide-se em três setores:

a) — Lactários;

b) — Bandeirantes;

c) — Dispensários.

V — DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 12.º — As Chefes dos Departamentos Provinciais devem enviar mensalmente (até o dia 5 de cada mês), um relatório das atividades do Departamento à Chefe do Departamento Nacional Feminino.

Art. 13.º — As Chefes dos Departamentos Provinciais devem manter correspondência constante com os Departamentos Municipais orientando-os sempre de acôrdo com as instruções dos órgãos nacionais.

Art. 14.º — As Chefes dos Departamentos Municipais devem comunicar-se constantemente com as Chefes dos Departamentos Provinciais pondo-as sempre ao par das atividades femininas nos Municípios, enviando mensalmente (até o dia 25 de cada mês) um relatório para servir de base ao relatório mensal da Chefe do Departamento Provincial.

Art. 15.º — A Chefe do Departamento deve convocar

semanalmente uma reunião das Companheiras do Município para pô-las ao par das atividades do Departamento.

Art. 16.º — Cada integralista deverá trabalhar em um setor especialisado, tendo liberdade de escolha entre as diversas especializações devendo receber a formação adequada no setor correspondente.

Art. 17.º — Tanto no âmbito Nacional como no Provincial, as Chefes dos Departamentos deverão tão sòmente exercer as funções de orientação, controle e supervisionamento dos diferentes trabalhos, cuja execução ficará inteiramente confiada aos Departamentos Municipais.

Art. 18.º — Deverão ser tomadas as medidas de carecter administrativo de modo que o fichário, seja uma expressão real da vida de cada Companheira, ao serviço do Integralismo.

Art. 19.º — As instruções e diretivas sôbre detalhes de funcionamento de cada Divisão serão elaboradas logo após à aprovação do presente Regulamento.

Visa o presente Regulamento criar uma "Consciência Feminina" no Brasil, de acôrdo com os princípios da doutrina integralista, e uma "atividade feminina" ordenada, em todos os campos de ação que lhe são próprios, despertando e habilitando assim a Mulher brasileira para o cumprimento de sua missão na Família e na Pátria.

DEPARTAMENTO DOS PLINIANOS

I — DOS FINS

Art. 1.º — O Departamento dos Plinianos tem por fim reunir, disciplinar e educar, através a escola ativa, todos os brasileiros, de ambos os sexos, até 15 anos de idade, de modo a realizar o seu aperfeiçoamento moral, cívico, intelectual e físico.

II — DOS ÓRGÃOS

Art. 2.º — Compõem-se o Departamento dos Plinianos, dos seguintes órgãos, hierarquicamente designados:

a) — Departamento Nacional dos Plinianos (D.N.P.);
b) — Departamento Provincial dos Plinianos (D.P.P.);
c) — Departamento Municipal dos Plinianos ..... (D.M.P.);
d) — Departamento Distrital dos Plinianos (D.D.P.);

III — DA ORGANIZAÇÃO

Art. 3.º — O Departamento dos Plinianos será orgazado do seguinte modo:

1.º) — GABINETE — Constituído de:

Um Chefe, que será substituto eventual do Chefe do D.N.P., incumbido do estudo das diretivas a serem expedidas pelo Chefe do D.N.P., depois de aprovadas pela S. N. A. F. P.

Um Assistente, a quem ficarão afetas às questõess administrativas.

Um Ajudante de Ordens, incumbido das questões técnicas propriamente ditas.

2.º) — BIBLIOTECA — Para colecionamento de tudo quanto possa interessar à infância, à juventude e aos chefes de Departamentos em matéria de educação sob todos os seus aspectos, será dirigida: por um bibliotecário, auxiliado por um sub-bibliotecário e por tantos auxiliares, quantos se tornarem necessários.

3.º) — SEIS DIVISÕES — Destinadas, em funções especialisadas, a estudar, elaborar e controlar a execução das ordens emanadas dos Diretores.

IV — DAS DIVISÕES

Art. 4.º — As seis Divisões, que compõem o Deparmento dos Plinianos, estão assim especificadas:

Art. 5.º — DIVISÃO DE EXPEDIENTE — Com as secções de:

Pessoal, Estatística e Correspondência e Arquivo.

a) — Pessoal — incumbida da organização de fichários, efetivos de Grupos, prontuários.

b) — Estatística — Organização de mapas, esquemas gráficos, cartas topográficas e informações.

c) — Correspondência e Arquivo — Incumbida de receber, registrar e expedir tôda a correspondência; publicar Boletins e Ordens da Direção e ter sob sua guarda e em boa ordem o Arquivo.

Art. 6.º — DIVISÃO DE ESTUDOS — compreendendo as secções de:

a) — JARDINS DE INFÂNCIA — destinados às crianças de 4 a 6 anos, com a aplicação de todos os métodos da moderna pedagogia.

b) — ALFABETIZAÇÃO — Por meio de escolas fixas ou ambulantes, com permanência não inferior a três meses nos lugares em que se possa ministrar permanentemente a instrução primária.

c) — ESCOLAS PROFISSIONAIS — para o aproveitamento das aptidões vocacionais das crianças e dos jovens.

d) — CULTURA GERAL — com estudo sôbre História do Brasil e noções de história geral, ciências, artes e letras.

Art. 7.º — DIVISÃO DE EDUCAÇÃO — compreendendo as secções de:

a) — EDUCAÇÃO INTEGRALISTA — ensino da cartilha do Pliniano, noções de Direito Integralista, sociologia e economia, de acôrdo com o programa elaborado pelo D.N.P.;

b) — EDUCAÇÃO ESPORTIVA — para a difusão do esporte como meio eugenico de preparação físico da criança e como meio de aproximação de todos os Plinianos.

c) — EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA — para a formação de caracteres, despertando nos jovens o amor e o respeito aos nossos maiores e ensinando-lhes a amar a Pátria.

d) — EDUCAÇÃO SANITÁRIA — para a disseminação dos preceitos de higiene individual e coletiva extensivos às famílias, às quais serão também ministrados rápidos conhecimentos de eugenia, puericultura, necessidade do exame pre-nupcial, vantagens da helioterapia, etc.

e) — BOAS MANEIRAS — para ensinar aos jovens hábitos cortezes e educados, o modo de se conduzirem em público e os cuidados que devem ter para com as senhoras, e os homens de idade.

Art. 8.º — DIVISÃO DE ESCOLAS DE FÉRIAS — terá a seu cargo as secções de:

a) — Escolas de campo;
b) — Escolas de Montanha;
c) — Escolas à beira-mar.

Art. 10.º — DIVISÃO DE DIVERTIMENTOS — com as seguintes secções:

a) — PARQUES INFANTÍS (PLAY GROUND) destinados ao recreio das crianças, que ali também ao ar livre, desenvolverão o corpo e o espírito.

b) — CINEMAS, TEATROS E CIRCOS.

c) — FEIRAS E EXPOSIÇÕES — incumbida de promover passeios às exposições e feiras úteis à criança.

d) — EXCURSÕES — passeios hebdomadários ao campo, à montanha ou às praias durante os quais serão ministrados às crianças conhecimentos sôbre a natureza, fazendo-se estudos sôbre as plantas, flores, frutos, pedras, animais, sendo que dessas excursões as crianças farão uma pequena descrição não só para desenvolvimento de sua inteligência, como servirão de "testes" de observação, de memória e outros.

e) — VISITAS A ESTABELECIMENTOS, FÁBRICAS E MUSEUS — para desenvolver na criança, não só o amor ao trabalho, como também o gosto artístico, além de servir como meio instrutivo de relevância.

f) — JOGOS ESPORTIVOS, RECREATIVOS E EDUCATIVOS — para o desenvolvimento da memória, acuidade visual e auditiva, olfato, tato, jogos de pistas e demais jogos escoteiros.

Art. 11.º — DIVISÃO DE ESCOTISMO — Compreendendo uma secção técnica e uma secção de serviço.

Art. 12.º — A seção técnica abrange o serviço de:

a) — ORGANIZAÇÕES — Para a elaboração de planos de formação e controle de tropas escoteiras.

b) — OPERAÇÕES — Para organização de planos gerais de operações escoteiras.

c) — INSTRUÇÃO — Formação de um Campo-Escola e um Grupo-Padrão, destinados ao aprendizado de Chefes, instrutores e monitores, escoteiros, só podendo ser nomeados Chefes ou Instrutores dos Grupos os diplomados pela referida escola.

Art. 13.º — A Seção de Serviços compreende:

a) — INTENDÊNCIA — Incumbida do aprovisionamento e confecção do material-padrão e sua guarda e distribuição.

b) — SAÚDE;

c) — DISCIPLINA E JUSTIÇA.

V — DA ORGANIZAÇÃO PLINIANA

Art. 14.º — O Departamento dos Plinianos compõe-se de:

1.º) — Direção;

2.º) — Grupos.

VI — DA DIREÇÃO

Art. 15.º — A Direção é assim escalonada:

a) — Direção Suprema;

b) — Direções Superiores;

c) — Direções.

Art. 16.º — O Chefe Nacional é o Diretor Supremo dos Plinianos Integralistas.

Art. 17.º — O Chefe Nacional é assistido pelo Secretário Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos.

Art. 18.º — Ao Chefe do D.N.P., nomeado de acôrdo com o Chefe Nacional, pelo S.N.A.F.P. caberá a Direção Nacional dos Plinianos, podendo inspecionar e fiscalizar os Grupos de Plinianos nas Províncias e nos Municípios.

Art. 19.º — Sempre que, em qualquer concentração de Grupos esteja presente o Chefe do D.N.P. poderá êste assumir a Direção dos mesmos.

Art. 20.º — A Direção Provincial dos Plinianos cabe ao S.P.A.F.P.

Art. 21.º — Compete ao Chefe do Departamento Provincial dos Plinianos, nomeado pelo S.P.A.F.P., de acôrdo com o Chefe Provincial, a Sub-Direção Provincial dos Plinianos.

Art. 22.º — As Direções Municipais e Distritais terão organizações análogas.

VII — DOS GRUPOS

Art. 23.º — Os componentes dos Plinianos Integralistas, constituindo Grupos, pertencem às seguintes categorias:

a) — 1.ª Categoria — INFANTÍS — Compreendendo as crianças de 4 a 6 anos.

b) — 2.ª Categoria — CURRUPIRAS — compreendendo as crianças de 7 a 9 anos.

c) — 3.ª Categoria — VANGUARDEIROS — compreendendo os meninos de 10 a 12 anos.

d) — 4.ª Categoria — PIONEIROS — compreendendo os jovens de 13 a 15 anos.

VIII — DO GABINETE

Art. 24.º — As Direções (Nacional, Provinciais e Municipais) serão auxiliadas por um Assistente e um Ajudante de Ordens que constituirão o seu Gabinete, cabendo ao Assistente os assuntos administrativos e ao Ajudante os de ordem técnica.

IX — DAS UNIDADES

Art. 25.º — Os quadros dos Plinianos Integralistas e que constituem os grupos Plinianos, terão a seguinte organização:

a) — DECURIA — composta de 10 Plinianos, chefiados por um Decurião. Cada Decúria será dividida em duas Patrulhas, dirigidas por um Sub-Decurião.

b) — TERÇO — compôsto de três Decúrias e será chefiada pelo Chefe do D.M.P. assistido de um Monitor escolhido entre os componentes da tropa, auxiliado por um Sub-Monitor os quais não poderão ter menos de 15 e 13 anos, respectivamente.

c) — BANDEIRA — Constituída por três terços e mais a Decúria de Serviço; será dirigida por um "GUIA" assistido por um Monitor, e será diretor, o chefe do D.P.P. Além do efetivo já citado a Bandeira terá a Guarda da BANDEIRA INTEGRALISTA.

d) — LEGIÃO — composta de três Bandeiras, o têrço do serviço e a guarda da Bandeira Nacional. Será dirigida pelo Chefe do D.N.P., assistido por um Secretário assistente, por dois ajudantes de ordens, por um médico, um engenheiro, e um intendente, além dos auxiliares da Secretaria.

Parágrafo 1.º — Nas grandes concentrações Provinciais, os Grupos serão dirigidos pelo S.P.A.F.P., assistidos do Chefe do D.P.P. e demais ajudantes da letra **d.**

Parágrafo 2.º — Quando a concentração fôr entre grupos de duas ou mais Províncias caberá a direção, obrigatòriamente ao Chefe do D.N.P. assistido pelos Chefes dos D.P.P. das respectivas Províncias e seus assistentes, de acôrdo com a alínea do art. 24.

Art. 26.º — Na Decúria de serviços, quando se tratar de um terço, figurará um ciclista, um sinaleiro, um enfermeiro.

X — DA HIERARQUIA

Art. 27.º — Os postos de hierarquia pliniana são os seguintes:

a) — GRADUADOS:
— Sub-decurião;
— Decurião;
— Sub-monitor.
b) — OFICIAIS:
— Monitor;
— Guia.

XI — DO UNIFORME E EQUIPAMENTO

Art. 28.º — O uniforme pliniano será o seguinte:

a) — Camisa Verde;
b) — Calça Branca ou azul; culote preto com meias ou perneira de couro ou lona, quando em excursões ou acampamentos;
c) — Lenço Branco com passador de couro ou de pano verde;
d) — Botinas pretas;
e) — Casquete integralista, preto, para passeio e chapeu para as excursões, bivaques, acantonamentos e acampamentos;
f) — Cinto preto com o Sigma na fivela;
g) — Pelerin de pano preto, facultativo.

Art. 29.º — O equipamento coletivo para cada decúria que será o mesmo adotado para o patrulha, além do material de socorro, contendo medicamentos, telas para fraturas, injeções anti-ofídicas e anti-tetânicas.

Art. 30.º — O equipamento individual será o seguinte:

a) — Bornal de pano verde;
b) — Bolsa mochila, tipo "Integralista";
c) — Bastão;

d) — Cantil;
e) — Canivete, machadinha e pá;
f) — Apito com dois sons;
g) — Seis metros de corda-fio;
h) — Cobertor saco.

XII — DOS SIMBOLOS E DISTINTIVOS

Art. 31.º — O simbolo das Decúrias será flamula branca, sem o "totem" ao centro.

Art. 32.º — Os "Plinianos" usarão no braço direito o distintivo de sua especialidade e no esquerdo o Sigma com os distintivos dos seus postos, que serão os seguintes:

— Sub-decurião;
— Decurião;
— Sub-monitor;
— Monitor;
— Guia.

XIII — DO COMPROMISSO

Art. 33.º — Ao ingressaram na Juventude Integralista os vanguardeiros e pioneiros prestarão o compromisso do art. 34 e o juramento à Bandeira Nacional, com a seguinte formula:

"Bandeira da minha Pátria:

Prometo servir ao Brasil, — na hora da alegria e na hora do sofrimento, — no dia da glória — e no dia do sacrifício. Prometo respeitar a liberdade, — a justiça — e a lei. — Prometo defender, na sua Pureza, o legado moral — e na sua integridade, — o patrimônio territorial — que recebi dos meus antepassados.

Salve, Bandeira do Brasil!!!"

Parágrafo Único — Após exame do noviço, que será feito dois meses após o ingresso no grupo, os vanguardei-

ros prestação o juramento à Bandeira do Sigma e o de fidelidade ao Chefe Nacional.

Art. 34.º — Os infantis serão recebidos com o ritual escoteiro e os Currupiras com o seguinte compromisso:

"Prometo ser um soldadinho de Deus, da Pátria, e da Família; prometo ser obediente a meus pais, a meus mestres e aos meus chefes; prometo ser amigo de meus irmãos, colegas e companheiros, prestando-lhes serviços, defendendo-os e amando-os; prometo ser aplicado nos estudos para tornar-me útil a Deus, à Pátria e à Família; prometo ser fiel ao código do escoteiro Integralista.

Art. 35.º — Para o ingresso nos quadros dos Plinianos é indispensável licença dos pais ou responsáveis.

XIV — DAS NOMEAÇÕES

Art. 36.º — Os monitores e guias serão nomeados pelo Secretário Municipal de Arreg. Feminina e dos Plinianos, por proposta do Chefe do D.M.P., só podendo ser propostos e nomeados aquêles que tiverem o curso da Escola de que trata a letra "c" do art. 12.º.

Art. 37.º — As graduações de Sub-decurião, Decurião e Sub-monitor serão feitas pelo Chefe do D.M.P., por proposta do Chefe de grupo.

XV — DA INSTRUÇÃO

Art. 38.º — O Dep. dos Plinianos procurará desenvolver entre os jovens e as crianças integralistas, o sentimento de civismo aprimorando-lhes o carater, promoverá o seu desenvolvimento físico, pela prática de jogos desportivos, excursões e passeios, e o desenvolvimento intelectual, moral e profissional, ensinando-lhes todos os serviços úteis à coletividade, trabalhos domésticos, além da

instrução primária e da educação moral e profissional, fazendo da menina uma futura mãe de família, consciente da sua nobre função de praparar a criança. Formando-lhes o caracter, dar-lhes-á energia e nobresa de sentimentos.

Parágrafo 1.º — As Plinianas serão dirigidas por uma Monitora, nomeada pela S.M.A.F. e dos P. dentre as que melhores provas apresentarem de obediência, cumprimento do dever e de inteligência.

Art. 39.º — Aos infantis será ministrada a instrução em jardins de infância, por meio de jogos e de diversões, além da educação física do 2.º grau elementar.

Art. 40.º — A instrução dos Currupiras será elementar, sendo que a educação escoteira será feita de acôrdo com os preceitos do Guia escoteiro, incluída a educação física do 2.º grau elementar.

Art. 41.º — A educação física será a do 1.º grau Secundário para os vanguardeiros e a do 2.º grau Secundário para os Pioneiros.

Art. 42.º — As instruções serão aos domingos e feriados, para que não sejam prejudicados os trabalhos escolares e o descanso dos Plinianos.

§ Único — Mensalmente deverá ser feita, sempre que possível, uma excursão ao campo ou às praias, para que os Plinianos possam desenvolver o espírito de iniciativa tendo vida própria.

Semestralmente, será feito um acampamento por prazo não excedente de três a quatro dias, aproveitadas as férias de Junho e Dezembro.

XVI — DAS SEDES

Art. 43.º — As sedes dos grupos serão as mesmas dos Núcleos, funcionando o expediente e as instruções em dias e horas diferentes das atividades dos mesmos Núcleos.

XVII — DAS MENSALIDADES

Art. 44.º — Os Plinianos Integralistas pagarão uma jóia, a critério dos pais e responsáveis, e a mensalidade mínima será de um mil réis e uma taxa de duzentos réis para o expediente.

§ Único — Quando se tratar de Pliniano pobre, ficará êle isento de qualquer mensalidade, sem que êsse fato seja conhecido pelos demais.

Art. 45.º — As contribuições pagas pelos Plinianos constituirão fundos para a aquisição do material coletivo de cada Grupo e, quando possível, para a compra do uniforme, para os Plinianos pobres.

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1936.

Irene de Freitas Henriques
Sec. Nac. da S.N.A.F.P.

Plinio Salgado
Chefe Nacional

O INTEGRALISMO E A IMPRENSA

"A OFENSIVA" — 7-11-1936

Atos do Chefe Nacional convocando o 1.º Congresso de Imprensa e criando a Escola Brasileira do Jornalismo.

O dia de ontem foi assinalado por dois atos do Chefe Nacional, que marcam a história da imprensa integralista, e da própria imprensa brasileira. Foi convocado o 1.º Congresso Nacional dos integralistas que militam na imprensa, e foi decidida a fundação da primeira Escola de Jornalismo do Brasil.

O CONGRESSO DA IMPRENSA INTEGRALISTA

Há muito que se vem impondo a realização de um grande encontro entre os jornalistas do Sigma, que militam nos jornais do Movimento ou nos órgãos de orientação diversa. Os diários e semanários integralistas ràpidamente se multiplicaram, e hoje, formam sem sombra de dúvida, a cadeia de opinião mais poderosa que atua no país, não só pelo número e pela unidade de orientação, como pela espantosa disseminação territorial. No Amazonas, no Nordeste, no Centro do país, nas grandes capitais do extremo sul, em tôda a parte, órgãos do mesmo pensamento, movidos ao ritmo dos mesmos propósitos, coordenam aquilo que constitui um ideal da democracia, e que o Integralismo pela primeira vez oferece à Nação: uma corrente viva e expressiva de opinião pública.

Seis grandes diários traduzem hoje o pensamento integralista aos brasileiros: no Rio A OFENSIVA, em São Paulo "A Acção", em Fortaleza "A Razão", em S. Salvador "O Imparcial", em Maceió "A Província", e no Recife o jornal simpatisante "A Cidade".

Dentro em pouco, em Belo Horizonte circulará o vespertino "A Montanha", e vários semanários se converterão cedo ou tarde em diários: "A Razão" de Curitiba, "A Revolução" de Pôrto Alegre, "O Sigma" de Juiz de Fora.

Sobem hoje a cêrca de setenta os semanários e quinzenários do Integralismo. Ligados todos à Chefia Nacional pelo aparelhamento administrativo das Secretarias especializadas realizam a maior cadeia de pensmento político que já atuou no continente.

Semelhante exuberância do nosso aparelhamento jornalístico, de um lado, e de outro a necessidade de articular de viva voz a sua atividade para o ano vindouro, que tudo indica ser um ano decisivo para os destinos políticos do país, levaram o Chefe Nacional a convocar para o dia 18 de Dezembro, o 1.º Congresso da Imprensa do Movimento.

Sede escolhida foi a cidade de Belo Horizonte; com tal escolha o Chefe Nacional distingue particularmente os integralistas de Minas, homenageando o surto rápido e grandioso que ali se vem registrando.

De fato, sob a chefia do companheiro João Rezende Alves, Minas veio se colocar definitivamente à vanguarda do desenvolvimento do partido. E se bem que ali ainda não tenha surgido o jornal diário, que se espera ver lançado em dezembro, grandes têm sido os méritos do movimento no domínio da imprensa, pois seus semanários são apontados como modelos pelos orientadores dos serviços nacionais.

A ESCOLA

No mesmo dia, resolveu o Chefe que a Ação Integralista Brasileira criaria a primeira Escola de Jornalismo do Brasil. Não será um curso interno, aberto apenas aos homens de imprensa integralista, mas uma Escola livre, que a A.I.B. fundará com requesitos da lei, e onde começarão a se formar os jornalistas do futuro, dentro da cultura sistematizada e do espírito de classe, que na de-

sordem dos nossos dias, têm, faltado, impedindo a estabilidade e o engrandecimento da carreira jornalística.

Com o ato de ontem, cujo teor damos adiante o Chefe demonstra aos brasileiros, em que conceito o Integralismo tem a imprensa. Ela aparece em face da doutrina e das aspirações políticas do Movimento, como uma verdadeira função pública, uma atividade de govêrno, exercida por homens que se devem manter contìnuamente à altura da colaboração que lhes pede o Estado.

A primeira Escola Nacional de jornalismo sai das fileiras integralistas como um prenúncio e uma advertência. Êsse gesto exprime a grandeza do jornalismo nos quadros da verdadeira democracia, e a sua inacessibilidade ao improviso à "chantage", aos interêsses inconfessáveis que já chegaram, algumas vêzes, a lançar perante o povo, sôbre os jornalistas, a sombra do descrédito.

O ATO

O Chefe Nacional assinou os atos a que vimos referindo, ontem, às 18 horas, no seu despacho semanal de Imprensa.

Momentos depois, comunicou-os ao Secretário Nacional, que se achava reunido no seu gabinete, exprimindo a sua confiança no êxito do grande certame de Minas e o seu entusiasmo pela criação da Escola.

O TEOR DAS RESOLUÇÕES

Uma das resoluções foi a que convocou o 1.º Congresso da Imprensa Integralista de Belo Horizonte. A outra a que criou a 1.ª Escola de Jornalismo do Brasil. Pela importância da segunda e sua relação mais direta com a matéria dêste livro, damos o seu texto na íntegra, que é o seguinte:

O CHEFE NACIONAL DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, no exercício das atribuições que lhe foram conferidas pelo 1.º Congresso Integralista de Victória;

Considerando os altos propósitos de organização social e difusão cultural que animam a Ação Integralista Brasileira;

Considerando a necessidade premente de dar aos homens de imprensa no Brasil uma estabilidade profissional que só se obtem com a especialização e a sistematização dos estudos;

Considerando que o govêrno não criou ainda, nem projeta criar uma Escola de Jornalismo, que sirva de padrão para uma iniciativa particular congenere;

Considerando que a Ação Integralista Brasileira, como sociedade civil, pode fundar e manter uma escola livre de estudos superiores, de acôrdo com as leis da República:

RESOLVE:

1.º — Fica criada a Escola Brasileira de Jornalismo, com Sede na capital da República, personalidade jurídica própria, e regida pelos seus estatutos.

2.º — A Escola Brasileira de Jornalismo tem como finalidade formar profissionais especializados, necessários ao País, ministrando-lhes conhecimentos de História, de Literatura, de Política, e Economia Contemporânea, de Língua Portugueza e de Artes Gráficas, e concorrendo para a fixação e elevação da deontologia profissional do jornalismo.

3.º — A Escola funcionará a partir de 1.º de março de 1937, e seu curso se dividirá em duas séries, de nove meses de duração cada uma, correspondendo às etapas do ano letivo oficial.

4.º — O Secretário Nacional de Imprensa, dentro de trinta dias a partir da data dêste Decreto, apresentará ao Chefe Nacional o ante-projeto dos Estatutos da Escola Brasileira de Jornalismo e promoverá o que fôr necessário à sua legalização.

Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1936.

(ass.) **PLINIO SALGADO**
SAN TIAGO DANTAS.

ESTATUTO DA ESCOLA BRASILEIRA DE JORNALISMO

O TEXTO INTEGRAL DO IMPORTANTE DOCUMENTO

PUBLICAREMOS HOJE na íntegra o Estatuto da Escola Brasileira de Jornalismo notável trabalho conjunto dos secretários Nacionais de Imprensa e de Doutrina, lido na sessão ordinária do 1.º Congresso Nacional de Imprensa, que se realizou em 1.º do corrente, na capital de Minas

O Estatuto foi articulado, numa técnica legislativa impecável, pelo companheiro dr. Américo Lacombe, da Secretaria Nacional de Imprensa e foi lido em sessão aberta do Congresso pelo Chefe Provincial de Minas, dr. João Rezende Alves sendo a sua divulgação saudada com entusiásticas palmas pelo auditório.

Publicaremos em nossos próximos números os juízos de vários escritores e líderes do Movimento sôbre êste trabalho, já consagrado uma das realizações mais consideráveis do certame de Belo Horizonte.

ARTIGO 1.º

A escola brasileira de jornalismo é uma sociedade civil, com sede e fôro na capital da República, que tem por fim ministrar o ensino das disciplinas necessárias ao exercício da profissão de jornalista e também promover e incentivar a realização de pesquizas de ordem técnica e histórica sôbre o jornalismo e a publicidade, especialmente no Brasil.

ARTIGO 2.º

Para o fim de ministrar o ensino a que se refere o artigo anterior a Escola manterá as seguintes cadeiras:

1 — Língua e literatura nacionais.
2 — História da Civilização.
3 — Ciências sociais.
4 — Artes gráficas.
5 — Técnica editorial.
6 — Direito público e administrativo.
7 — Problemas econômicos contemporâneos.
8 — Técnica de reportagem.
9 — Publicidade.
10 — Ética e história do Jornalismo.
11 — Criminologia e política.
12 — História e sociologia brasileiras.
13 — Administração e legislação de imprensa.
14 — Problemas políticos contemporâneos.

ARTIGO 3.º

O ensino das disciplinas de que trata o artigo anterior será realizado de acôrdo com a seguinte seriação:

I.º ANO

(1.º período)

a) — Língua e literatura nacionais;
b) — História da Civilização (até a Revolução Francesa);
c) — Ciências sociais;

d) — Artes gráficas (Composição e Imprensa);
e) — Direito Constitucional e Administrativo.

(2.º Período)

a) — Língua e Literatura Nacionais;
b) — História da Civilização (Contemporânea);
c) — Ciências sociais;
d) — Artes gráficas (paginação e revisão);
e) — Técnica editorial;
f) — Elementos de história das Doutrinas Econômicas.

II.º ANO

(1.º Período)

a) — Problemas econômicos contemporânenos (internacionais);
b) — Técnica de Reportagem;
c) — Publicidade;
d) — Ética e história do jornalismo;
e) — Criminologia e Polícia;
f) — História e Sociologia Brasileira.

(2.º Período)

a) — Problemas econômicos contemporâneos; (nacionais);
b) — Publicidade;
c) — Técnica de Reportagem;
d) — Administração e Legislação de Imprensa (Elementos);

e) — Problemas políticos contemporâneos;
f) — História e Sociologia Brasileiras.

ARTIGO 4.º

Serão exigidas para inscrição no exame de admissão na Escola Brasileira de Jornalismo as mesmas condições que para a matrícula nos institutos superiores oficiais e inspecionados da República.

ARTIGO 5.º

Além dos alunos regulares admitidos de acôrdo com o artigo anterior serão admitidos alunos livres, desde que sejam aprovados no exame de admissão, e aos quais será conferido, na terminação do curso, um certificado de aproveitamento.

ARTIGO 6.º

O exame de admissão constará das seguintes matérias:

1 — Português;
2 — Geografia;
3 — Francês;
4 — Inglês;
5 — Psicologia e Lógica.

O Regimento interno especificará o modo de realização dêste exame.

ARTIGO 7.º

Os alunos livres só serão admitidos quando houver vagas nas matrículas regulares limitadas pelo Regimento Interno e fixados anualmente pela Congregação.

ARTIGO 8.º

A aprovação nas matérias de uma série dá direito à matrícula automática na série imediata, pagas as devidas taxas.

ARTIGO 9.º

Os cursos de tôdas as cadeiras obedecerão a programa apresentado pelo professor e aprovado pela Congregação.

Parágrafo Único — Os programas serão organizados de acôrdo com o horário prèviamente estabelecido, de modo que possam ser rigorosamente executados.

ARTIGO 10.º

O professor catedrático, quando as conveniências didaticas o indicarem, e concordar a Congregação, poderá agregar à respectiva cadeira um ou mais assistentes aos quais será cometida a execução de parte do programa.

ARTIGO 11.º

Os professores catedráticos poderão organizar, com o auxílio de assistentes ou de professores extranhos, de notória competência de cursos de aperfeiçoamento ou de especialização.

Parágrafo Único — Os nomes dos auxiliares e dos colaboradores de tais cursos, bem como seu programa deverão ser prèviamente aprovados pela Congregação.

ARTIGO 12.º

O ensino das disciplinas obedecerá a seriação estabelecida no artigo 3.º e deverá seguir rigorosamente o programa da cadeira.

Parágrafo Único — A Congregação estudará minuciosamente os programas apresentados, não só no que se refere à distribuição da matéria, como na necessária harmonisação.

ARTIGO 13.º

Nas cadeiras técnicas as preleções embora de caráter doutrinário, deverão tanto quanto possível, ter em vista a objetivação da matéria, sendo recomendável para exemplificação de conceito, quadros murais, projeções luminosas e quaisquer outros elementos de demonstração.

ARTIGO 14.º

Além de lecionar tôda a matéria constante do programa, compete ao professor dirigir o seminário de investigações nas matérias em que o Regimento Interno determinar.

ARTIGO 15.º

O ano letivo será dividido em dois períodos: o primeiro de 1.º de Março a 20 de Junho e o segundo de 10 de Julho a 15 de Dezembro.

ARTIGO 16.º

A Congregação organizará séries de conferências sôbre as matérias versadas na Faculdade, além de palestras, bibliográficas, seja por professores, seja por pessoas extranhas à escola.

ARTIGO 17.º

A verificação do preparo dos alunos far-se-á por meio de provas diversas, escritas e oraes, parciais ou não

§ 1.º — Far-se-ão provas parciais de 10 a 30 de Junho e de 15 a 25 de Dezembro. As provas parciais serão escritas e feitas sôbre três teses formuladas, no ato, pelo professor que a elas presidir, que já tiverem sido explicadas.

Parágrafo 2.º — As provas finais, realizadas no mês de Dezembro versarão sôbre ponto sorteado no momento dentre os do programa da cadeira. Serão orais e constarão de uma arguição de vinte minutos no mínimo a quarenta no máximo.

Parágrafo 3.º — Nas cadeiras em que houver ensino prático, as provas parciais serão orais e constarão de uma parte de arguição e outra de trabalhos práticos, sendo a nota representada pela média dos pontos obtidos nas duas partes.

Parágrafo 4.º — Nas matérias lecionadas em um só período haverá sòmente uma prova final constante de uma parte escrita e outra oral ou prática.

ARTIGO 18.º

Haverá segunda época de exames apenas para os alunos que tendo obtido média e frequência nas provas parciais não tenham podido comparecer às provas finais por motivos justificados.

ARTIGO 19.º

Não poderão inscrever-se para as provas finais os alunos que tenham faltado a mais de um quarto de aula em qualquer cadeira.

ARTIGO 20.º

Para inscrever-se nas provas finais, o aluno precisará ter obtido média 5 no mínimo nas provas parciais.

ARTIGO 21.º

O Regimento Interno determinará as matérias eliminatórias cujas provas finais deverão preceder as demais, em cada série.

ARTIGO 22.º

A aprovação em tôdas as matérias da segunda série dará direito a um diploma de bacharel em jornalismo.

ARTIGO 23.º

O Regime disciplinar da Escola será discriminado no Regimento Interno dentro das seguintes bases:

1 — A assinatura do têrmo da matrícula importa na aceitação plena e consciente das disposições regimentais; conseqüentemente não serão admitidas quaisquer manifestações contrárias a determinações didáticas, administrativas ou disciplinares.

2 — As dúvidas resultantes de fatos não previstos no Regimento Interno, ou que exijam interpretação, serão resolvidos pela Congregação no que respeita a parte didática ou pelo diretor, na parte puramente disciplinar e administrativa, sempre de acôrdo com os presentes Estatutos e com as leis federais brasileiras reguladoras do ensino.

3 — Não será tolerada a menor transgressão disciplinar no que toca à honestidade na execução das provas. Qualquer fato nesse ponto será punido com a anulação da prova. A reincidência implicará na expulsão do aluno.

4 — O professor é responsável pelo fiel cumprimento do Regimento Interno, na cátedra ou fora dela.

5 — Será facultada ampla defesa dos alunos processados por faltas disciplinares.

6 — Os estudantes serão representados perante a diretoria e a Congregação por um diretório acadêmico.

ARTIGO 24.º

A administração da escola é constituída de:

a) — Diretor;
b) — Congregação.

Parágrafo Único — Poderá ser em tempo oportuno, organizado o Conselho Técnico Administrativo, com as atribuições que a Congregação determinar.

ARTIGO 25.º

O diretor será eleito pela Congregação pelo prazo de quatro anos e perderá lugar em conseqüência, de falta apurada em inquérito regular processado e julgado pela Congregação.

ARTIGO 26.º

São atribuições do diretor:

I — Representar ativa e passivamente a Escola, em juizo ou fora dêle;

II — Representar a Escola nas suas relações com a Administração Pública, instituições científicas e corporações particulares;

III — Assinar os diplomas expedidos pela Escola;

IV — Assinar e expedir certificados dos cursos livres de aperfeiçoamento ou de especialização;

V — Convocar e presidir as reuniões da Congregação;

VI — Executar e fazer executar as decisões das Congregações;

VII — Dirigir a Administração da Escola, de acôrdo com os dispositivos regimentais e as decisões da Congregação;

VIII — Fiscalizar a fiel execução do regime didático especialmente no que respeita à observação de horário e programa, e a atividade dos professores e alunos;

IX — Manter a ordem e a disciplina em tôdas as dependências da Escola, e propor à Congregação as providências que se façam necessárias;

X — Propor à Congregação os nomes dos funcionários e auxiliares e contratá-los se por êste aprovado;

XI — Apresentar anualmente à Congregação um relatório dos trabalhos da Escola, nêle assinalando as providências indicadas para maior eficiência do ensino;

XII — Aplicar as penalidades regulamentares.

ARTIGO 27.º

São atribuições da Congregação:

I — Resolver, em grau de recurso, todos os casos que lhe forem afetos relativos aos interêsses do ensino;

I — Eleger o diretor;

III — Eleger dois de seus membros para fazer parte das comissões examinadoras dos concursos;

IV — Escolher os membros estranhos à Congregação que deverão completar as comissões examinadoras dos concursos;

V — Deliberar sôbre a realização de concursos e aprovar ou rejeitar os pareceres das comissões examinadoras;

VI — Aprovar os programas apresentados pelos professores;

VII — Aprovar ou rejeitar as propostas de contrato dos auxiliadores administrativos;

VIII — Reformar os presentes estatutos.

ARTIGO 28.º

A Escola Brasileira de Jornalismo se regerá em tudo o que lhe for aplicável pela legislação federal brasileira em matéria de ensino, obedecendo às prescrições referentes aos institutos livres de ensino superior. Logo que seja instalado o padrão federal, ou que seja possível, pleiteará o seu reconhecimento perante o Ministério da Educação.

ARTIGO 29.º

Os presentes estatutos não poderão ser reformados senão em virtude de modificações das leis de ensino da República ou da impossibilidade absoluta de ser cumpridos alguns de seus dispositivos.

ARTIGO 30.º

Em caso de extinção da Escola, em virtude de resolução tomada pela maioria da Congregação seus bens existentes, depois de liquidado o ativo e o passivo, serão doados à Associação Brasileira de Imprensa.

Parágrafo Único — A extinção será votada em três secções consecutivas da Congregação, realizadas num período de três mezes e mediante convocação pessoal de cada membro, com a declaração do fim a que as reuniões se destinam.

ARTIGO 31.º

Os membros da Congregação são solidàriamente responsáveis pelas despezas que houverem autorizado e o diretor, pessoalmente por aquelas que tiver ordenado sem prévia autorização ou fora dos limites desta.

Belo Horizonte, 19 de Dezembro de 1936.

(ass.) Santiago Dantas.
Ernani da Silva Bruno.

CURSO DE ECONOMIA POLÍTICA

Nos Moldes de Uma Concepção Corporativa do Estado Programa do Professor Alcibíades Delamare Adotado na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil

1.º PARTE

INTRODUÇÃO

1 — Conceito, natureza e definição de Economia política.

2 — Posição da Economia Política no quadro das ciências Sociais, Relação da Economia Política com as ciências jurídicas.

3 — A importância do método na Economia Política. O método intuitivo e o dedutivo, o histórico e o positivista.

4 — O "processus" de Le Play. A estatística. O inquérito. A monografia.

5 — Constituição e caracteres do fato social. O homem, a natureza e o trabalho como elementos fundamentais da Economia.

6 — O homem: origem e destino do ser humano. Primazia do homem. Seu senso social.

7 — A natureza: o meio como fator social. Relações da natureza com o homem.

8 — A sociedade: grupos animais e sociedades humanas. Origens sociais. Evolução cultural. Concepções sôbre as sociedades primitivas.

9 — Fundamentos e finalidades na vida social. Divisão dos grupos sociais; biológicos (Família), econômico (Associação), político (Estado) e espiritual (Igreja).

10 — Posição atual do problema econômico-social do mundo.

2.º PARTE

HISTÓRIA DA ECONOMIA E DAS DOUTRINAS ECONÔMICAS

11 — A Economia primitiva, Sistemas.

12 — A Economia nas grandes civilizações antigas, do Oriente: China, Índia, Assíria, Babilônia, Palestina.

13 — A Economia dos fênicios e dos egípicios.

14 — A Economia Greco-Romana.

15 — A Economia na Idade Média até o século XI. Condições agrárias. O Feudalismo. A indústria, o comércio e a circulação.

16 — A Economia dos XII a XV séculos. A indústria, o comércio e a circulação. As economias nacionais. A moeda e o crédito.

17 — A Economia do Renascimento (séculos) XVI ao XVII). A revolução industrial. As colonias. A América e a economia mundial.

18 — A Economia o século XIX fatores dominantes.

19 — A Economia no século XX fatores dominantes.

20 — Doutrinas econômicas da antiguidade greco-romana.

21 — Doutrinas econômicas da Idade Média.

22 — O mercantilismo ou sistema da balança do comércio. O Colbertismo. O sistema de Iaw.

23 — A fisiocracia. Quesnay e seus discípulos. Turcos.

24 — O liberalismo econômico. A escola clássica, inglesa. Adam Smith. Malthus. Ricardo. Stuart Mill.

25 — A escola clássica francesa. J. B. Say. Bastiat.

26 — Macleod e a revolução por êle operada nos quadros da Economia política.

27 — O socialismo. Precursores. Socialismo de Cátedra. Socialismo agrário.

28 — O comunismo. Karl Marx. Engels.

29 — O bolchevismo. Lenine. O plano qüinqüenal. Stalin.

30 — Cooperativismo e o solidarismo.

31 — Fascismo. Nacional-socialismo. Dolfismo. Salazarismo. Integralismo.

32 — O Cristianismo social. A Igreja e a Economia. A "União de Friburgo". A corrente de Liége e a de Angers.

33 — As encíclicas "Rerum Novarum" e "Quadragésimo Ano". O Código Social da União Internacional dos Estudos Sociais" de Malines.

34 — Concepção do Estado Orgânico-Racional Cristão.

3.ª PARTE

PRODUÇÃO

35 — A produção; conceito e definição. Fatores da produção. Causas e condições da produção econômica.

36 — A natureza como agente da produção. A Geo-Economia. Meio ambiente e físico; clima, situação geográfica, terra e sub-solo, fôrças motrizes.

37 — Bens econômicos, Riquezas. Serviços.

38 — O trabalho, noções gerais; natureza e caracteres.

39 — Leis do trabalho. Organização científica do trabalho; standartização, taylorismo, neo-taylorismo, fayolismo. Racionalização. Fisiologia do trabalho.

40 — Estudos históricos dos principais tipos de organização do trabalho: escravidão e servidão, regime das castas, corporações de ofício, libedade de concorrência e de contratos.

41 — O capital: noção, definição, natureza, caracteres especiais. Capitais produtivos e lucrativos. Capitais fixos e circulantes. Capitais incorpóreos.

42 — Leis da produção. Organização da produção. A técnica. Racionalização. Psico-técnica.

43 — A Indústria: evolução. Divisão e classificação. Indústria: extrativa, agrícola, manufatureira e de transportes, especialmente no que concerne e interessa ao Brasil.

44 — A máquina. Origem, natureza e ação da máquina sôbre o homem e a civilização. A máquina e a economia.

45 — A produção e o Estado, papel do Estado na Economia, Economia livre e Economia dirigida. Estados industriais.

46 — A Municipalização dos serviços públicos. As emprêsas de serviços públicos. A Emprêsa de viação, de energia elétrica, de pesca, de mineração.

47 — A produção e os sindicatos.

48 — Princípios de Economia Corporativa.

49 — A propriedade privada; sua natureza, seus caracteres essenciais, sua função social, seu fundamento jurídico. Adversários da propriedade privada; Saint-Simon e Proudhon. O socialismo agrário: Henry George. O coletivismo; Marx e Lassalle. Efeitos nefastos do comunismo.

4.ª PARTE

CIRCULAÇÃO

50 — A circulação: noção, caracteres e elementos. Circulação e troca de valores. Livre concorrência. Intervenção do Estado na circulação das riquezas.

51 — A moeda: origem e definição. Lei de Gresham. Moedas: principal, subsdiária e divisionária. Distinção entre cunhagem e emissão.

52 — Sistemas monetários: nometalismo e bimetalismo. Moeda papel e papel moeda. Câmbio das moedas. Saneamento do meio circulante brasileiro.

53 — Teoria do valor. O preço custo e troca. Fatores em ação. Justo preço. Lei da oferta e da procura. A tese marxista do "Plus Valia".

54 — O crédito: noção e definição. Instrumento de crédito: letra de câmbio, nota, promissória, cheques, apólices, títulos de empréstimos, debentures, letras hipotecárias.

55 — Bancos: funções e importância das instituições bancárias. Operações, depósitos, descontos, contas correntes.

56 — Divisão e classificação dos bancos: de crédito real, hipotecários, prediais, rurais e agrícolas, industriais; II) De crédito móvel: mercantis, indústria e comércio, populares, de compensação; (Dlearing House); III) De emissão; unidade e pluralidade, monopólio oficial e liberdade bancária.

57 — Crédito público. Empréstimos. Amortizações, Juros. Reembolso.

58 — Caixas Raiffeisen. Bancos populares. Cooperativas do tipo Schultze — Delizsch. Caixas Econômicas.

59 — O comércio: noção, caracteres e importância Divisões do comércio: terrestre e marítimo, importador e exportador, por atacado e a varejo.

60 — Feiras: bolsas, mercados a têrmo, caixas de liquidação.

61 — Proteccionismo e livre cambismo.

62 — Balança do comércio e das contas. Situação do Brasil em face do comércio internacional. Legislação alfandegária e regime dos tratados.

63 — Câmbio. Mecanismo das operações de câmbio. "Gold Point". Operações de arbitragem. O problema da estabilização. Caixa de Conversão.

DISTRIBUIÇÃO

64 — A igualdade e a desigualdade na distribuição das riquezas. O Estado e a distribuição das riquezas. Os participantes na riqueza.

65 — O juro. Legitimidade e ilegitimidade do juro. A usura. O mercado de capitais.

66 — Participação do operário nos benefícios e no capital. A cooperação na produção. O operariado acionista. Os ensinamentos encontrados nos documentos pontifícios, sobretudo nas encíclicas "Rerum Novarum" e "Quadragésimo Ano".

69 — A repartição das fortunas e das rendas. Os níveis de vida: consumo e economia. Orçamentos de família.

70 — O lucro. Valor normal e valor corrente. O Estado e os lucros da economia.

71 — O seguro. Suas bases estatísticas e morais. Importância econômica do seguro. Natureza e vantagem dos seguros. Seguros facultativos e obrigatórios. Seguros de

vida, marítimos, contra fôgo, acidentes, moléstias, invalidez e chomage.

72 — Assistência ao trabalhador. Caixas de pensões e aposentadorias.

6.ª PARTE

CONSUMO

73 — O consumo: noção, divisão e classificação. Consumo normal e consumo extraordinário.

74 — A necessidade e o superfluo no consumo: O luxo e as despesas excessivas. Avareza e prodigalidade. A higiene. O progresso em relação ao consumo.

75 — O fator demográfico. Raças e economia. Nacionalidade e economia. Os problemas demográficos nas suas relações com os fatos econômicos. Os fenômenos migratórios.

76 — Teorias da população da antiguidade a nossos dias. A população como fator do consumo. A teoria de Maithus; a sua falsidade científica e o seu desmentido histórico.

77 — Imigração, emigração e colonização. Leis demográficas. Situação demográfica do Brasil.

7.ª PARTE

PATOLOGIA DA VIDA SOCIAL

78 — A ordem e a desordem na vida econômica. A interferência de fatores extra-econômicos na Economia.

79 — A Polícia e a Economia. Abusos e deficiência da intervenção do Estado. A venalidade fiscal. Os "deficits". As prodigalidades do Estado. O contrabando.

80 — As guerras e a Economia Nacional e Mundial. Desequilíbrios orçamentários. Lucros da guerra.

81 — Agitação revolucionária e seu reflexo na Economia. A Economia, durante as revoluções e depois delas. As revoluções e sua ação econômica. Lutas de classes.

82 — As crises. História e natureza das crises econômicas. Classificação das crises de super-produção e de escassez. Crises: industriais, monetárias e financeiras; gerais e parciais, nacionais e mundiais.

83 — Teorias sôbre as crises econômicas.

84 — Soluções e remédios para as crises.

85 — As greves e sua repercussão econômica. O problema dos sem trabalho. O "lockout", o "dumping", a "sabotage".

86 — A surper-produção. A concorrência ilimitada As especulações falcistas.

ÍNDICE

Para se Compreender Êste Livro 5
Integralismo da Educação — Everardo Backeuser .. 15
A Escola e o Lar 17
Indivíduo e Sociedade 20
Princípios Cardiais da Escola Nova 21
Aspecto Pedagógico 22
Educação Integral 22
Pedagogia Integralista — Pe. Hélder Câmara 27
A Mulher, a Família, o Lar e a Escola — Belisário Penna 39
Integralismo e Educação Feminina — Margarida C. Albuquerque Corbisier 61
O Sentido da Formação Pliniana — Leopoldo Aires .. 71
A Mulher e o Integralismo — Carmen Pinheiro Dias 79
4 Capítulos de Plínio Salgado 95
Panorama do Mundo Ocidental 97
Preparação Para o Coletivismo Totalitário 109
Educação 119
As Causas da Irresponsabilidade 129
Apêndice 135
Secretaria Nacional de Cultura Artística 137
A Preparação das Elites Integralistas 149
Seção Universitária 160
Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos 168
O Integralismo e a Imprensa 187
Estatuto da Escola Brasileira de Jornalismo 195
Curso de Economia Política 207

FÔLHA CARIOCA EDITÔRA S/A
Rua João Cardoso, 23
Rio de Janeiro-Brasil